



Organização
Internacional
do Trabalho

► Relatório da OIT

Perspetivas Sociais e de Emprego no Mundo

Tendências 2024

► **Perspetivas
Sociais e de
Emprego no
Mundo**

Tendências 2024

© Organização Internacional do Trabalho 2024.
Publicado pela primeira vez em 2024.



Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

Este trabalho está licenciado ao abrigo da *Creative Commons Attribution 4.0 International*. Ver (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>). É permitida a reprodução, partilha (cópia e distribuição), adaptação (composição, alteração e transformação para criar um trabalho derivado), de acordo com o descrito na licença. O utilizador deve claramente indicar que a OIT é a fonte da obra e se foi feita qualquer alteração ao conteúdo original. Não é permitida a associação do símbolo, nome e logótipo da OIT a traduções, adaptações ou outros trabalhos derivados.

Atribuição – O trabalho deve indicar se foram feitas alterações e citar o trabalho como se segue: *Perspetivas Sociais e de Emprego no Mundo; tendências 2024*. Genebra: Bureau Internacional do Trabalho, 2024. © OIT.

Traduções – Tratando-se de uma tradução deste trabalho, a isenção de responsabilidade deve ser acompanhada da menção da fonte da obra: *Esta é uma tradução de um trabalho sob licença da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Esta tradução não foi realizada, revista ou aprovada pela OIT e não deve ser considerada uma tradução oficial da OIT. A OIT está isenta de qualquer responsabilidade pelo conteúdo e precisão da tradução. A responsabilidade recai exclusivamente sobre o/a autor/a ou autores/as da tradução.*

Adaptações – No caso de uma adaptação do presente trabalho, deve indicar-se, juntamente com a atribuição, a seguinte isenção de responsabilidade: *Esta é uma adaptação de um trabalho sob licença da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Esta adaptação não foi realizada, revista ou aprovada pela OIT e não deve ser considerada uma adaptação oficial da OIT. A OIT está isenta de qualquer responsabilidade pelo conteúdo e precisão da adaptação. A responsabilidade recai exclusivamente sobre o/a autor/a ou autores/as da adaptação.*

Obras de terceiros – Esta licença *Creative Commons* não se aplica a obras com direitos autorais não pertencentes à OIT incluídas nesta publicação. Se o material for atribuído a terceiros, o utilizador desse material é o responsável único pela obtenção das autorizações necessárias junto do titular dos direitos e por qualquer alegada violação.

Qualquer conflito relativo a esta licença que não possa ser resolvido de forma amigável será submetido a arbitragem de acordo com as Regras de Arbitragem da Comissão das Nações Unidas para o Direito Comercial Internacional (UNCITRAL). As partes estarão vinculadas por qualquer sentença arbitral proferida em resultado dessa arbitragem como decisão final desse conflito.

As dúvidas relativas a direitos autorais e licenças devem ser enviadas para rights@ilo.org. Podem ser obtidas informações sobre as publicações e os produtos digitais da OIT em: www.ilo.org/publns.

ISBN: 78-972-704-504-4 (PDF web)

mercado de trabalho / escassez de mão de obra / condições económicas / inflação / salários / relatório / OIT pub
13.01.2

Também disponível em espanhol: *Perspectivas Sociales y del Empleo en el Mundo: Tendencias 2024*, ISBN: 9789220400456 (impresso), 9789220400463 (PDF web), francês: *Emploi et questions sociales dans le monde: Tendances 2024*, ISBN: 9789220400432 (impresso), 9789220400449 (PDF web) e em inglês *World Employment and Social Outlook: Trends 2024*, ISBN 9789220400418 (impresso); 9789220400425 (PDF web), ISSN 2709-7080 (impresso); 2709-7099 (online), DOI: <https://doi.org/10.54394/HQAE1085>

As designações constantes das publicações e das bases de dados da OIT, que estão em conformidade com a prática seguida pelas Nações Unidas, e a apresentação do material nelas contido, não significam a expressão de qualquer juízo de valor por parte da OIT em relação ao estatuto jurídico de qualquer país, zona ou território ou das suas autoridades, ou à delimitação das suas fronteiras ou limites. Detalhes em www.ilo.org/disclaimer.

As opiniões e pontos de vista expressos nesta publicação pertencem aos/às autores/as e não refletem necessariamente as opiniões, pontos de vista ou a política da OIT.

A referência ou a não referência a nomes de empresas, produtos e processos comerciais não implica qualquer apreciação favorável ou desfavorável por parte da OIT.

Créditos das fotografias

Capa frontal: © KrulUA/iStock

Produzido pela Unidade de Gestão de Produção e Gestão de Publicações da OIT.

Código: DESIGN/WEI/PMSERV

Prefácio

O relatório *Perspetivas Sociais e de Emprego no Mundo: Tendências* deste ano fornece uma avaliação abrangente das últimas tendências do mercado de trabalho, incluindo o desemprego, a criação de emprego, a participação da mão de obra e as horas trabalhadas. Importa salientar que o mesmo também associa estas tendências aos seus resultados sociais, e são estas conclusões que são mais reveladoras quando avaliamos a plena importância destes desenvolvimentos – tanto a nível da elaboração de políticas como a nível da vida dos indivíduos.

O relatório constata que, embora alguns dos dados sejam encorajadores, nomeadamente no que se refere ao crescimento e ao desemprego, uma análise mais aprofundada revela que os desequilíbrios do mercado de trabalho estão a aumentar e que, no contexto de crises globais múltiplas e interativas, esse fator tem corroído os progressos no sentido de uma maior justiça social.

Desse modo, embora em 2023 o desemprego mundial tenha descido para o nível mais baixo desde o início da pandemia, e a pobreza no trabalho e a informalidade se tenham aproximado das taxas pré-pandemia, as projeções da OIT sugerem que haverá poucas alterações positivas nestes indicadores, em 2024.

O crescimento da produtividade e o nível de vida também não registaram melhorias, apesar dos progressos tecnológicos terem sido, em grande medida, implementados com o objetivo de os impulsionar. Com efeito, há indícios de que a natureza da implantação tecnológica em curso poderá vir a aumentar as disparidades a nível nacional e mundial, em vez de as reduzir.

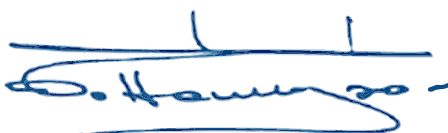
As medidas destinadas a fazer face aos salários insuficientes, má qualidade do emprego e grandes desigualdades – em termos de género, remuneração, competências – não são apenas significativas para o nosso bem-estar económico – são também componentes essenciais para a construção da justiça social. E sem uma maior justiça social as hipóteses de resolvermos os grandes problemas da nossa era são reduzidas. As pessoas não apoiarão as escolhas difíceis que devem ser feitas em matéria de alterações climáticas, cuidados de saúde, tecnologia e emprego, se sentirem que os custos e oportunidades não são partilhados de forma equitativa, e se não existir um trabalho digno que lhes dê a oportunidade de construir um futuro melhor.

Neste contexto complicado, os decisores políticos deparam-se com decisões difíceis. Impulsionar o crescimento económico será essencial para evitar a atual espiral de crise que nos afeta, mas tem de se tratar de um crescimento económico de qualidade, que não só crie mais empregos, como também melhore as condições de trabalho, torne as nossas sociedades mais resilientes e contribua para que o nosso futuro seja sustentável.

O que este relatório deixa claro é que os problemas que enfrentamos atingem uma dimensão e complexidade demasiado grandes para que qualquer grupo, país ou região possa resolvê-los individualmente. As políticas e ações escolhidas têm de ser coordenadas e devem reforçar-se mutuamente, tanto a nível nacional como multilateral. Além disso, essa coordenação deve ser alargada à afetação de recursos financeiros e tecnológicos.

Uma resposta mais eficaz e coordenada contribuirá também para nos colocar no bom caminho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas e os compromissos assumidos na COP28 – que, de forma encorajadora e pela primeira vez, incluíram uma referência à importância dos direitos laborais, do diálogo social, da proteção social e do trabalho digno para alcançar a transição justa de que todos necessitamos.

A recente decisão do Conselho de Administração da OIT de apoiar uma Coligação Global para a Justiça Social facilitará essa coordenação. A Coligação reunirá os conhecimentos e as competências de um grupo único e diversificado de organismos e partes interessadas internacionais a fim de promover respostas coordenadas, a nível nacional, regional e mundial. Isto contribuirá para assegurar uma abordagem centrada no ser humano e, desse modo, garantir que a justiça social seja reconhecida como a pedra angular de uma recuperação global sustentável.



Gilbert F. Houngbo
Diretor-geral da OIT

Índice

Prefácio	3
Agradecimentos	9
Sumário executivo: Resiliência do emprego em condições de crescente fragilidade	11
1. A resiliência do mercado de trabalho será testada a curto prazo	17
O crescimento demonstrou ser resiliente perante a crescente fragilidade	17
A resiliência económica manteve as condições do mercado de trabalho estáveis em 2023	20
Em termos prospetivos, existem riscos de a criação de emprego se deteriorar ainda mais	26
A persistência de défices de trabalho digno está a comprometer o progresso a longo prazo	28
Referências bibliográficas	33
2. Tendências do emprego e sociais por região	35
Visão geral	35
África	36
Tendências do mercado de trabalho no Norte de África	36
Tendências do mercado de trabalho na África Subsariana	37
Desafios em matéria de dados para uma governação da migração laboral em África baseada em dados concretos	38
Américas	40
Tendências do mercado de trabalho na América Latina e nas Caraíbas	40
Estagnação do crescimento da produtividade do trabalho na América Latina e Caraíbas	42
Tendências do mercado de trabalho na América do Norte	42
Estados Árabes	43
Tendências do mercado de trabalho nos Estados árabes	43
Implicações das deslocações forçadas no mercado de trabalho	45
Ásia e Pacífico	46
Tendências do mercado de trabalho na Ásia e no Pacífico	47
Informalidade e novas formas de trabalho na Ásia e no Pacífico	48
Europa e Ásia Central	50
Tendências do mercado de trabalho na Europa e na Ásia Central	50
Panoramas mistos do desemprego jovem na Europa	52
Referências bibliográficas	54

3. Escassez de mão de obra no meio de uma procura não satisfeita por trabalho digno 59

Visão geral	59
Uma procura crescente por mão de obra	60
Procura de mão de obra: Vagas por preencher em economias avançadas	60
Consequências locais e globais da escassez de mão de obra e de competências	62
Oferta de mão de obra	62
Participação da população ativa: Há menos pessoas a trabalhar ou à procura de emprego?	63
Horas trabalhadas: As horas médias e totais divergiram	65
Será que os mercados de trabalho não conseguem adaptar-se?	67
A escassez de mão de obra pode enraizar-se	70
Observações finais: Prioridades de ação	71
Referências bibliográficas	73

Apêndices

A. Agrupamentos de países e zonas por região e nível de rendimento	80
B. Estimativas modeladas da OIT	83
C. Quadros de indicadores do mercado de trabalho por grupos regionais	84

Lista de caixas

1.1. Os níveis de investimento diminuirão modestamente face a custos de financiamento mais elevados	18
1.2. Repercussões globais: Riscos de deterioração do PIB suscetíveis de agravar os desafios em matéria de emprego	19
1.3. <i>Baby boom versus baby bust</i> : Impacto da inflação no mercado de trabalho na década de 2020, em comparação com a década de 1970	32
2.1. Impacto do conflito Israel-Hamas no emprego total nos Territórios Palestinos Ocupados	43
3.1. Parcerias globais para o desenvolvimento de competências em duas vias	72

Lista de figuras

1.1. Projeção do crescimento do PIB em 2023, comparando as perspetivas de outubro de 2022 e de outubro de 2023 (percentagens)	18
1.2. Perspetivas de crescimento do PIB (variação percentual)	19
1.3. Variações recentes e projetadas da inflação (percentagens)	20
1.4. Taxas totais de participação da população ativa (pontos percentuais)	21
1.5. Taxas de desemprego (percentagens)	22
1.6. Crescimento do emprego, 2020-2023, por sexo e grupos de rendimento por país (percentagens)	23
1.7. Média de horas semanais efetivamente trabalhadas por trabalhador por conta de outrem, 2019 e 2023, por grupo de rendimento, por país e por sexo	24

1.8.	Crescimento anual dos salários reais em 2023 (percentagens)	25
1.9.	Crescimento do emprego, 2023-2025, por sexo e grupos de rendimento por país (percentagens)	26
1.10.	Assimetria de género nas taxas de participação, 2023 e 2025 (pontos percentuais)	29
1.11.	Taxas de desemprego dos jovens e dos adultos (percentagens)	29
1.12.	Emprego informal como percentagem do emprego total, 2004-2024 (percentagens)	30
1.13.	Crescimento da população com idades entre os 20 e 64 anos, por período de tempo e grupo de rendimento por país (percentagens anuais compostas)	32
2.1.	Conjunto internacional de trabalhadores migrantes, África e sub-regiões, total e percentagem feminina, 2010-2019	39
2.2.	Taxa média anual de crescimento da produtividade, 2015-2023 (percentagens)	42
2.3.	Disparidades de género nos resultados do mercado de trabalho nos Estados árabes, 2023	45
2.4.	Taxas de emprego informal, Ásia e Pacífico e sub-regiões, 2004-2023 (percentagens)	49
2.5.	Taxas de desemprego jovem prevalentes, em comparação com valores máximos e mínimos entre 2003 e 2023, União Europeia (percentagens)	53
3.1.	Canais de ajustamento do mercado de trabalho e desequilíbrios consequentes	60
3.2.	Vagas de emprego em economias (avançadas) selecionadas, janeiro de 2002 a setembro de 2023 (desvios padrão em relação à média)	61
3.3.	Taxas de participação da força de trabalho feminina, em comparação com a tendência histórica pré-pandémica (desvio em relação à tendência em pontos percentuais)	63
3.4.	Participação da força de trabalho jovem (percentagens)	64
3.5.	Jovens NEET, por sexo e agrupamento de rendimento (percentagem da população dos 15 aos 24 anos)	65
3.6.	Total de horas <i>versus</i> média de horas efetivamente trabalhadas por trabalhador por conta de outrem	66
3.7.	Número de dias de baixa por doença, por trabalhador e ano, e aumento da percentagem, 2019-2022	67

Lista de quadros

1.1.	Défice de postos de trabalho e taxa do défice de postos de trabalho, 2019-2023, por sexo, mundo e grupo de rendimento	23
1.2.	Taxas de participação da população ativa por grupo de rendimento, 2019-2025	27
1.3.	Taxa de desemprego e desemprego, 2019-2025, por sexo, mundo e grupo de rendimento	28
1.4.	Pobreza no trabalho, 2020-2023, mundo e por grupo de rendimento por país	30
2.1.	Estimativas e projeções de horas de trabalho, emprego, desemprego e população ativa, regional e sub-regional, África, 2010-2025	37
2.2.	Estimativas e projeções de horas de trabalho, emprego, desemprego e força de trabalho, regional e sub-regional, Américas, 2010-25	41
2.3.	Estimativas e projeções de horas de trabalho, emprego, desemprego e força de trabalho, regional e sub-regional, Estados árabes, 2010-2025	44
2.4.	Estimativas e projeções do tempo de trabalho, emprego, desemprego e força de trabalho, regional e sub-regional, Ásia e Pacífico, 2010-2025	47
2.5.	Estimativas e projeções de horas de trabalho, emprego, desemprego e força de trabalho, regional e sub-regional, África, 2010-2025	51

Agradecimentos

Perspetivas Sociais e de Emprego no Mundo: tendências 2024 foi elaborado pela Unidade de Políticas e Empregos Macroeconómicos do Departamento de Investigação da OIT, liderada por Ekkehard Ernst. O relatório foi redigido por Steven Tobin, Richard Horne, Lisa Feist, Miguel Sanchez Martinez e Pascal Kampert, sob a coordenação geral e liderança de Ekkehard Ernst. O relatório foi produzido sob a orientação geral de Richard Samans, Diretor do Departamento de Investigação da OIT. Os autores agradecem todas as contribuições e sugestões recebidas dos Gabinetes Regionais da OIT para a África, Estados árabes, Ásia e Pacífico, Europa e Ásia Central, e América Latina e Caribe.

As estimativas modeladas da OIT apresentadas no presente relatório foram produzidas pela Unidade de Produção e Análise de Dados, liderada por Steven Kapsos, no Departamento de Estatística da OIT, e pela Unidade de Políticas e Empregos Macroeconómicos do Departamento de Investigação da OIT. Os autores reconhecem especialmente o trabalho de modelagem realizado por Evangelia Bourmpoula, Paloma Carrillo, Roger Gomis, Stefan Kühn, Avichal Mahajan e Miguel Sanchez Martinez. A base de dados subjacente dos indicadores internacionais do mercado de trabalho utilizados para produzir as estimativas foi preparada pela Unidade de Produção e Análise de Dados do Departamento de Estatística da OIT. Os autores também reconhecem os esforços de David Bescond, Vipasana Karkee, Quentin Mathys, Yves Perardel e Mabelin Villarreal-Fuentes.

James Howard, Conselheiro Sênior do Diretor-Geral da OIT contribuiu com excelentes comentários e sugestões. O Departamento de Investigação da OIT faz questão de reconhecer as observações e sugestões apresentadas pelos seguintes colegas da OIT: Yukiko Arai, Marie-France Auer, Tulio Cravo, Sukti Dasgupta, Sara Elder, Elisenda Estruch-Puertas, Roger Gomis, Tite Habiyakare, Claire Harasty, Susan Hayter, Maren Hopfe, Aya Jaafar, Steven Kapsos, Stefan Kühn, Jesse Mertens, Michael Mwasikakata, David Mosler, Yves Pérardel, Gerhard Reinecke, Dorothea Schmidt-Klau, Oliver Liang, Juan Marcelo Cuautle Segovia, Ken Chamuva Shawa, Sergei Suarez Dillon Soares, Theo Sparreboom, Juan Jacobo Velasco, Christian Viegelahn, Felix Weidenkaff. Os autores agradecem também aos colegas da ACTEMP e da ACTRAV pelos seus excelentes comentários e sugestões.

Gostaríamos de expressar a nossa gratidão a Judy Rafferty e aos nossos colegas da Unidade de Produção de Publicações pela ajuda no processo de produção, e aos nossos colegas do Departamento de Comunicação e Informação Pública da OIT pela sua contínua colaboração e apoio na divulgação do relatório.



Sumário executivo

Resiliência do emprego em condições de crescente fragilidade

A recuperação económica desacelerou...

O ambiente macroeconómico deteriorou-se significativamente ao longo do ano de 2023. As tensões geopolíticas em curso, bem como a inflação persistente e crescente, obrigaram os bancos centrais a uma intervenção mais frequente e agressiva. As autoridades monetárias das economias avançadas e emergentes puseram em prática o aumento mais rápido das taxas de juro observado desde a década de 1980, com repercussões a nível mundial significativas. As grandes economias emergentes, como a China, a Turquia e o Brasil, desaceleraram consideravelmente, com um impacto negativo na atividade industrial, no investimento e no comércio mundiais. O crescimento das economias avançadas foi praticamente reduzido a metade. Dado o desvio significativo e altamente persistente da inflação em relação aos objetivos, espera-se que os bancos centrais mantenham uma orientação rigorosa das condições financeiras, pelo menos até ao final de 2024. Consequentemente, a recuperação económica e social após a pandemia continua incompleta e novas vulnerabilidades estão a minar os progressos em matéria de justiça social.

... enquanto o crescimento do emprego se revelou resiliente e a taxa de desemprego atingiu o seu nível mais baixo...

Apesar do abrandamento económico, o crescimento mundial em 2023 foi ligeiramente superior ao previsto e os mercados de trabalho mostraram uma resiliência surpreendente. Graças ao forte crescimento do emprego, tanto a taxa de desemprego como o défice de emprego diminuíram abaixo dos valores anteriores à pandemia. A taxa de desemprego mundial em 2023 situou-se em 5,1 por cento, uma melhoria modesta em comparação com 2022. O défice global de empregos registou igualmente melhorias em 2023, mas permaneceu elevado com cerca de 435 milhões. Além disso, em 2023, as taxas de participação no mercado de trabalho tinham recuperado amplamente dos

seus mínimos pandémicos, especialmente entre os países de rendimento médio inferior e os países de rendimento elevado, embora com grandes diferenças entre grupos no mercado de trabalho, contribuindo para os desequilíbrios globais do mercado de trabalho, nomeadamente nas economias avançadas. Além disso, o número médio de horas trabalhadas permanece abaixo dos níveis pré-pandémicos

(2019), o que pesa sobre a mão de obra mundial disponível e causa desequilíbrios no mercado de trabalho, especialmente em setores-chave nas economias avançadas e em algumas economias emergentes. Apesar de terem diminuído ligeiramente em 2023, começam a surgir preocupações de que estes desequilíbrios do mercado de trabalho sejam de natureza estrutural e não cíclica.

... embora os salários reais tenham diminuído e a pobreza no trabalho tenha atingido o seu ponto mais baixo

Apesar da redução do desemprego e do crescimento positivo do emprego, os salários reais diminuíram na maioria dos países do G20, uma vez que os aumentos salariais não conseguiram acompanhar o ritmo da inflação. Além disso, em 2023, o número de trabalhadores e trabalhadoras que vivem em situação de pobreza extrema, ou seja, que ganham menos de 2,15 USD por dia por pessoa em termos de paridade de poder de compra (PPC), aumentou em quase mais de 1 milhão a nível mundial. Verifica-se um padrão semelhante quando se analisa a pobreza moderada

dos trabalhadores e trabalhadoras, ou seja, que ganham menos de 3,65 USD por dia por pessoa em termos de PPC. De facto, o número de trabalhadores e trabalhadoras que vivem em pobreza moderada aumentou em 8,4 milhões em 20223 com um declínio da pobreza moderada apenas observado nos países de rendimento médio-alto. Numa nota positiva, as taxas de informalidade regressaram aos níveis pré-pandémicos, embora o número de trabalhadores e trabalhadoras informais tenha atingido 2 mil milhões devido ao aumento da mão de obra mundial.

As condições financeiras começaram a deteriorar-se, reforçando as fragilidades

Não obstante, por detrás das tendências favoráveis dos números do emprego, começou a emergir uma fragilidade que deverá atingir em primeiro lugar os países que já se debatiam com dificuldades antes da pandemia. Os países em desenvolvimento altamente endividados correm o risco de entrar rapidamente em dificuldades financeiras à medida que as condições financeiras a nível mundial se

tornam mais rigorosas, com repercussões significativas no emprego, nas condições de trabalho e no crescimento dos salários. Até à data, estes problemas mantiveram-se localizados, com poucas repercussões regionais ou mesmo mundiais. No entanto, se as tensões financeiras afetarem de forma sistemática mais países relevantes, não é de excluir uma nova crise financeira mundial.

O investimento manteve-se resiliente...

As taxas de investimento mundiais recuperaram significativamente desde o mínimo histórico registado durante a crise financeira mundial, incluindo durante a pandemia. O aumento dos custos de financiamento e a deterioração geral do nível de incerteza até à data não impediram o regresso a uma atividade de investimento mais elevada, especialmente entre os países europeus. Além disso, graças à forte evolução dos produtos de base, os países da África Subsaariana registaram uma aceleração

significativa do investimento e deverão manter as taxas de investimento num dos níveis mais elevados das últimas três décadas. Por outro lado, os países da Ásia Oriental e do Sudeste Asiático registaram um abrandamento moderado do investimento, embora a partir de níveis muito elevados. De um modo geral, é de esperar um declínio temporário do investimento, mas as taxas de investimento globais deverão manter-se significativamente acima dos níveis observados durante a década de 2010.

... mas o crescimento da produtividade continuou a desacelerar num contexto de aumento das pressões sobre os preços

Após um curto surto de crescimento à medida que os países recuperavam da pandemia, a produtividade agregada do trabalho regressou rapidamente ao seu baixo ritmo observado na década anterior. É importante notar que este abrandamento ocorreu apesar da aparente aceleração do progresso tecnológico, nomeadamente no que respeita às tecnologias digitais. A este respeito, o aumento do investimento observado em muitos países avançados e, em alguns países em desenvolvimento, não parece ter impulsionado o crescimento da produtividade, presumivelmente devido ao forte crescimento do investimento em serviços pouco produtivos e na construção.

Durante períodos de crescimento lento da produtividade, o rendimento disponível real e os salários reais são muitas vezes vulneráveis aos choques súbitos de preços. Uma vez que apenas um pequeno número de empresas vê os seus ganhos acelerarem, a maioria dos

trabalhadores e trabalhadoras não pode pedir um aumento significativo dos seus ganhos, tendo sido confrontados, bem como as suas famílias, com uma erosão acelerada do seu rendimento disponível real. Além disso, dada a grande heterogeneidade setorial dos rendimentos, verificou-se um novo aumento da desigualdade de rendimentos em cada país. Embora os responsáveis pelas políticas macroeconómicas possam congratular-se com a ausência de uma espiral salários-preços, num contexto de crescimento já pouco dinâmico e de perda de rendimentos durante a pandemia, uma tal erosão do rendimento disponível real é um mau presságio para a procura agregada e para uma recuperação económica mais sustentada. Mais importante ainda, quando a procura vacila, o crescimento da produtividade é afetado, uma vez que as empresas não conseguem gerar receitas suficientes para investir e adaptar-se aos mais recentes desenvolvimentos tecnológicos.

Os desequilíbrios do mercado de trabalho foram agravados pelo fraco crescimento da produtividade e pela redução da média de horas trabalhadas...

As preocupações com a escassez de mão de obra e de competências continuaram a ocupar um lugar de destaque na agenda dos decisores políticos, pelo menos nas economias avançadas e em algumas economias emergentes. Apesar de uma rápida recuperação das taxas de atividades, os setores com trabalhadores e trabalhadoras essenciais manifestaram dificuldades em atrair pessoas para responder à crescente procura de cuidados, transportes e trabalho no comércio a retalho. Verificou-se também uma escassez persistente noutros setores, como a indústria transformadora, a construção e as TIC. Parte do desafio no que respeita à escassez de trabalhadores essenciais tem a ver com as más condições de trabalho nestes setores. O abrandamento da produtividade torna difícil oferecer salários mais elevados por parte dos empregadores destes setores. Além disso, a rápida mudança da procura setorial e a política orçamental de apoio criaram uma pressão adicional sobre a procura de mão de obra em setores específicos que eram difíceis de satisfazer rapidamente. Este desajustamento setorial foi muitas vezes agravado pela reduzida mobilidade geográfica, dada a falta de habitação a preços acessíveis a trabalhadores e trabalhadoras. Embora estas carências pareçam ter diminuído com políticas macroeconómicas

mais rigorosas, os desequilíbrios do mercado de trabalho continuaram a persistir.

A recuperação das taxas de atividade para os níveis anteriores à pandemia tem sido desigual e não beneficiou da mesma forma todos os grupos do mercado de trabalho. As taxas de atividade das mulheres recuperaram mais rapidamente do que o previsto, mas as disparidades de participação entre homens e mulheres continuam a ser significativas, em especial nos países emergentes e em desenvolvimento. Mais preocupante é a situação da população jovem. Embora a taxa de atividade jovem tenha recuperado acima da tendência, uma grande parte dos jovens e das jovens que abandonaram o mercado de trabalho não seguem, qualquer modalidade de formação e continuam a enfrentar desafios significativos para regressar. A taxa de NEET (jovens que não estudam, não trabalham nem frequentam formação) continua a ser elevada em todos os níveis de rendimento e, em especial, entre as mulheres jovens, o que coloca desafios significativos à sua ligação ao mercado de trabalho a longo prazo.

Embora as pessoas tenham regressado ao mercado de trabalho, tendem a não trabalhar o mesmo número de horas que antes da pandemia. Com efeito, em todos os países de todos os níveis de rendimento, o número médio de horas trabalhadas registou um aumento inferior do que

o número total de horas trabalhadas, verificando-se uma grave escassez em alguns setores intensivos em atividades de contacto interpessoal. Em parte, esta situação está relacionada com as consequências para a saúde a longo prazo que se têm vindo a acumular nos últimos três anos. Com efeito, o número de licenças por doença aumentou significativamente em comparação com os níveis anteriores à pandemia, o que indica efeitos persistentes da COVID-19 na saúde das pessoas. Além disso, as medidas de política para manter os trabalhadores e trabalhadoras no seu emprego independentemente do número de horas trabalhadas estão a desaparecer lentamente e impediram uma recuperação mais rápida da média de horas trabalhadas. Por último, o aumento observado na incidência do emprego a tempo parcial contribui para reduções a longo prazo da média de horas trabalhadas, uma vez que os trabalhadores e trabalhadoras a tempo parcial têm muitas vezes dificuldade em regressar a um emprego a tempo completo.

À medida que a economia continua a abrandar, parte desta escassez de mão de obra será absorvida por empresas que publicitam menos vagas. No entanto, como o crescimento da produtividade continua a ser fraco, é provável que a escassez de mão de obra persista. Além disso, nos países que registam um envelhecimento da população, os empregadores enfrentarão dificuldades crescentes para preencher as suas vagas, apesar do abrandamento do crescimento. Os trabalhadores e trabalhadoras mais velhos tendem a mudar de emprego com menos frequência. O envelhecimento da população significa que menos pessoas mudam de emprego, ficando muitas vagas por preencher. A melhoria das condições de trabalho e o aumento da produtividade poderão ajudar a resolver alguns destes desequilíbrios do mercado de trabalho, tal como uma distribuição mais equitativa das oportunidades de emprego nos países que enfrentam um grave excesso de mão de obra.

... uma indicação de problemas estruturais que afetam o ajustamento do mercado de trabalho

À medida que os fatores cíclicos que afetam os mercados de trabalho vão sendo lentamente absorvidos, as questões estruturais do ajustamento dos mercados de trabalho tornam-se mais prementes. Por um lado, os regimes de manutenção dos postos de trabalho - como os que foram postos em prática em muitas economias avançadas - revelaram-se essenciais para que as empresas e os trabalhadores e trabalhadoras não perdessem experiência e competências valiosas. No entanto, isto significou uma menor propensão para mudar rapidamente para novas oportunidades com o início da recuperação. Além disso, as tendências a longo prazo da produtividade e do envelhecimento da população nas economias avançadas e em algumas economias emergentes abrandaram o ajustamento

necessário para absorver os desequilíbrios do mercado de trabalho induzidos pela pandemia. Uma força de trabalho que é, em média, mais velha e com menor mobilidade - em parte devido aos problemas no mercado da habitação acima descritos - também terá menos oportunidades de mudar para oportunidades de emprego alternativas. Essas oportunidades poderão simplesmente não existir devido ao abrandamento generalizado do crescimento da produtividade, reduzindo as possibilidades de transição para empregos mais bem remunerados. Por último, apesar das melhorias modestas registadas em 2023, as taxas atividade, tanto dos homens como das mulheres, deverão diminuir em 2024 e 2025 na maioria dos países de todos os grupos de rendimento, seguindo a sua tendência de longo prazo.

A aceleração do progresso tecnológico está a testar a resiliência do mercado de trabalho

O ajustamento do mercado de trabalho será ainda posto à prova pela aceleração do progresso tecnológico. No ano de 2023, assistiu-se à chegada de mais uma vaga de inovações digitais em torno da inteligência artificial generativa. Apesar deste aparente progresso tecnológico, os níveis de vida e o crescimento da produtividade não melhoraram, o que constitui mais um indício da lentidão do ajustamento do mercado de trabalho. A falta de competências e as barreiras à entrada de novos operadores criadas por grandes monopólios digitais revelaram-se obstáculos significativos a uma adoção tecnológica mais rápida, em

especial nos setores de baixa produtividade e nos países em desenvolvimento. Além disso, é provável que as desigualdades geográficas se agravem, uma vez que um pequeno número de conglomerados continua a atrair a maior parte do investimento no setor digital. Muitos países, incluindo os do mundo em desenvolvimento, adotaram políticas para encorajar a inteligência artificial. No entanto, no atual clima de tensões geopolíticas, a transferência tecnológica parece enfrentar obstáculos crescentes que dificultarão uma estratégia de salto qualitativo nos países em desenvolvimento para aproveitar os benefícios que estas tecnologias digitais

oferecem. Além disso, as iniciativas de maior envergadura em matéria de competências exigem recursos orçamentais nacionais significativos que foram corroídos pela pandemia, incluindo nas economias avançadas. Os países que anseiam por uma transformação digital mais rápida que beneficie a

sociedade em geral terão de recorrer a novas abordagens políticas, incluindo uma abordagem mais pró-ativa do desenvolvimento tecnológico, por exemplo, através de uma política de inovação orientada e da mobilização de recursos através de fundos soberanos.

As perspetivas permanecem nebulosas, uma vez que as múltiplas crises põem em causa a justiça social

No futuro, as perspetivas do mercado de trabalho tenderão a deteriorar-se, embora de forma moderada.

As taxas de desemprego mundiais registarão um ligeiro aumento ao longo do horizonte das previsões, principalmente devido ao aumento do desemprego nas economias avançadas. Prevê-se que o desemprego aumente ligeiramente em 2024. À medida que as taxas de participação da população ativa diminuem e o crescimento do emprego abrandar, mais 2 milhões de trabalhadores e trabalhadoras irão procurar emprego, fazendo subir a taxa de desemprego global de 5,1 por cento em 2023 para 5,2 por cento em 2024. Ao mesmo tempo, o défice global de emprego, embora tenha melhorado, com mais de 434 milhões de pessoas, manteve-se elevado em 2023. Além disso, é pouco provável que a erosão dos salários reais e dos padrões de vida, devido às taxas de inflação elevadas e persistentes e ao aumento dos custos da habitação, seja compensada rapidamente. O desemprego jovem continua a representar um desafio para um ajustamento mais rápido das estruturas e do mercado de trabalho, especialmente nos países com elevadas taxas de NEET. A este respeito, a lacuna aberta pela pandemia tem de ser colmatada rapidamente através de iniciativas dirigidas de competências específicas para evitar uma maior erosão da resiliência do emprego. Não se prevê que as taxas

de informalidade continuem a melhorar, com cerca de 58 por cento da população ativa mundial a permanecer no emprego informal em 2024. Do mesmo modo, é provável que a pobreza no trabalho se mantenha.

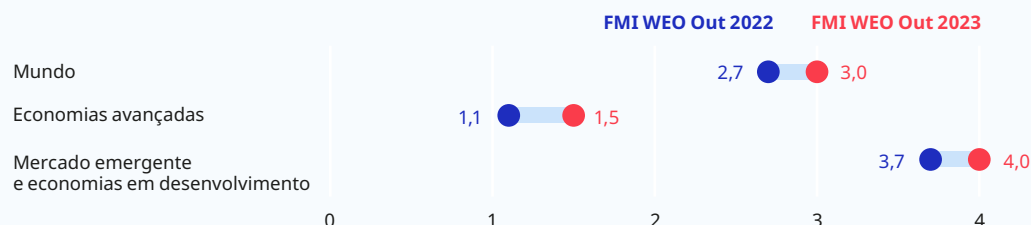
Persistem desafios importantes que devem ser resolvidos rapidamente para acelerar o processo de realização dos objetivos de sustentabilidade da ONU. Este respeito, o atual ambiente de tensões geopolíticas é um mau presságio para uma coordenação internacional rápida e eficaz para enfrentar os grandes desafios económicos, ecológicos e sociais. Os governos precisam de reforçar a sua economia através de iniciativas para aumentar o crescimento da produtividade e o nível de vida. A este respeito, os governos e os parceiros sociais poderiam recorrer aos instrumentos de cooperação internacional existentes para promover iniciativas regionais em matéria de produtividade, por exemplo, através do reforço das parcerias globais em matéria de competências. Por último, apesar de os governos terem regressado aos lugares de comando da economia, os seus recursos foram esgotados, especialmente nos países de baixo e médio rendimento. O trabalho atualmente desenvolvido pelo G20 para promover a cooperação internacional com vista a uma melhor utilização dos fundos multilaterais de desenvolvimento deve ser incentivado e acelerado para apoiar as economias mais frágeis.

1 A resiliência do mercado de trabalho será testada a curto prazo

► O crescimento demonstrou ser resiliente perante a crescente fragilidade

O PIB em 2023 demonstrou ser mais resiliente do que o previsto. Em outubro de 2022, as perspectivas do Fundo Monetário Internacional (FMI) para o crescimento do PIB (produto interno bruto) em 2023 foram limitadas por aumentos persistentes das taxas de juro destinadas a controlar a inflação (FMI 2022). Estimava-se que o aumento frequente e rápido das taxas de juro abrandasse consideravelmente o crescimento mundial. No entanto, em outubro de 2023, a projeção de crescimento do PIB mundial para 2023 foi revista em alta em 0,3 pontos percentuais em relação às previsões do ano anterior, principalmente devido a uma maior procura de serviços (FMI 2023). O crescimento do PIB foi revisto em alta em 0,4 pontos percentuais para as economias avançadas e em 0,3 pontos percentuais para os mercados emergentes e as economias em desenvolvimento (figura 1.1). Parte do crescimento mais favorável do que o previsto em 2023 resultou também de níveis de investimento que se mantiveram elevados, apesar do aumento dos custos dos empréstimos (caixa 1.1).

► **Figura 1.1. Projeção do crescimento do PIB em 2023, comparando as perspectivas de outubro de 2022 e de outubro de 2023 (percentagens)**



Fonte: FMI (2022 e 2023).

► **Caixa 1.1. Os níveis de investimento diminuirão modestamente face a custos de financiamento mais elevados**

A nível mundial, estima-se que o investimento em percentagem do PIB em 2023 tenha sido 26,4%, ou seja, apenas 1 ponto percentual abaixo do nível de 2022 (FMI 2023). A queda nas economias avançadas foi ainda menos pronunciada (de 23,2% em 2022 para 22,4% em 2023). Esta situação não se compara, por exemplo, com a queda de 3 pontos percentuais nas economias avançadas em 2009, no auge da crise financeira mundial. Parte da recente persistência subjacente no investimento pode ter estado associada a expectativas ancoradas de que a inflação (e as taxas de juro) voltaria aos níveis previstos (ver caixa 1.3).

Esta resiliência do investimento pode também ser atribuída à rapidez da ação política no início da pandemia que visou mitigar o choque de incerteza que a crise sanitária provocou. No entanto, a atual conjuntura macroeconómica, condicionada em parte por crescentes tensões geopolíticas, alterou a composição do investimento, passando de investimentos altamente inovadores para investimentos de baixa rentabilidade. Tal contribuiu provavelmente para reforçar a atividade económica e o emprego a curto prazo, mas uma dependência excessiva de investimentos de produtividade mais baixa, como o comércio a retalho, pode travar a produtividade e a melhoria geral das condições de vida a médio prazo.

As pressões inflacionistas abrandaram em 2023, mas permaneceram elevadas.

O aumento dos preços em 2021 e 2022 verificou-se na sequência de um forte estímulo orçamental por parte dos governos durante a pandemia de COVID-19 e de pressões na cadeia de abastecimento exacerbadas pela evolução geopolítica, incluindo a invasão da Ucrânia pela Federação Russa. Embora todas as regiões e economias tenham registado um aumento da inflação desde 2020, as economias avançadas registaram níveis de inflação mais baixos do que as economias dos mercados emergentes e em desenvolvimento. Embora a inflação tenha descido em relação ao seu pico de 2022, permaneceu consideravelmente acima dos níveis-alvo dos bancos centrais ao longo de 2023, com uma média de 4,6% nas economias avançadas e 8,5% nas economias em desenvolvimento. Esta situação teve consequências negativas importantes no crescimento dos salários reais (ver figura 1.8).

As perspectivas do PIB para 2024 caracterizam-se por uma heterogeneidade considerável nos agrupamentos por país.

A resiliência do crescimento do PIB em 2023 foi mais evidente nos países de rendimento médio-baixo e médio-alto (figura 1.2). Os países de rendimento elevado registaram um abrandamento significativo do crescimento do PIB em 2023, em comparação com 2022, e os países de baixo rendimento também registaram um abrandamento acentuado. Prevê-se que o PIB se mantenha estável em 2024, a nível mundial, relativamente a 2023, prevendo-se que os países de baixo rendimento e de rendimento médio-baixo registem uma melhoria durante este período (FMI 2023). No entanto, devido à presença e persistência de repercussões a nível mundial, existe o risco de o crescimento se deteriorar num futuro próximo (caixa 1.2)

► **Figura 1.2. Perspetivas de crescimento do PIB (variação percentual)**

	2020	2021	2022	2023	2024	2025
Mundo	-3,0	6,2	3,4	2,9	2,9	3,2
Países de baixo rendimento	-0,5	2,2	2,9	0,6	3,7	5,1
Países de rendimento médio-baixo	-3,1	6,2	5,1	4,6	5,1	5,4
Países de rendimento médio-alto	-1,3	7,3	3,1	4,0	3,5	3,5
Países de rendimento elevado	-4,3	5,6	3,0	1,5	1,6	2,0

Nota: As estimativas do PIB baseiam-se em USD internacionais constantes de 2017.

Fonte: Cálculos dos autores com base no FMI (2023).

► **Caixa 1.2. Repercussões globais: Riscos de deterioração do PIB suscetíveis de agravar os desafios em matéria de emprego**

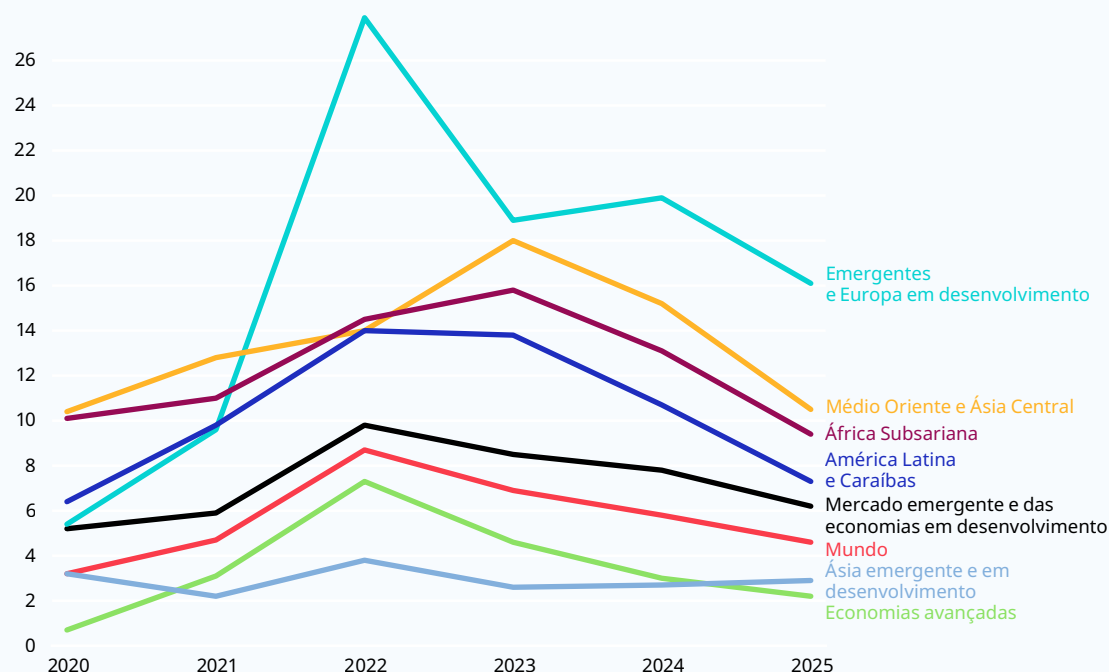
As perspetivas relativas ao PIB e emprego estão sujeitas a vários riscos a nível mundial. Os principais são os riscos económicos, laborais e sociais e as repercussões conexas decorrentes do conflito entre Israel e o Hamas, que eclodiu em outubro de 2023, aumentando as tensões no Médio Oriente. Os fatores geopolíticos e um conflito prolongado ou alargado no Médio Oriente podem também ter implicações, designadamente, na escala das crises de refugiados, com impacto nos países vizinhos e noutros países da Europa e não só.

Outro risco de deterioração resulta de potenciais perturbações nas cadeias de valor mundiais. Um recente boletim do Banco de Pagamentos Internacionais (BPI) indica que, embora as ligações diretas entre países tenham diminuído significativamente entre dezembro de 2021 e setembro de 2023, houve um aumento das ligações indiretas entre países (Qiu, Shin e Zhang 2023). Como tal, a economia global permanece altamente interligada e – ao contrário dos padrões de comércio pós-pandemia de “*near-shoring*” – está longe de estar imune aos desenvolvimentos regionais.

Por último, se as taxas de juro se mantiverem mais elevadas, e durante mais tempo, nos Estados Unidos da América e noutras economias avançadas, poderão ter efeitos multiplicadores no crescimento global através de níveis mais elevados de dívida soberana e de outros canais de transmissão nos mercados emergentes e nas economias em desenvolvimento. Em suma, existem riscos descendentes consideráveis para o crescimento e para o emprego num futuro próximo.

A inflação – embora em abrandamento – poderá tornar-se generalizada em 2024 e 2025. As perspetivas de crescimento económico melhores do que o previsto refletem, em parte, o facto de as pressões inflacionistas estarem a diminuir à medida que se dissipam os choques de custos resultantes da subida dos preços dos produtos energéticos e dos produtos alimentares (figura 1.3). No

entanto, uma vez que cada mais setores são afetados pela inflação, poderá persistir uma inflação mais elevada, ainda que a níveis inferiores aos máximos atingidos em 2022 (FMI 2023). Uma vez que a inflação evidenciou resistência à queda, espera-se que as taxas de juro permaneçam elevadas ao longo do horizonte de previsão. Isso poderá continuar a travar verdadeiros aumentos nos salários reais.

► **Figura 1.3. Variações recentes e projetadas da inflação (percentagens)**

Fonte: Cálculos baseados no FMI (2023).

► A resiliência económica manteve as condições do mercado de trabalho estáveis em 2023

Devido a um crescimento económico em 2023 mais forte do que o previsto, as taxas de participação total da população ativa ultrapassaram a sua tendência linear de longo prazo.¹ Possivelmente impulsionadas por um mercado de trabalho mais forte do que o previsto, as taxas de participação aumentaram em várias regiões em 2023, nomeadamente nos países de elevado rendimento (em 0,3 pontos percentuais) e nos países de rendimento médio-baixo (em 1,5 pontos percentuais) (quadro 1.2). Nos países de baixo rendimento e nos países de rendimento médio-alto, as taxas de participação da população ativa diminuíram (em 0,1 e 0,3 pontos percentuais, respetivamente). Comparando as taxas de participação de 2023 com a tendência linear de 1991-2019, podem ser feitas várias observações (figura 1.4). Em primeiro lugar, exceto nos países de baixo rendimento, as taxas de

participação de 2023 foram mais elevadas do que a tendência linear de 1991-2019, o que indica que as taxas de participação recuperaram significativamente, face aos seus mínimos pandémicos. Em segundo lugar, porém, as taxas de participação foram inferiores em 2023 às suas tendências lineares no Norte de África, na América Latina e nas Caraíbas e, em menor medida, no Sudeste Asiático e no Pacífico. Com efeito, existem diferenças consideráveis entre as sub-regiões da OIT (ver capítulo 2). Mais importante ainda, embora a participação no mercado de trabalho esteja acima da tendência, ocorreram vários desvios importantes que são ocultados quando os valores agregados são analisados. Por exemplo, as mulheres, os jovens e os migrantes – grupos particularmente afetados pela pandemia – continuam a evidenciar taxas de participação comparativamente baixas (ver Capítulo 3).

¹ Devido ao método de estimativa geral da tendência linear, apenas as discrepâncias superiores a $\pm 0,5$ pontos percentuais são consideradas fora da tendência.

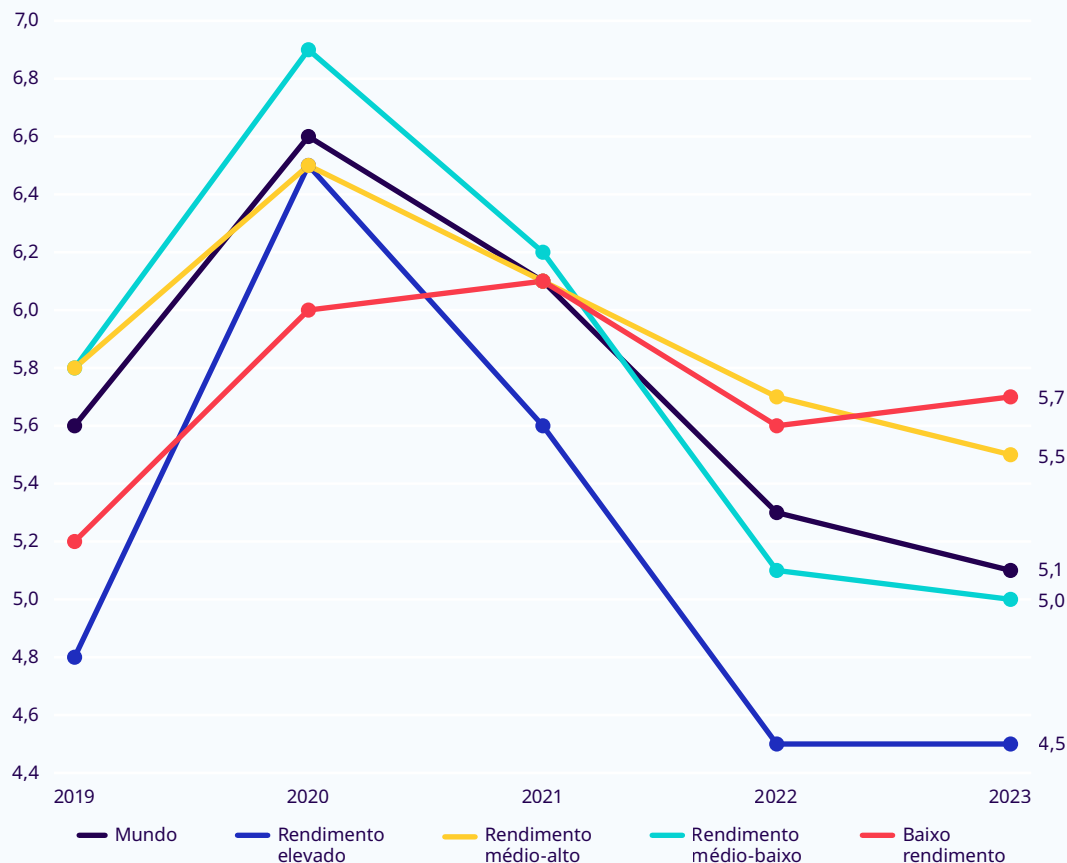
► **Figura 1.4. Taxas totais de participação da população ativa (pontos percentuais)**

A trajetória descendente das taxas de desemprego manteve-se em 2023. As taxas de desemprego caíram globalmente 0,2 pontos percentuais em 2023, para 5,1 por cento, com quedas na maioria dos agrupamentos de países, exceto nos países de baixos rendimentos, onde as taxas subiram, e nos países de rendimento elevado, onde o desemprego se manteve estável (figura 1.5). Além disso, exceto nos países de baixo rendimento, as taxas de desemprego em 2023 foram consistentemente inferiores aos níveis pré-pandemia de 2019.

O déficit de postos de trabalho melhorou nos últimos anos, mas em 2023 situou-se em cerca de 435 milhões.²

Desde o auge da pandemia, em 2020, o déficit de postos de trabalho continuou a diminuir, situando-se agora abaixo do nível pré-pandemia de 2019 (quadro 1.1). Globalmente, espera-se que o déficit de postos de trabalho atinja 434,8 milhões de pessoas em 2023, o que corresponde a uma taxa de déficit de postos de trabalho de 11,1 por cento. Isto representa uma diminuição de 5,6 milhões na dimensão do déficit de postos de trabalho a partir de 2022. Entre as

² O "déficit de postos de trabalho" inclui todas as pessoas que querem emprego, independentemente de estarem atualmente disponíveis ou à procura de emprego. Ver OIT (2023).

► **Figura 1.5. Taxas de desemprego (percentagens)**

Fonte: ILOSTAT, estimativas modeladas da OIT, novembro de 2023.

mulheres, espera-se que o défice de postos de trabalho fosse de 220,7 milhões em 2023, e entre os homens, 214,1 milhões. A taxa de défice de emprego feminino em 2023 foi de 13,7 por cento, contrastando com 9,3 por cento entre os homens. Em todos os agrupamentos de rendimento nacionais, o défice de emprego das mulheres é mais elevado do que o dos homens, mas as diferenças de género são mais pronunciadas nos países de baixos rendimentos e nos países de rendimentos baixos-médios, onde o défice de emprego das mulheres ultrapassou o dos homens em quase 7 pontos percentuais. Em 2023, nos países de rendimento médio-elevado e de rendimento elevado, a taxa de défice de emprego feminino foi superior à dos homens em 3,0 e 2,3 pontos percentuais, respetivamente. Em todos os grupos de rendimento nacionais, a taxa de défice de emprego diminuiu desde 2020, tendo a descida mais pronunciada (3,0 pontos percentuais) ocorrido nos países de rendimento elevado.

O crescimento do emprego manteve-se positivo em todos os grupos de rendimento, face aos ventos contrários da economia.

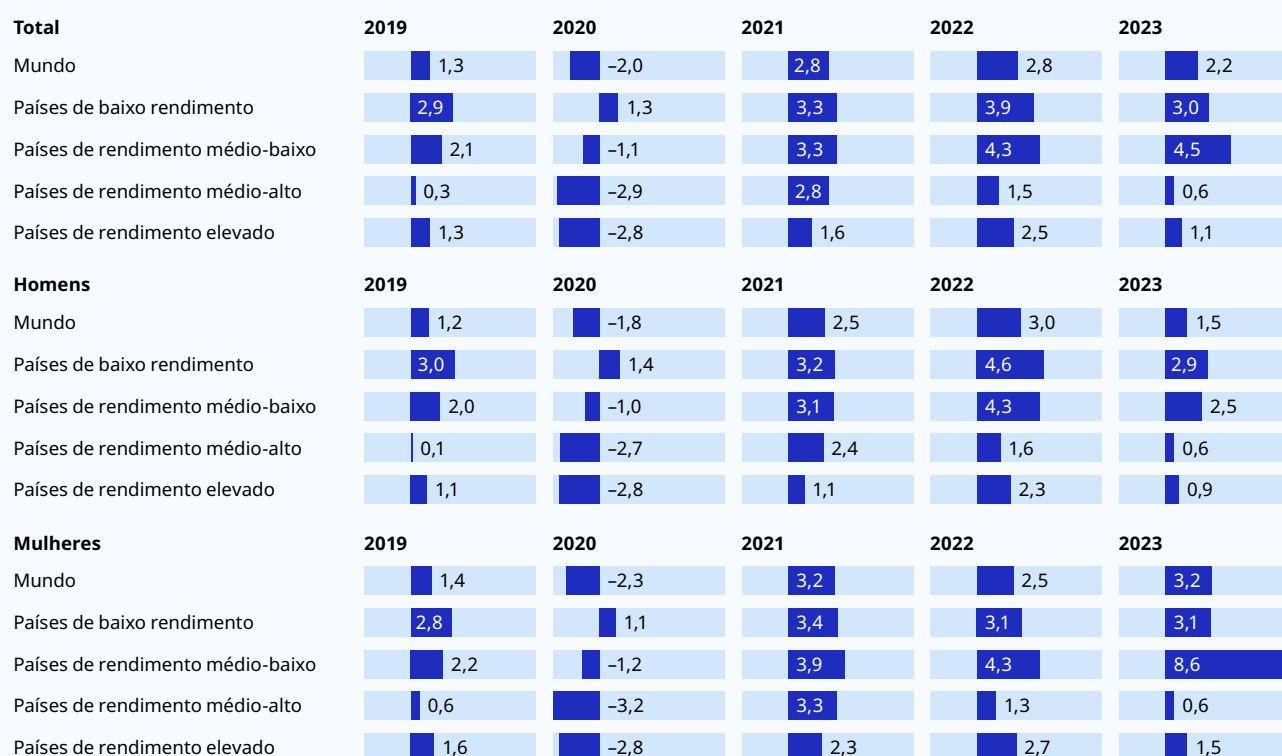
Em 2023, a queda nas taxas de desemprego foi uma consequência de um crescimento do emprego mais rápido do que a participação no mercado de trabalho. No entanto, desde 2021, o crescimento do emprego a nível mundial desacelerou, de um modo geral (figura 1.6). Em 2023, o crescimento do emprego, embora permaneça positivo, diminuiu na maioria dos grupos de rendimento (à exceção dos países de rendimento médio-baixo). A nível mundial, o emprego cresceu 2,2 por cento em 2023, em comparação com 2,8 por cento no ano anterior. A desaceleração do crescimento do emprego foi particularmente acentuada nos países de rendimento médio-alto e de rendimento elevado. Embora o crescimento total do emprego tenha desacelerado em 2023, o crescimento do emprego feminino superou ou igualou o dos homens em todos os grupos de rendimento. Apesar de uma

► **Quadro 1.1. Déficit de postos de trabalho e taxa do déficit de postos de trabalho, 2019-2023, por sexo, mundo e grupo de rendimento**

Grupo de países	Sexo	Taxa do déficit de postos de trabalho (percentagens)					Déficit de postos de trabalho (milhões)				
		2019	2020	2021	2022	2023	2019	2020	2021	2022	2023
Mundo	Mulheres	14,4	16,1	15,3	14,2	13,7	219,7	244,7	238,0	223,0	220,7
	Homens	10,0	11,6	10,7	9,6	9,3	219,3	254,8	238,3	217,5	214,1
	Total	11,8	13,4	12,6	11,5	11,1	439,0	499,5	476,4	440,4	434,8
Países de baixo rendimento	Mulheres	24,1	25,5	25,1	24,4	24,3	31,7	34,7	35,2	34,9	35,7
	Homens	16,6	17,8	17,8	17,5	17,4	25,8	28,5	29,4	30,1	30,9
	Total	20,0	21,4	21,1	20,6	20,5	57,6	63,3	64,5	65,0	66,6
Países de rendimento médio-baixo	Mulheres	16,2	17,4	16,8	16,0	15,4	67,3	72,2	72,2	71,1	73,7
	Homens	10,1	11,6	10,5	9,1	8,9	84,0	97,3	90,1	79,6	79,5
	Total	12,1	13,5	12,6	11,4	11,1	151,3	169,4	162,3	150,6	153,2
Países de rendimento médio-alto	Mulheres	13,2	14,8	14,0	12,6	12,0	89,8	99,8	96,4	86,7	82,4
	Homens	9,6	11,1	10,2	9,4	9,0	81,2	93,2	86,6	80,2	77,3
	Total	11,2	12,8	11,9	10,8	10,4	171,0	193,0	183,0	166,9	159,7
Países de rendimento elevado	Mulheres	10,4	12,8	11,4	10,0	9,5	30,9	38,0	34,2	30,3	28,9
	Homens	7,8	9,9	8,9	7,6	7,2	28,2	35,9	32,3	27,6	26,4
	Total	8,9	11,2	10,1	8,7	8,2	59,1	73,9	66,6	57,9	55,3

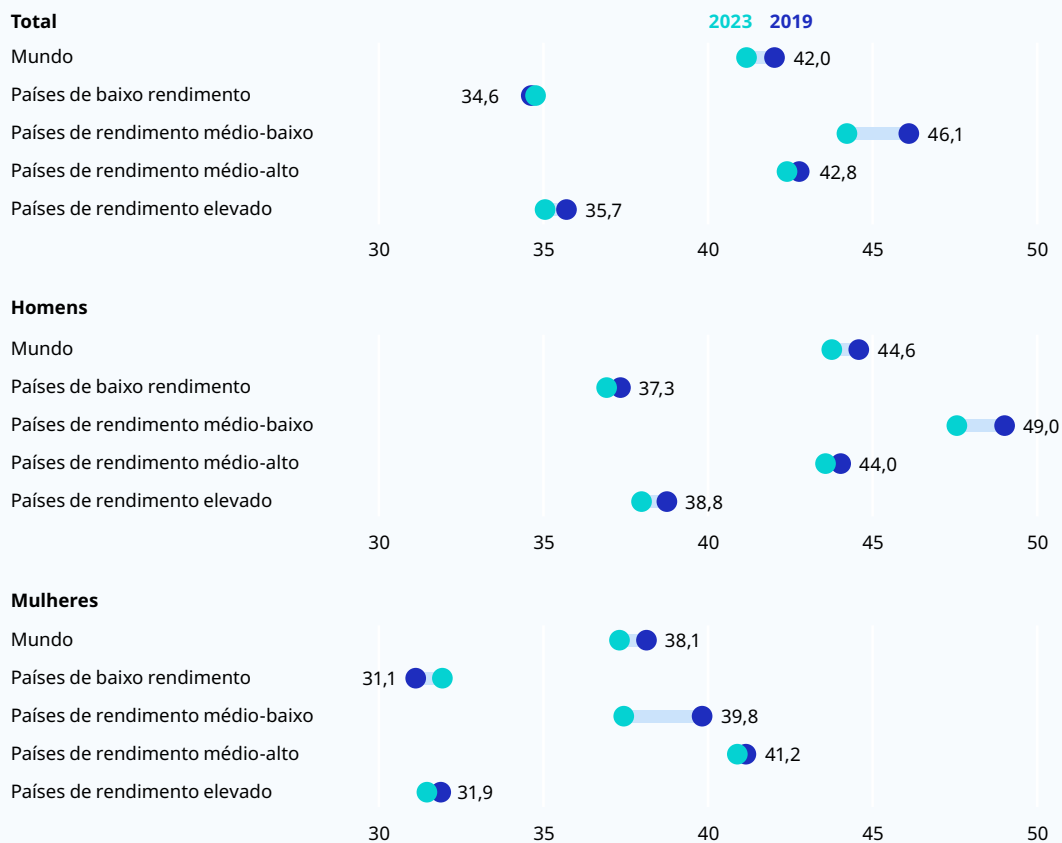
Fonte: ILOSTAT, estimativas modeladas da OIT, novembro de 2023.

► **Figura 1.6. Crescimento do emprego, 2020-2023, por sexo e grupos de rendimento por país (percentagens)**



Fonte: ILOSTAT, estimativas modeladas da OIT, novembro de 2023.

► **Figura 1.7. Média de horas semanais efetivamente trabalhadas por trabalhador por conta de outrem, 2019 e 2023, por grupo de rendimento, por país e por sexo**



Nota: Este indicador baseia-se na definição da 13.ª Conferência Internacional dos Estatísticos do Trabalho (ICLS). Para mais informações, consultar a descrição da base de dados das Estimativas Modeladas da OIT (ILOEST) (<https://ilostat.ilo.org/resources/concepts-and-definitions/ilo-modelled-estimates/>).

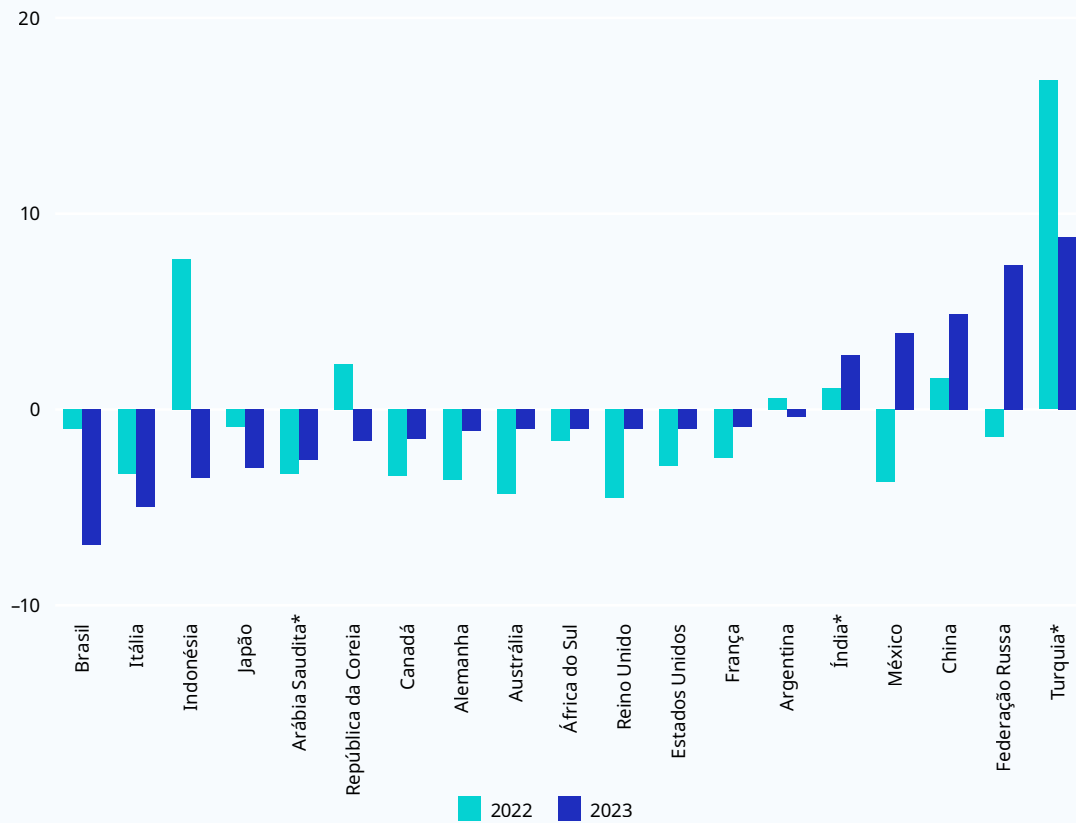
Fonte: ILOSTAT, estimativas modeladas da OIT, novembro de 2023.

desaceleração do crescimento do emprego, nomeadamente nos países de elevado rendimento, persistem desequilíbrios no mercado de trabalho e nas competências, em vários países e setores (ver capítulo 3).

No entanto, a média de horas trabalhadas ainda não recuperou totalmente da pandemia. Num contexto de crescimento positivo do emprego, a nível mundial, a média de horas trabalhadas por semana, por pessoa empregada, atingiu aproximadamente 42 (figura 1.7). Embora em alguns casos – países de baixo rendimento e países de rendimento médio-alto – esses países estejam a aproximar-se dos níveis de 2019, as horas médias trabalhadas permanecem consistentemente abaixo dos seus níveis pré-pandémicos,

uma circunstância que pode afetar negativamente a oferta global de mão de obra (ver Capítulo 3). Isto verifica-se particularmente entre os países de rendimento médio baixo. As tendências recentes da média de horas trabalhadas são, em geral, coerentes entre os géneros.

Apesar do baixo desemprego e do crescimento positivo do emprego, nos países com dados disponíveis, os salários reais têm vindo a diminuir. A grande maioria dos países do G20 com dados salariais disponíveis registou uma queda dos salários reais em 2023, o que significa que os aumentos salariais não conseguiram acompanhar o ritmo da inflação (figura 1.8). Apenas a China, a Federação Russa e o México registaram um crescimento real positivo dos salários em

► **Figura 1.8. Crescimento anual dos salários reais em 2023 (percentagens)**

Nota: No que respeita a 2023, os dados referem-se ao crescimento dos salários reais no primeiro ou no segundo trimestre, em comparação com o mesmo trimestre em 2022. Os dados de 2022 referem-se ao crescimento dos salários reais a 10 anos, em comparação com 2021.

* Os dados relativos à Índia, à Arábia Saudita e à Turquia referem-se a alterações entre 2022 e 2021 (em vez de 2023 e 2022) e entre 2021 e 2020 (em vez de 2022 e 2021).

Fonte: Base de dados *Global Wage Database* da OIT.

2023. Os maiores ganhos salariais verificaram-se na China e na Federação Russa, onde o crescimento da produtividade do trabalho se situou entre os mais elevados dos países do G20 em 2023. O crescimento dos salários reais na Índia e na Turquia também foi positivo, mas os dados disponíveis

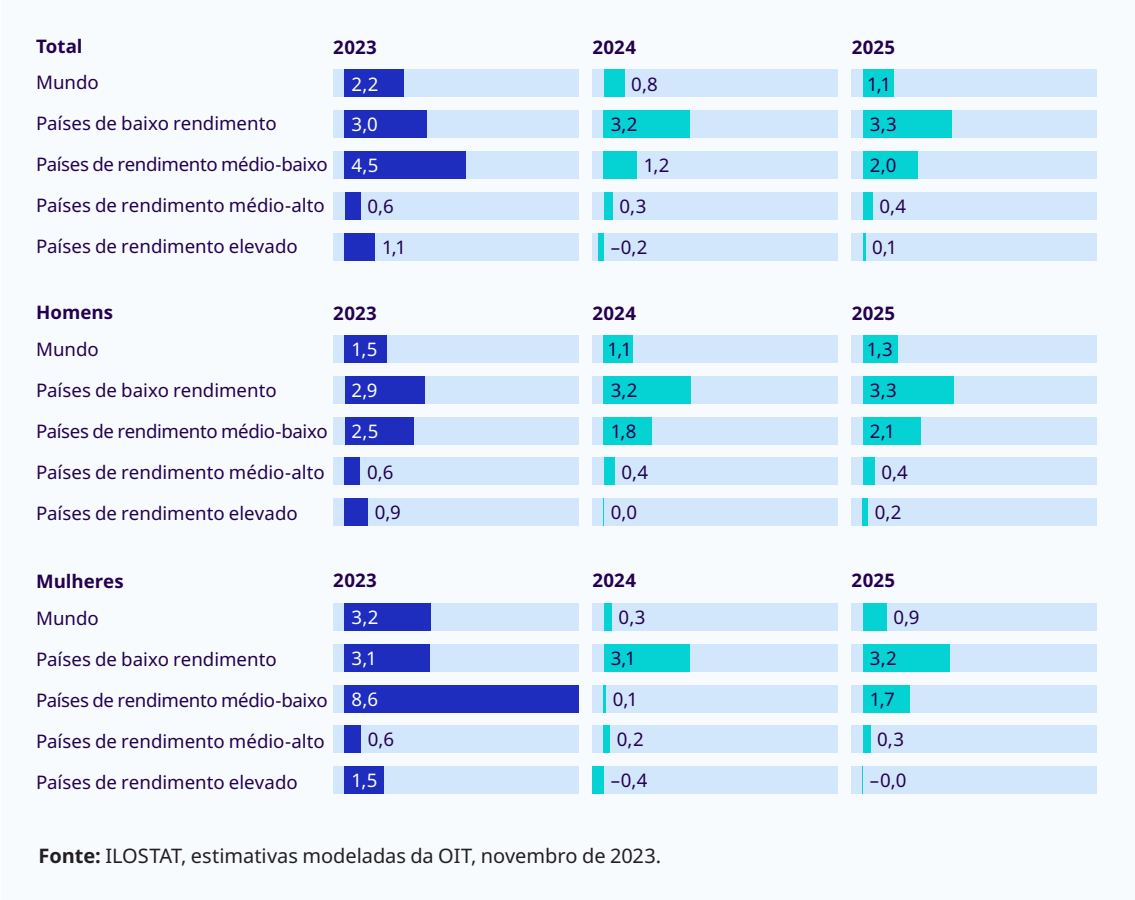
respeitam a 2022 em relação a 2021. Os outros países do G20 registaram uma queda dos salários reais; as descidas foram particularmente pronunciadas no Brasil (6,9 por cento), em Itália (5 por cento) e na Indonésia (3,5 por cento).

▶ Em termos prospetivos, existem riscos de a criação de emprego se deteriorar ainda mais

Prevê-se que o abrandamento económico atinja finalmente a criação de emprego em 2024. A resiliência do mercado de trabalho em 2023 pode ter resultado, em parte, do facto de o emprego ser normalmente um indicador atrasado, pelo que é mais provável que as deficiências na criação de emprego se venham a revelar algum tempo após o abrandamento do crescimento económico. Assim, a nível mundial, prevê-se que o crescimento do emprego permaneça positivo em 2024, mas com taxas de apenas 0,8 por cento em 2024 e 1,1 por cento em 2025 (menos de metade do crescimento do emprego de 2023) (figura 1.9). A situação é particularmente

preocupante nos países de rendimento elevado, onde se prevê que o crescimento do emprego se torne negativo em 2024, só se prevendo melhorias (modestas) em 2025. Do mesmo modo, prevê-se que os países de rendimento médio-alto atinjam poucos ganhos em termos de emprego nos próximos dois anos. Por outro lado, os ganhos a nível de emprego nos países de rendimento baixo e de rendimento baixo-médio continuarão robustos. Ao contrário de 2023, quando o crescimento do emprego feminino ultrapassou o dos homens, em 2024 espera-se que o crescimento do emprego entre as mulheres seja inferior ao dos homens.

▶ **Figura 1.9. Crescimento do emprego, 2023-2025, por sexo e grupos de rendimento por país (percentagens)**



► **Quadro 1.2. Taxas de participação da população ativa por grupo de rendimento, 2019-2025**

Grupo de países	Sexo	Anos						
		2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
Mundo	Mulheres	48,0	46,8	47,6	47,9	48,7	48,2	48,0
	Homens	73,0	71,7	72,2	72,9	73,0	72,9	72,9
	Total	60,5	59,2	59,8	60,3	60,8	60,5	60,4
Baixo rendimento	Mulheres	56,2	55,4	55,6	55,2	55,2	55,1	55,0
	Homens	74,4	73,6	73,7	74,4	74,3	74,2	74,2
	Total	65,2	64,4	64,6	64,7	64,6	64,6	64,5
Rendimento médio-baixo	Mulheres	34,9	34,1	34,8	35,4	37,7	37,0	37,0
	Homens	73,9	72,8	73,2	74,2	74,9	74,8	75,0
	Total	54,6	53,6	54,1	54,9	56,4	56,1	56,2
Rendimento médio-alto	Mulheres	56,4	54,6	55,8	55,9	55,7	55,4	55,1
	Homens	74,2	72,3	73,1	73,5	73,3	73,0	72,7
	Total	65,2	63,3	64,4	64,7	64,4	64,1	63,8
Rendimento elevado	Mulheres	53,7	53,0	53,4	54,0	54,3	54,0	53,9
	Homens	68,5	67,5	67,6	68,0	68,1	68,0	67,9
	Total	61,0	60,2	60,4	60,9	61,2	60,9	60,8

Fonte: ILOSTAT, estimativas modeladas da OIT, novembro de 2023.

Apesar dos aumentos modestos em 2023, as taxas de participação deverão diminuir nos próximos anos. É provável que os recentes aumentos das taxas de participação no mercado de trabalho tenham sido impulsionados por um mercado de trabalho mais forte do que o previsto. No entanto, em 2024 e em 2025, prevê-se que as taxas de participação diminuam em todos os grupos de rendimento (exceto nos países de baixos rendimentos, onde deverão permanecer estáveis em 2024, mas diminuir no ano seguinte) e tanto para os homens como para as mulheres (quadro 1.2). A queda prevista das taxas de participação é mais pronunciada entre as mulheres, para as quais, entre 2023 e 2025, se prevê que caia 0,7 pontos percentuais a nível mundial, em comparação com 0,1 pontos percentuais no que respeita aos homens.

O desemprego deverá registar um aumento modesto. As projeções demonstram que as taxas de desemprego deverão permanecer geralmente estáveis nos próximos dois anos (quadro 1.3). À medida que as taxas de participação da população ativa diminuem e o crescimento do emprego abranda, espera-se que a taxa de desemprego mundial se mantenha perto dos níveis atuais, passando de 5,1 por cento em 2023

para 5,2 por cento em 2024 e permanecendo inalterada em 2025. Esta tendência ascendente é principalmente o resultado do aumento das taxas de desemprego previstas nos países de rendimento elevado (um aumento de 0,2 pontos percentuais face aos níveis de 2023, a atingir os 4,7 por cento em 2024).

Espera-se que um aumento modesto do desemprego afete desproporcionalmente os homens. A taxa de desemprego das mulheres deverá manter-se estável em 5,3 por cento ao longo do período previsto, enquanto a dos homens deverá ter um aumento ligeiro em 2024 (0,1 pontos percentuais) e, em seguida, diminuir com a mesma magnitude em 2025.

Prevê-se que o desemprego mundial aumente cerca de 2 milhões em 2024. O modesto aumento da taxa de desemprego traduzir-se-á num aumento do desemprego mundial de 2 milhões em 2024, atingindo os 190,8 milhões, face aos 188,6 milhões registados em 2023. As perspetivas para o desemprego em 2024 são, em geral, coerentes entre os diferentes grupos de rendimento, prevendo-se que cada grupo de países registre um aumento do desemprego. O aumento deverá ser mais elevado (1 milhão no total) nos países de rendimento elevado.

► **Quadro 1.3. Taxa de desemprego e desemprego, 2019-2025, por sexo, mundo e grupo de rendimento**

Grupo de países	Sexo	Taxa de desemprego (percentagens)							Desemprego (milhões)						
		2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
Mundo	Mulheres	5,7	6,6	6,2	5,5	5,3	5,3	5,3	78,5	90,0	87,0	79,2	77,9	78,5	79,4
	Homens	5,5	6,6	6,0	5,1	5,0	5,1	5,0	115,9	137,3	126,4	110,6	110,7	112,3	113,3
	Total	5,6	6,6	6,1	5,3	5,1	5,2	5,2	194,3	227,3	213,4	189,7	188,6	190,8	192,7
Baixo rendimento	Mulheres	5,4	6,1	6,3	5,7	5,7	5,7	5,6	5,7	6,6	7,0	6,5	6,7	6,9	7,0
	Homens	5,1	6,0	6,0	5,6	5,7	5,7	5,6	7,0	8,3	8,7	8,4	8,9	9,2	9,3
	Total	5,2	6,0	6,1	5,6	5,7	5,7	5,6	12,7	15,0	15,7	14,9	15,6	16,1	16,3
Rendimento médio-baixo	Mulheres	6,1	6,8	6,6	5,8	5,4	5,4	5,4	22,5	25,2	25,2	22,7	23	22,9	23,5
	Homens	5,7	6,9	6,1	4,7	4,7	4,7	4,7	45,6	54,8	49,5	39,8	40,7	41,4	42,1
	Total	5,8	6,9	6,2	5,1	5,0	4,9	4,9	68,2	80,0	74,7	62,5	63,7	64,4	65,5
Rendimento médio-alto	Mulheres	5,7	6,4	6,1	5,7	5,4	5,4	5,4	36,1	39,0	38,4	36,1	34,5	34,5	34,5
	Homens	5,8	6,6	6,1	5,7	5,5	5,5	5,5	47,2	52,6	49,3	47,2	45,7	45,8	45,8
	Total	5,8	6,5	6,1	5,7	5,5	5,5	5,5	83,3	91,6	87,7	83,3	80,2	80,3	80,4
Rendimento elevado	Mulheres	5,0	6,9	5,9	4,8	4,7	4,9	5,0	14,2	19,2	16,5	13,8	13,7	14,1	14,4
	Homens	4,5	6,2	5,4	4,3	4,3	4,5	4,5	16,0	21,6	18,9	15,2	15,4	15,9	16,1
	Total	4,8	6,5	5,6	4,5	4,5	4,7	4,7	30,1	40,8	35,4	29,0	29,0	30,0	30,5

Fonte: ILOSTAT, estimativas modeladas da OIT, novembro de 2023.

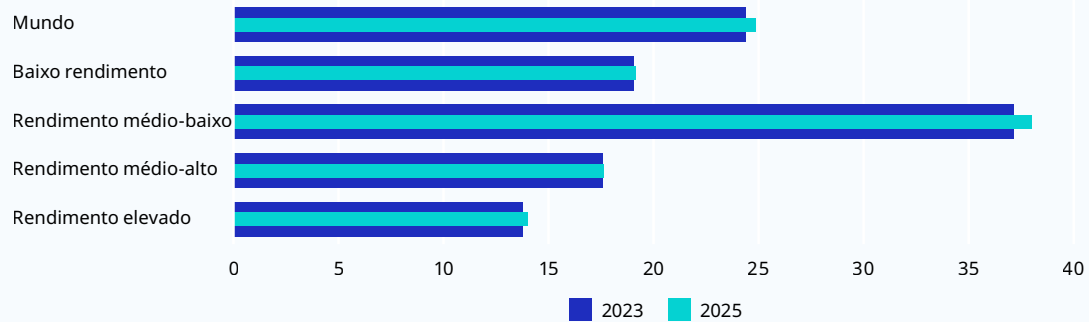
► A persistência de défices de trabalho digno está a comprometer o progresso a longo prazo

Verifica-se que persistem défices de trabalho digno, com uma heterogeneidade considerável entre regiões e grupos. A descida das taxas de desemprego esconde uma significativa falta de oportunidades de emprego digno. Tal como salientado no quadro 1.1, em termos globais, o défice de postos de trabalho fixou-se em quase 435 milhões em 2023, o que representa uma taxa de desemprego de 11,1 por cento. Além disso, muitas pessoas empregadas são confrontadas com vários obstáculos ao trabalho digno, incluindo a diminuição dos salários reais, níveis elevados de emprego informal e a deterioração das condições de trabalho. Noutros casos, persistem barreiras à participação no mercado de trabalho, nomeadamente para as mulheres e para os jovens, que continuam a ser confrontados com níveis de desemprego mais elevados. No seu conjunto, estes fatores estão a prejudicar os progressos a longo prazo no sentido de melhorar o trabalho digno e a justiça social.

As assimetrias de género nas taxas de participação persistirão. Ao longo do período de previsão, espera-se uma diminuição tanto das taxas de participação dos homens como das mulheres. Uma vez que se prevê que o declínio nas mulheres seja mais acentuado do que nos homens, a assimetria de género nas taxas de participação aumentará modestamente. Em 2025, as taxas de participação global dos homens excederão as das mulheres em 25 pontos percentuais (a diferença será notavelmente elevada, em 38 pontos percentuais, nos países de rendimento médio-baixo) (figura 1.10). Existem também algumas diferenças regionais importantes, conforme explicado no Capítulo 2.

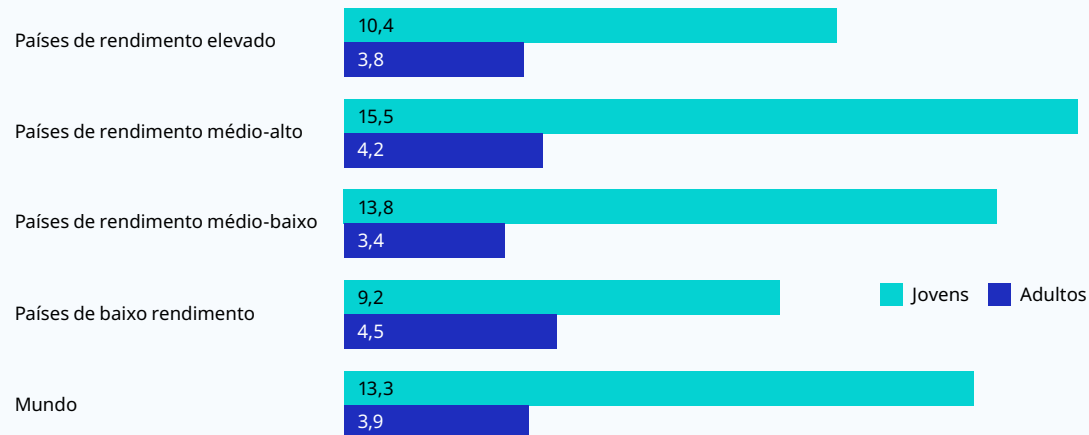
As taxas de desemprego jovem são quase 3,5 vezes mais elevadas do que as dos adultos. Globalmente, em 2023, a taxa de desemprego jovem, 13,3 por cento, excedeu largamente a dos adultos, de 3,9 por cento (figura 1.11). O padrão

► **Figura 1.10. Assimetria de gênero nas taxas de participação, 2023 e 2025 (pontos percentuais)**



Fonte: ILOSTAT, estimativas modeladas da OIT, novembro de 2023.

► **Figura 1.11. Taxas de desemprego dos jovens e dos adultos (percentagens)**



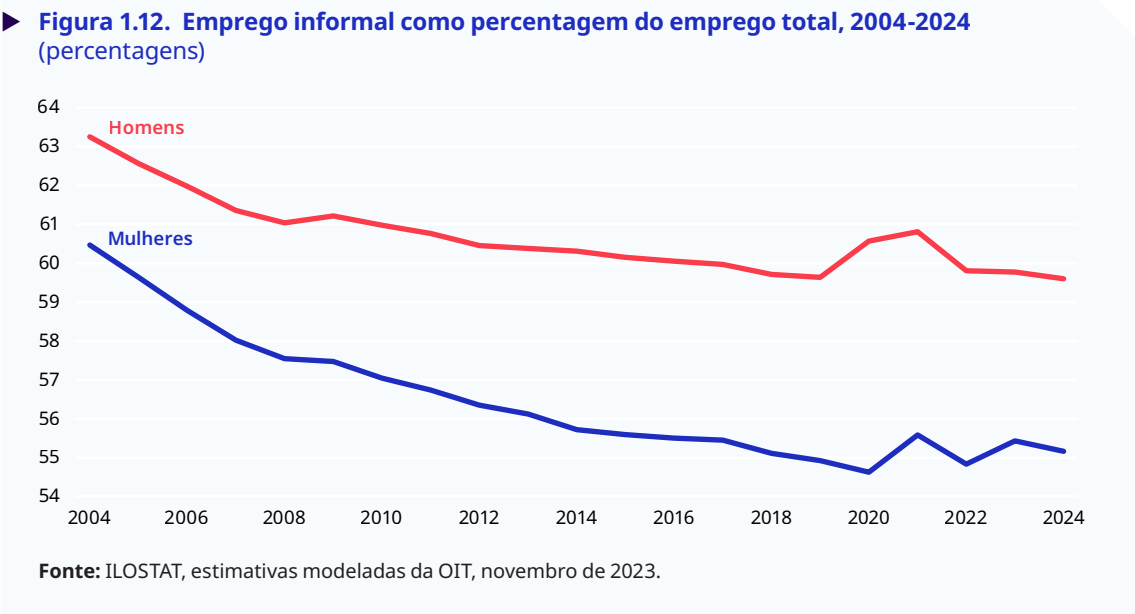
Fonte: ILOSTAT, estimativas modeladas da OIT, novembro de 2023.

geral de desemprego jovem mais elevado mantém-se em todos os grupos de rendimento por país. Os países de rendimento elevado apresentaram a maior taxa de desemprego jovem, de 15,5 por cento, em 2023.

O emprego informal está a começar a diminuir de novo, mas permanece elevado. Desde a crise financeira mundial, a informalidade apresentava uma tendência decrescente, tanto no que respeita a homens como a mulheres (figura 1.12). Após o início da pandemia, o emprego informal registou um ligeiro aumento, mas espera-se que volte a diminuir em 2024. Contudo, à medida que a população ativa vai

aumentando, o número de trabalhadores informais continua a subir. Desde 2019, o número de trabalhadores informais aumentou em mais de 120 mil milhões, elevando o total para mais de 2 mil milhões em 2023, o seu nível mais elevado em duas décadas. Esta escala de trabalho informal suscita preocupações quanto à qualidade global do emprego, uma vez que muitos destes trabalhadores carecem de proteção social e jurídica adequada.

Em 2023, cerca de 241 milhões de trabalhadores viviam em situação de pobreza extrema. Entre 2020 e 2021, a percentagem e o volume de trabalhadores que vivem em pobreza



extrema – auferindo menos de 2,15 USD por dia, por pessoa, em termos de PPC – diminuiu (quadro 1.4). Esta circunstância foi, em grande parte, impulsionada por reduções significativas na pobreza no trabalho nos países de rendimento médio-baixo. No entanto, em 2023, embora a incidência global de trabalhadores em situação de pobreza extrema tenha permanecido relativamente estável, tendo até diminuído à medida que o emprego aumentava, o número de trabalhadores no mundo

que viviam em situação de pobreza extrema cresceu cerca de 1 milhão. Um padrão semelhante verifica-se quando se analisa a pobreza moderada no trabalho, ou seja, quando se auferem menos de 3,65 USD por dia, por pessoa, em termos de PPC. O número de trabalhadores que vivem em situação de pobreza moderada aumentou quase 8,4 milhões em 2023. Apenas nos países de rendimento médio-alto o número de trabalhadores em situação moderada de pobreza no trabalho diminuiu.

► **Quadro 1.4. Pobreza no trabalho, 2020-2023, mundo e por grupo de rendimento por país**

Grupo de países	Pobreza no trabalho	Taxas (percentagens)				Números (milhões)			
		2020	2021	2022	2023	2020	2021	2022	2023
Mundo	Extrema	7,7	7,3	7,1	6,9	248,0	241,6	240,1	241,1
	Moderada	12,5	12,1	12,2	12,2	402,7	401,4	414,9	423,4
Países de baixo rendimento	Extrema	38,9	38,5	38,7	39,0	90,5	92,7	96,7	100,6
	Moderada	26,6	26,4	26,5	26,7	61,9	63,5	66,3	68,9
Países de rendimento médio-baixo	Extrema	12,8	11,8	10,9	10,2	139,3	132,0	127,3	124,7
	Moderada	26,1	25,6	25,2	24,7	283,7	287,6	294,8	302,1
Países de rendimento médio-alto	Extrema	1,4	1,2	1,2	1,1	17,9	16,7	15,9	15,6
	Moderada	4,3	3,7	3,9	3,8	56,9	50,0	53,6	52,0

Fonte: ILOSTAT, estimativas modeladas da OIT, novembro de 2023.

A correção dos desequilíbrios a nível do mercado de trabalho e das competências pode ajudar a enfrentar os desafios a curto prazo do mercado de trabalho e as questões estruturais subjacentes. Apesar de alguma atenuação das pressões no mercado de trabalho, uma vez que as vagas de emprego caíram face aos máximos históricos, nomeadamente nos países de elevado rendimento, persistem desequilíbrios a nível do mercado de trabalho e das competências em muitas regiões e setores. Isso sugere que a questão dos desequilíbrios a nível do mercado de trabalho e das competências assume uma natureza cada vez mais estrutural, uma vez que o crescimento da mão de obra mundial abranda e as taxas de participação dos grupos sub-representados continuam a ser suprimidas.

A persistência de desequilíbrios a nível do mercado de trabalho constitui igualmente um reflexo da forma como o mercado de trabalho é hoje substancialmente diferente. À medida que a inflação aumentou ao longo de 2021 e 2022 para níveis não observados em 40 anos, foram estabelecidos paralelos com os anos 1970: em ambos os casos, a evolução geopolítica teve impacto nos preços das matérias-primas, especialmente no preço do petróleo, afetando assim as economias tanto dos países avançados como dos países em desenvolvimento. No entanto, existem algumas diferenças marcantes (Allen e Ainsworth-Grace 2023). Em 2023, o mundo conseguiu evitar a recessão, mesmo no contexto de inflação elevada, o que contrastou de forma marcada com as condições recessivas que acompanharam a inflação durante a década de 1970. O contraste reflete a velocidade relativa com que os bancos centrais reagiram à inflação e também as diferenças estruturais entre o mercado de trabalho atual e o dos anos 1970 (caixa 1.3).

É provável que a ação política venha a ser condicionada pela conjuntura macroeconómica. O longo período expansionista na década de 2010, com taxas de juros ultrabaixas, permitiu que tanto as economias avançadas como as emergentes aumentassem a sua capacidade de contrair empréstimos. A dívida soberana aumentou para níveis não observados desde o período pós-1945. Vários países, incluindo algumas economias avançadas, viram as suas notações de dívida diminuir em consequência disso; esta

situação fez aumentar os custos de empréstimos obtidos para devedores públicos e privados. Ao mesmo tempo, poucos países parecem ter tomado medidas cautelares para travar as taxas de juro baixas e, por isso, enfrentam agora um rápido aumento dos custos dos juros nos seus orçamentos públicos, cuja capacidade para prestar assistência específica é, desse modo, limitada. Os países em desenvolvimento altamente endividados encontram-se particularmente numa situação de risco de se depararem rapidamente com dificuldades financeiras, à medida que as condições se tornam mais restritivas, com repercussões significativas nas condições dos seus mercados de trabalho, no crescimento dos salários e nos postos de trabalho.

À medida que as condições financeiras se deterioram, isso pode significar problemas duplos, tanto para os mercados de trabalho como para o erário público. Em primeiro lugar, o crescente desemprego irá reduzir ainda mais as receitas e comprometer posições orçamentais já de si frágeis. Em segundo lugar, à medida que o desemprego aumenta, haverá espaço orçamental limitado para proporcionar as medidas muito necessárias para manter os trabalhadores ligados ao mercado de trabalho e prestar apoio à melhoria de competências e à requalificação – ambas essenciais para incentivar uma recuperação económica mais rápida. No entanto, despesas desta natureza devem ser encaradas como um investimento e ajudarão a reforçar uma recuperação mais inclusiva e a abordar questões estruturais que impedem o crescimento da produtividade a longo prazo e a melhoria dos padrões de vida. Com efeito, os investimentos em programas de formação e de competências bem orientados e noutras medidas conexas têm custos de oportunidade inferiores durante os períodos de abrandamento.

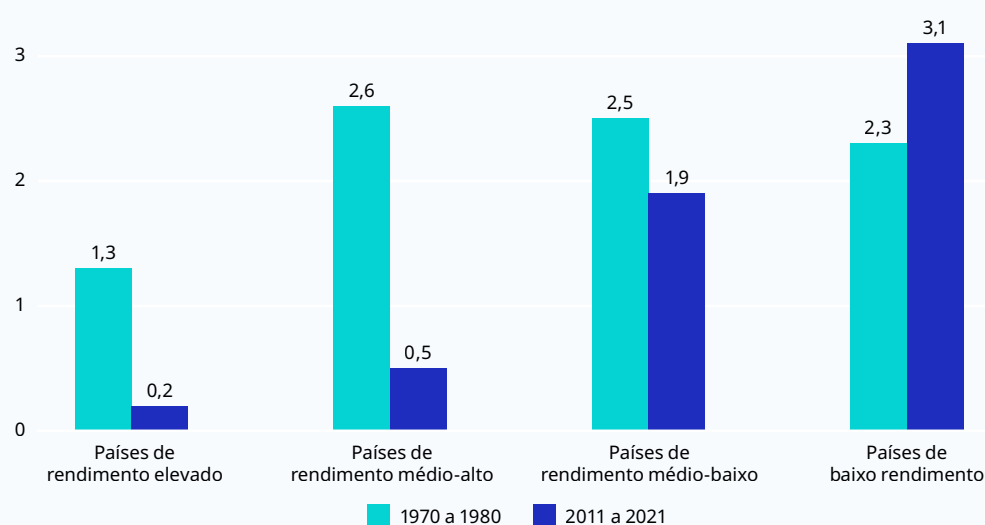
O remanescente deste relatório analisará mais pormenorizadamente estes défices em matéria de trabalho digno. O capítulo 2 analisará a evolução social e do emprego em 2023 e as perspetivas futuras. Serão explorados défices específicos em matéria de trabalho digno na região da OIT e serão destacados os principais domínios em cada região a merecerem atenção. O capítulo 3 analisará mais pormenorizadamente os desequilíbrios do mercado de trabalho.

► **Caixa 1.3. *Baby boom versus baby bust*: Impacto da inflação no mercado de trabalho na década de 2020, em comparação com a década de 1970**

Uma das razões pelas quais os impactos da inflação no mercado de trabalho são hoje moderados em comparação com os anos 1970 é o facto de a economia ser menos intensiva a nível de utilização de energia do que era há cinco décadas. O aumento dos preços do petróleo não pôs em causa a produção industrial e o emprego com ela relacionado na mesma medida. Os recentes choques do lado da oferta foram menos substanciais e mais temporários do que na década de 1970, e o recente período inflacionista foi mais afetado pelo choque positivo a nível da procura que se seguiu à pandemia (De Grauwe e Ji 2023). Outra diferença fundamental é a rapidez e a escala da resposta ao nível da política monetária. Durante a década de 1970, a política monetária não foi vista pelos bancos centrais como o instrumento mais apropriado para enfrentar o choque estrutural provocado pelo embargo petrolífero iniciado em 1973. As reações dos decisores políticos durante a década de 1970 foram consideradas “insuficientes e demasiado tardias” (Allen e Ainsworth-Grace, 2023). Em contrapartida, entre a primavera/verão de 2022 e o outono de 2023, os bancos centrais lançaram um ciclo de subidas agressivas das taxas de juro, tendo a Reserva Federal e o Banco Central Europeu subido as taxas em 525 e 450 pontos de base, respetivamente. O período inflacionista recente foi precedido por um período prolongado de inflação baixa, que ajudou a ancorar as expectativas inflacionistas em níveis relativamente baixos. Assim, as políticas monetárias desinflacionárias postas em prática pelos bancos centrais conseguiram reduzir a inflação mais rapidamente do que durante a década de 1970, e sem um correspondente aumento do desemprego (De Grauwe e Ji 2023).

Verifica-se também uma diferença acentuada nas estruturas da população em idade ativa. Em 1970, 36 por cento da população dos países de rendimento elevado tinha idade inferior a 19 anos e, ao longo da década, as maiores coortes da geração do *baby boom* atingiram a idade ativa e entraram na força de trabalho em grande número. Entre 1970 e 1980, a população com idades entre os 20 e os 64 anos cresceu 1,3 por cento ao ano, em países de elevado rendimento (figura 1.13). Isto proporcionou uma ampla oferta de mão de obra e provavelmente exacerbou o impacto da inflação sobre o desemprego durante a década de 1970. Em contrapartida, em 2021, a população era consideravelmente mais velha, em média, e muitos membros da geração do *baby boom* (com idades compreendidas entre os 57 e os 75 anos em 2021) tinham começado a abandonar o mercado de trabalho. Na década que antecedeu o recente período inflacionário (a década de 2011-2021), a população com idades entre os 20 e 64 anos cresceu apenas 0,2 por cento por ano, nos países de rendimento elevado. Em função disso, face às pressões inflacionistas e ao aumento das taxas de juro, o crescimento do emprego apenas abrandou em 2023, tendo a escassez de mão de obra persistido em vários países e setores (ver capítulo 3).

► **Figura 1.13. Crescimento da população com idades entre os 20 e 64 anos, por período de tempo e grupo de rendimento por país (percentagens anuais compostas)**



Nota: Os grupos de rendimento por país estão de acordo com a categorização do Banco Mundial.

Fonte: Cálculos baseados nas estimativas da Divisão da População das Nações Unidas, Perspetivas da População Mundial 2022 (<https://population.un.org/dataportal/>).

Referências bibliográficas

- ▶ Allen, H., e C. Ainsworth-Grace. 2023. *Stagflation in the 1970s: Is History Repeating Itself in the 2020s?* Investigação do Deutsche Bank.
- ▶ De Grauwe, Paul e Yuemei Ji. 2023. "Inflation Then (1979–85) and Now (2020–23): Why It Is Easier to Fight Inflation Today". Centro para a Investigação de Política Económica, 28 de novembro de 2023. <https://cepr.org/voxeu/columns/inflation-then-1979-85-and-now-2020-23-why-it-easier-fight-inflation-today>.
- ▶ FMI (Fundo Monetário Internacional). 2022. *World Economic Outlook: Countering the Cost-of-Living Crisis*. <https://www.imf.org/en/Publications/WEO/Issues/2022/10/11/world-economic-outlook-october-2022>.
- ▶ FMI. 2023. *World Economic Outlook: Navigating Global Divergences*. <https://www.imf.org/en/Publications/WEO/Issues/2023/10/10/world-economic-outlook-october-2023>.
- ▶ OIT. 2023. "ILO Modelled Estimates: Methodological Overview", janeiro de 2023. <https://www.ilo.org/ilostat-files/Documents/TEM.pdf>.
- ▶ Qiu, Han, Hyun Song Shin e Leanne Si Ying Zhang. 2023. "Mapping the Realignment of Global Value Chains", Boletim do BPI N.º 78, 3 de outubro de 2023. <https://www.bis.org/publ/bisbull78.htm>.

2

Tendências do emprego e sociais por região

► Visão geral

Os indicadores principais mostram uma melhoria na maioria das regiões, com uma ligeira deterioração em 2024 e um considerável risco descendente. O emprego tem registado um crescimento em todas as regiões, embora seja frequentemente impulsionado pelo crescimento da população em idade ativa. As taxas de emprego em termos do total da população estão também a aproximar-se dos níveis pré-pandémicos (2019) na maioria das regiões, exceto em algumas sub-regiões, como os Estados árabes não membros do CCG (Conselho de Cooperação do Golfo), a América do Norte, a Ásia Oriental e a Europa do Leste, onde as taxas de emprego em termos do total da população em 2023 ainda se situavam abaixo dos níveis de 2019. As taxas de desemprego estão também a recuperar para os níveis anteriores à pandemia, com exceções sub-regionais semelhantes, incluindo os Estados árabes não membros do CCG e a Ásia Oriental, cujas taxas permanecem acima dos níveis de 2019. Há sub-regiões e diferentes dimensões do mercado de trabalho que continuam a apresentar uma heterogeneidade considerável. Espera-se que o crescimento do emprego seja mais fraco em 2024, devido a várias tendências geopolíticas e a condições monetárias mundiais mais restritivas.

Com um regresso aos níveis pré-pandemia de COVID-19 evidentes nos indicadores principais em muitas regiões, a tônica é colocada no reforço dos défices de longa data em matéria de trabalho digno. Apesar dos progressos na redução do emprego informal, mais de oito em cada dez pessoas empregadas em África encontravam-se em situação de emprego informal em 2023, quase dois terços na Ásia e no Pacífico e mais de metade na América Latina e nas Caraíbas. Em 2023, cerca de um terço da população empregada na África subsaariana vivia em situação de extrema pobreza (em agregados familiares que subsistem com menos de 2,15 USD por dia, por pessoa, em termos de PPC), e cerca de 37 por cento da população empregada no Sul da Ásia e cerca de 8 por cento da população empregada na América Latina e nas Caraíbas vivia abaixo do limiar de pobreza moderada (3,65 USD por dia, por pessoa, em termos de PPC). Em muitas regiões, as mulheres continuam a ser claramente desfavorecidas em termos das variáveis do mercado de trabalho, em especial nos Estados árabes e no Norte de África. Com melhorias nos principais indicadores do mercado de trabalho, como o emprego e o desemprego, os países estão a fazer um balanço dos desafios pré-existentes e a desenvolver estratégias para enfrentar novas formas de trabalho e as suas implicações para estes défices de trabalho digno.

► África

O crescimento do PIB em África permanece dinâmico, embora tenha sido afetado pelos preços do petróleo e das matérias-primas não petrolíferas, que abrandaram o crescimento em 2023. Estima-se que o crescimento do PIB em África tenha sido de 3,8 por cento em 2022, na sequência da turbulência da pandemia ocorrida em 2020 e 2021. Em 2023, prevê-se que o crescimento tenha abrandado para 3,1 por cento, refletindo uma combinação de fatores, incluindo o impacto das tensões geopolíticas mundiais, como o conflito na Ucrânia e o seu impacto nos mercados de produtos de base. As perspectivas para África são mistas. Em 2024, espera-se que o crescimento do PIB recupere novamente para 3,8 por cento, reforçado em parte pelos preços mais elevados dos produtos de base que sustentam os exportadores de produtos de base da região. No entanto, os riscos negativos incluem pressões inflacionistas, flutuações contínuas dos preços dos produtos de base e tensões no Médio Oriente.

Os desafios estruturais a longo prazo continuam a pesar no potencial económico da região; neles incluem-se a pobreza no trabalho endémica, as grandes deslocações da população e o impacto das alterações climáticas. Um espaço orçamental limitado afeta a capacidade de resposta dos países africanos a choques exógenos (FMI 2023a). Uma preocupação contínua é a capacidade de estes países serem resilientes e de se reconstruírem face aos acontecimentos resultantes das alterações climáticas, tais como secas prolongadas, colheitas fracassadas e tempestades, que podem perturbar os principais motores económicos, como a atividade da indústria extrativa e a produção agrícola. Uma preocupação adicional é que muito do crescimento existente no PIB não é acompanhado por aumentos nos rendimentos *per capita*, que estão a aumentar demasiado lentamente para reduzir a pobreza extrema e a pobreza no trabalho. Só na África subsariana, em 2023, 145 milhões de pessoas encontravam-se em situação de pobreza extrema no trabalho (2,15 USD por dia, em termos de PPP), o que equivale a um terço da população empregada. Prevê-se que o rendimento *per capita* cresça menos de 1 por cento em 2023-2024 e que 40 por cento da população da África subsariana viva em países (incluindo as três maiores economias) onde o rendimento *per capita* em 2024 será inferior ao do início da pandemia (Banco Mundial 2023a). Vários países africanos também enfrentam riscos contínuos de segurança que têm o potencial de reduzir o crescimento e dar origem a repercussões adversas nos países vizinhos. Por exemplo, todos os cinco países do Sahel (Mali, Níger, Burquina Faso, Chade e Mauritânia) estão em conflito ativo ou enfrentam

desafios de segurança. Estes conflitos têm impacto nos meios de subsistência e desviam os fundos públicos dos investimentos favoráveis ao crescimento (Banco Mundial 2022; BAfD 2023a).

Tendências do mercado de trabalho no Norte de África

O crescimento desta sub-região foi minado por uma série de choques exógenos, incluindo secas, inundações e terremotos. O PIB do Norte de África cresceu 2,7 por cento em 2023, contra os 3,7 por cento de 2022. Prevê-se que o crescimento do PIB 3,5 por cento em 2024 e 4,4 por cento em 2025. No entanto, o crescimento varia em toda a sub-região. Os conflitos em curso continuam a perturbar o crescimento da Líbia, tal como as recentes inundações, e as secas e os sismos têm afetado o crescimento de Marrocos (BAfD 2023b; Henson e Masters (2023). Entretanto, a retoma do turismo e do comércio beneficiaram outros países da região, como o Egito e a Tunísia (BAfD 2023b).

O Norte de África continua a apresentar uma baixa taxa de participação ativa devido aos baixos níveis de participação feminina. A taxa de participação da população ativa no Norte de África, cerca de 45 por cento em 2023, é a segunda mais baixa de todas as sub-regiões do mundo, mais elevada apenas do que nos Estados árabes não pertencentes ao CCG (quadro 2.1). A taxa de participação das mulheres na população ativa, de 20 por cento, foi 49 pontos percentuais inferior à dos homens (69 por cento) em 2023. Esta situação repercute-se na taxa de emprego em termos do total da população, também reduzida, de 40 por cento em 2023, novamente impulsionada por taxas excecionalmente baixas de participação feminina (16 por cento, em comparação com 63 por cento para os homens). Esta dimensão de género é também visível na percentagem da população jovem (15-24 anos) que não estuda, não trabalha nem frequenta formação (NEET): a percentagem NEET das mulheres jovens é de 38,4 por cento, contra 17 por cento dos homens.

A criação de emprego continuou a recuperar desde o início da pandemia de COVID-19 em 2020. A média de horas semanais trabalhadas por trabalhador por conta de outrem ainda é relativamente elevada para os padrões mundiais: 44 horas em 2023. Apesar disso, a média de horas semanais por trabalhador por conta de outrem apenas voltou aos níveis pré-pandémicos de 2019 e à média pré-pandémica de longo prazo ao longo de 2010-2019.

► **Quadro 2.1. Estimativas e projeções de horas de trabalho, emprego, desemprego e população ativa, regional e sub-regional, África, 2010-2025**

Região/ sub-região	Média de horas semanais trabalhadas por pessoa empregada						Total de horas semanais em empregos equivalentes a tempo completo (ETC = 48 horas/semana) (milhões)					
	2010	2019	2022	2023	2024		2010	2019	2022	2023	2024	
África	38,8	39,0	39,1	39,0	39,0		296	372	406	418	430	
Norte de África	44,7	44,0	44,0	44,0	44,0		56	60	64	65	66	
África Subsariana	37,6	38,2	38,3	38,2	38,2		241	312	342	353	363	
	Taxa de emprego em termos do total de população (percentagens)						Emprego (milhões)					
	2010	2019	2022	2023	2024	2025	2010	2019	2022	2023	2024	2025
África	59,5	58,2	58,4	58,6	58,7	58,8	367	458	498	514	529	545
Norte de África	42,8	39,1	39,7	39,6	39,6	39,8	60	65	70	71	72	74
África Subsariana	64,5	63,3	63,2	63,5	63,5	63,5	307	393	429	443	457	471
	Taxa de desemprego (percentagens)						Desemprego (milhões)					
	2010	2019	2022	2023	2024	2025	2010	2019	2022	2023	2024	2025
África	6,7	6,8	6,7	6,6	6,6	6,5	26,2	33,2	35,8	36,4	37,1	37,7
Norte de África	10,5	11,4	10,9	11,3	11,3	10,9	7,0	8,3	8,5	9,0	9,2	9,1
África Subsariana	5,9	5,9	6,0	5,8	5,8	5,7	19,1	24,8	27,2	27,4	27,9	28,6
	Taxas de participação da população ativa (percentagens)						População ativa (milhões)					
	2010	2019	2022	2023	2024	2025	2010	2019	2022	2023	2024	2025
África	63,8	62,4	62,6	62,8	62,8	62,8	393	491	534	550	566	583
Norte de África	47,8	44,1	44,6	44,6	44,6	44,7	67	73	78	80	81	83
África Subsariana	68,5	67,3	67,2	67,4	67,4	67,4	326	417	456	471	485	500

Fonte: ILOSTAT, estimativas modeladas da OIT, novembro de 2023.

É provável que o recente crescimento de emprego tenha sido impulsionado pela recuperação do setor dos serviços, incluindo postos de trabalho no turismo e no comércio, que têm potencial para aumentar ainda mais (OIT 2022a).

Tendências do mercado de trabalho na África Subsariana

Prevê-se que o crescimento do PIB tenha abrandado pelo segundo ano consecutivo em 2023, mas espera-se uma recuperação do crescimento em 2024. Vários fatores contribuíram para uma expansão económica mais lenta na sub-região, nomeadamente a inflação persistente, as repercussões mundiais de questões geopolíticas (incluindo

a perturbação da cadeia de abastecimento), a diminuição global da confiança dos consumidores e o fraco desempenho económico de algumas das principais economias da sub-região (FMI 2023a). No entanto, os exportadores de petróleo registaram um forte crescimento num contexto de grandes aumentos do preço do petróleo (FMI 2023a). Este aumento dos preços do petróleo provavelmente continuará a impulsionar o crescimento desta sub-região em 2024, ao contribuir e se aliar ao crescimento, de mais de 5 por cento na maioria dos países da África subsariana. Isto virá compensar os custos mais elevados para os importadores de petróleo da sub-região (BAfD 2023a).

A população ativa da África Subsariana continua a ser impulsionada pelo crescimento da população. A dimensão

da população ativa aumentou 3,3 por cento em 2023. Isso traduz-se em mais 53 milhões de pessoas em idade ativa na população ativa em 2023, em comparação com 2019. A taxa de participação da população ativa manteve-se em cerca de 67 por cento, aproximadamente igual ao nível anterior à pandemia em 2019, embora ligeiramente inferior à média de 68 por cento entre 2010 e 2019. A população ativa na África subsariana deverá aumentar em mais 14 milhões de pessoas em 2024.

O desemprego manteve-se ligeiramente elevado desde o início da pandemia, com os jovens em particular situação de risco. A taxa média de desemprego foi estimada em 5,8 por cento em 2023, em comparação com 5,9 por cento em 2019. Esta taxa equivale a um total de 27 milhões de pessoas. Relativamente aos jovens, a taxa é maior, 8,9 por cento, representando 9,4 milhões de pessoas. Num contexto de crescente população em idade ativa, os jovens correm um risco particular de desilusão e de desprendimento do mercado de trabalho, em consequência da incapacidade de obterem um trabalho digno e produtivo aquando da sua entrada no mercado de trabalho. Em 2023, cerca de 62 milhões de jovens foram classificados como NEET (jovens que não estudam, não trabalham nem frequentam formação), o que equivale a 25,9% da população jovem, contra 22,2% em 2013.

A criação de emprego está a acompanhar o ritmo do aumento da população ativa, mas não implica necessariamente melhorias na qualidade dos empregos. O total de horas trabalhadas aumentou 3,4 por cento em 2023, em comparação com um crescimento de 2,8 por cento em 2019. O crescimento do emprego está a acompanhar o crescimento da população ativa. As horas médias trabalhadas por trabalhador por conta de outrem estão também em consonância com os níveis pré-pandemia: 38,2 horas por semana em 2023 e 2019. A média reduzida de horas na sub-região, dado que a maioria dos países da sub-região são de rendimento baixo ou médio, aponta para um provável subemprego. Isto ilustra a necessidade de os novos empregos serem decentes e produtivos.

Nem todas as pessoas empregadas têm empregos dignos e produtivos, sendo os défices de trabalho digno abundantes na sub-região. O emprego informal representou 86,5 por cento do emprego total em 2023, quase o mesmo que

uma década antes (87,2 por cento em 2013). Em 2023, quase 60 por cento estavam empregados, mas a viver em agregados familiares abaixo do limiar internacional de pobreza “moderadamente pobre” de 3,65 USD por pessoa, por dia, em termos de PPC (uma descida dos 63,8 por cento registados em 2013). Estes desafios mantêm-se, especialmente nas zonas rurais. Enquanto isso, em 2022, cerca de 75,5 por cento da população empregada eram trabalhadores por conta própria ou trabalhadores familiares contribuintes – situações na profissão que, por norma, são mais precárias, caracterizam-se por menos segurança no trabalho e geram rendimento regular mais reduzido do que uma situação mais estável de trabalhador por conta de outrem. A percentagem combinada de trabalho por conta própria e de trabalho familiar contributivo manteve-se relativamente inalterada na última década, 76,1 por cento em 2012.

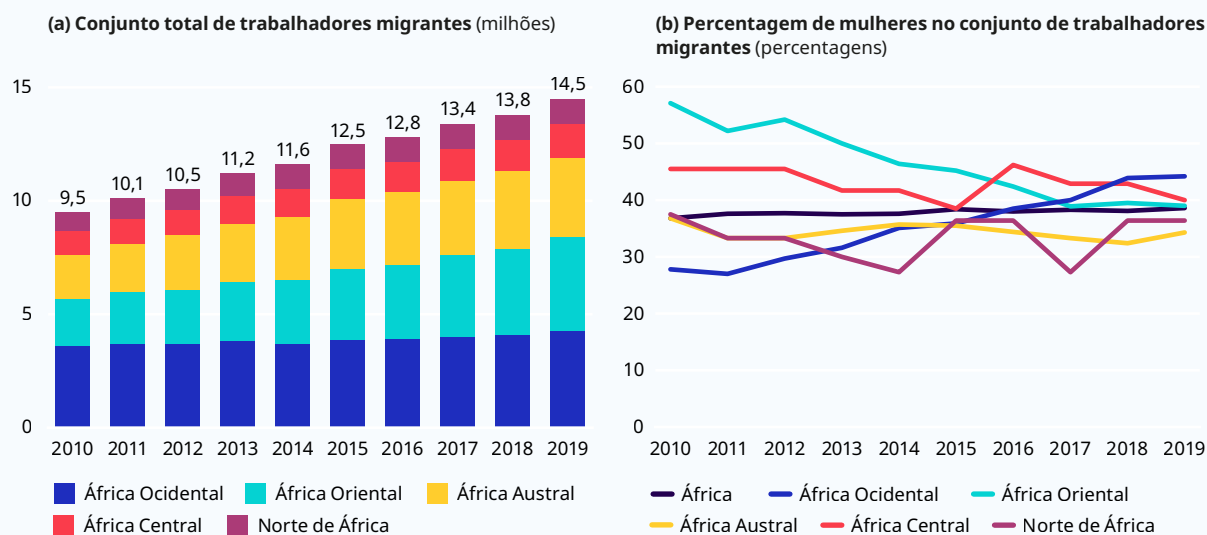
Desafios em matéria de dados para uma governação da migração laboral em África baseada em dados concretos

A África está sujeita a muitos canais de migração e contém países de destino, de trânsito e de origem. Existem múltiplos fatores e motivos para a migração, incluindo conflitos e segurança, fatores relacionados com as alterações climáticas, reagrupamento familiar e procura de melhores oportunidades e emprego. Muitas vezes não há um fator único determinante, havendo por isso fluxos migratórios mistos. “Migração mista” refere-se a todos os movimentos transfronteiriços que englobam uma série de fatores determinantes e motivações (*Portal de Dados sobre Migração* 2022). Ao mesmo tempo, existem na região várias comunidades económicas regionais (CER).¹ Estas CER apresentam diferentes graus de empenho e aplicação no que diz respeito à livre circulação de pessoas.² Juntamente com a migração irregular, permeabilidade das fronteiras e elevados níveis de informalidade no mercado de trabalho, todos estes fatores dificultam a medição e, por conseguinte, a compreensão da migração regional, incluindo a migração laboral.

1 Contam-se, entre outros, a Comunidade dos Estados do Sahel e do Saara (CED-SAD), a Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC), o Mercado Comum da África Oriental e Austral (COMESA), a Autoridade Intergovernamental para o Desenvolvimento (IGAD) e parte da Comunidade da África Oriental (EAC).

2 Por exemplo, o Protocolo COMESA sobre a Livre Circulação de Pessoas, Mão de Obra, Serviços, Direito de Estabelecimento e Residência foi adotado em 2001 pela Autoridade de Chefes de Estado ou de Governo do COMESA e está em vias de ser assinado e ratificado. Os Estados membros do COMESA ainda estão a trabalhar no sentido da flexibilização gradual e da supressão dos requisitos em matéria de vistos (COMESA 2023). Em 1996, foi introduzido um projeto de Protocolo sobre a Livre Circulação de Pessoas na SADC, que em 1997 foi substituído por um Protocolo sobre a Facilitação da Circulação de Pessoas, que foi revisto em 2005 para permitir a entrada sem visto por um período máximo de 90 dias. Essa solução não foi plenamente aplicada. Com efeito, apenas alguns Estados-Membros assinaram o Protocolo, embora a maioria dos Estados-Membros se isente mutuamente da obrigação de visto (UNECA n.d.).

► **Figura 2.1. Conjunto internacional de trabalhadores migrantes, África e sub-regiões, total e percentagem feminina, 2010-2019**



Fonte: Comissão da União Africana *et al.* (2021).

As estimativas de trabalhadores migrantes variam significativamente na região. A OIT, a União Africana e o Mercado Comum da África Oriental e Austral (COMESA) produziram estimativas recentes do total de trabalhadores migrantes internacionais na região (e sub-regiões). A OIT estima que o total de trabalhadores migrantes internacionais na região tenha sido de 13,7 milhões em 2019 (OIT 2021a); na União Africana, 14,5 milhões em 2019 (Comissão da União Africana *et al.* 2021); e na COMESA, 5,2 milhões apenas para os seus Estados-Membros (COMESA 2022).³ Estes valores referem-se todos a trabalhadores migrantes em idade ativa (com mais de 15 anos). É provável que todos sejam subestimados, tendo em conta a dimensão da migração irregular na região e as dificuldades em captar essa migração em dados oficiais.

Dos 14,5 milhões de trabalhadores migrantes em África em 2019, estima-se que 4,3 milhões estivessem na África Ocidental, 4,1 milhões, na África Oriental e 3,5 milhões, na África Austral (Comissão da União Africana *et al.* 2021) [figura 2.1(a)]. As estimativas de imigração são mais comuns do que as estimativas de emigração, uma vez que as fontes de dados subjacentes incluem inquéritos à população ativa e censos da população, ambos utilizados na maioria dos países e fornecendo estimativas do conjunto internacional

de migrantes num país. As estimativas de emigração são mais difíceis de obter, assim como as estimativas de entradas e saídas de trabalhadores migrantes, que dependem mais de fontes de dados administrativos, como as emissões de autorizações de trabalho, vistos e informações sobre a passagem de fronteiras, e apresentam uma contagem abaixo do número total devido às dificuldades de captar a migração irregular.

A percentagem de mulheres no conjunto total de trabalhadores migrantes varia substancialmente por sub-região e ao longo do tempo. (Na África Oriental, por exemplo, a percentagem de mulheres no total do conjunto de migrantes diminuiu de 57,1 por cento em 2010 para 39 por cento em 2019 (figura 2.1, alínea b)). Na África Ocidental, no mesmo período, a participação feminina aumentou de 27,8 por cento para 44,2 por cento. Estes dados desagregados por sexo são fundamentais para a elaboração de políticas de migração laboral eficazes e sensíveis às questões de género na região, mas tais dados são muitas vezes omissos ou inexistentes. O facto de, mesmo quando existem dados sobre os trabalhadores migrantes nas estatísticas oficiais, se verificar uma falta de granularidade sobre a profissão, os níveis de qualificação, a atividade económica e outras características constitui um desafio significativo. Além disso, as mulheres

3 A OIT também está envolvida nas estimativas da União Africana. No futuro, os números publicados pela União Africana e pela OIT deverão ser alinhados.

trabalhadoras migrantes são predominantemente enquadradas no setor informal e, por conseguinte, proporcionam mais dificuldades de medição (OIT 2020a).

Apesar das insuficiências nos dados disponíveis sobre os trabalhadores migrantes, estão a ser formuladas na região várias políticas de migração laboral, em conformidade com os compromissos internacionais, incluindo o Quadro de Política de Migração Revista da União Africana.

As políticas de migração laboral eficazes e baseadas em dados concretos enfrentam um desafio quando não existem estatísticas internacionais sobre a migração laboral nas quais possam basear-se. Na Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO), por exemplo, quase todos os Estados-Membros desenvolveram ou tencionam desenvolver uma política nacional de migração ou algo semelhante (OIT 2020a). Na sub-região do Sul de África, estão em

curso ou foram recentemente desenvolvidas várias políticas e iniciativas em matéria de migração e migração laboral, incluindo o Plano de Ação para a Migração de Mão de Obra da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC) (SAMM 2021a). O reconhecimento do papel crescente das mulheres na migração laboral e a promoção da igualdade de oportunidades e de tratamento nestas políticas e iniciativas são fundamentais e exigem dados melhorados sobre as mulheres trabalhadoras migrantes, bem como medidas para facilitar uma maior granularidade dos dados relativos a homens e mulheres (SAMM 2021b; OIT 2020a). Uma investigação mais ampla sobre os papéis e os contributos económicos dos migrantes pode facilitar a elaboração de políticas com base em dados concretos, bem como uma opinião pública mais informada, como aconteceu na África do Sul e no Gana (OCDE e OIT 2018a e 2018b).

► Américas

O crescimento económico continuou a abrandar em 2023, tanto na América do Norte e na América Latina como nas Caraíbas. A taxa média de crescimento do PIB nas Américas caiu para 2,1 por cento em 2023, contrastando com 2,7 por cento em 2022 (FMI 2023b). A fragilidade da conjuntura externa, bem como a maior restritividade da política monetária para combater a inflação, contribuíram para o abrandamento da economia em toda a região. Prevê-se que a taxa de crescimento do PIB desça abaixo de 2 por cento em 2024.

As economias da América Latina e das Caraíbas ainda estão a tentar recuperar do impacto da pandemia de COVID-19. A taxa de crescimento do PIB da América Latina e das Caraíbas caiu quase 2 pontos percentuais em 2023, para 2,2 por cento. Apesar das recentes reduções da dívida pública dos países, o seu rácio global dívida/PIB ainda é elevado, limitando a sua capacidade de apoio orçamental (CEPAL 2023). Muitos países da sub-região (além do Brasil) têm-se deparado com dificuldades decorrentes da diminuição das taxas de consumo privado. Os níveis de consumo dos agregados familiares foram também enfraquecidos por políticas monetárias que aumentaram as restrições do acesso ao crédito. A taxa de crescimento do PIB deverá manter-se ao mesmo nível de 2023, tanto em 2024 como em 2025 (FMI 2023b). Dado o crescimento da população na sub-região, estes dados indicam que os rendimentos *per capita* continuarão a diminuir.

O crescimento do PIB da América do Norte manteve-se resiliente em 2023, mas deverá diminuir em 2024. A taxa

de crescimento do PIB da América do Norte desceu em apenas 0,2 pontos percentuais em 2023, para 2 por cento (FMI 2023b). No entanto, as projeções mostram que a taxa de crescimento desta sub-região diminuirá para 1,5 por cento em 2024. Prevê-se que a taxa de crescimento do PIB dos Estados Unidos diminua em 2024, tendo em conta as pressões sobre os gastos dos consumidores (Lundh 2023). O abrandamento da taxa de crescimento do PIB resultou de taxas de inflação e de juros persistentemente elevados ao longo de 2023, o que provocou o aumento do endividamento dos agregados familiares. O abrandamento da economia dos Estados Unidos resultou numa diminuição das exportações canadianas para os EUA, desacelerando o crescimento do PIB do Canadá.

Tendências do mercado de trabalho na América Latina e nas Caraíbas

As taxas de participação da população ativa na América Latina e nas Caraíbas ainda não regressaram às taxas pré-pandémicas, mas verificou-se uma redução da assimetria de género. Estima-se que a taxa de participação da população ativa tenha sido 62,6 por cento em 2023, ligeiramente inferior aos 63,5 por cento registados em 2019. A redução da assimetria de género é, em grande medida, motivada por uma recuperação ligeiramente mais forte da participação das mulheres do que dos homens na população ativa, uma vez que as mulheres quase voltaram às taxas de participação da população ativa antes da pandemia, mas com

► **Quadro 2.2. Estimativas e projeções de horas de trabalho, emprego, desemprego e força de trabalho, regional e sub-regional, Américas, 2010-2025**

Região/ sub-região	Média de horas semanais trabalhadas por pessoa empregada						Total de horas de trabalho semanais em empregos equivalentes a tempo completo (ETC = 48 horas/semana) (milhões)					
	2010	2019	2022	2023	2024		2010	2019	2022	2023	2024	
Américas	38,3	38,1	38,1	38,1	38,1		329	372	380	387	389	
América Latina e Caraíbas	40,0	39,2	39,5	39,4	39,4		209	233	242	246	249	
América do Norte	35,7	36,4	35,9	36,0	36,0		119	139	138	140	140	
	Taxa de emprego em termos do total de população (percentagens)						Emprego (milhões)					
	2010	2019	2022	2023	2024	2025	2010	2019	2022	2023	2024	2025
Américas	58,5	59,2	58,7	59,1	58,8	58,6	411	469	479	487	490	493
América Latina e Caraíbas	58,9	58,4	58,2	58,7	58,7	58,6	251	285	294	300	304	307
América do Norte	57,8	60,5	59,5	59,8	59,0	58,7	160	183	184	187	186	187
	Taxa de desemprego (percentagens)						Desemprego (milhões)					
	2010	2019	2022	2023	2024	2025	2010	2019	2022	2023	2024	2025
Américas	8,1	6,4	5,7	5,3	5,4	5,4	36,3	32,3	29,2	27,3	27,8	28,0
América Latina e Caraíbas	7,2	8,0	6,9	6,2	6,1	6,0	19,5	24,8	21,8	19,8	19,8	19,6
América do Norte	9,5	3,9	3,8	3,8	4,2	4,3	16,8	7,4	7,3	7,5	8,1	8,4
	Taxas de participação da população ativa (percentagens)						População ativa (milhões)					
	2010	2019	2022	2023	2024	2025	2010	2019	2022	2023	2024	2025
Américas	63,6	63,3	62,3	62,4	62,2	62,0	448	501	508	514	518	521
América Latina e Caraíbas	63,5	63,5	62,5	62,6	62,5	62,4	270	310	316	320	323	326
América do Norte	63,8	62,9	61,9	62,2	61,6	61,3	177	191	192	195	194	195

Fonte: ILOSTAT, estimativas modeladas da OIT, novembro de 2023.

os homens a ficar para trás. O impacto da crise em termos de género está bem documentado: as mulheres eram mais suscetíveis de abandonar a população ativa (OIT 2021b e 2023a). No entanto, a assimetria de género ainda é grande, com 24 pontos percentuais a separar as mulheres, com uma taxa de participação da população ativa de 51,1 por cento em 2023, dos homens, com 74,6 por cento.

O forte crescimento do emprego contribuiu para a redução do desemprego, mas as perspectivas são mais fracas. Uma redução da taxa de desemprego na sub-região para 6,2 por

cento em 2023, em comparação com 8 por cento em 2019, antes da pandemia, foi impulsionada pelo crescimento do emprego e pela criação de emprego (OIT 2023a). No entanto, é provável que os abrandamentos da economia da sub-região impeçam novos ganhos nos próximos anos; prevê-se que a taxa de desemprego se mantenha em torno de 6 por cento em 2024 e 2025. O desemprego jovem continua a ser uma preocupação, correspondendo a 13,6 por cento em 2023 (alinhado com a média global de 13,3 por cento) e devendo aumentar marginalmente até 2025.

Estagnação do crescimento da produtividade do trabalho na América Latina e Caraíbas

A América Latina e as Caraíbas têm registado uma estagnação, nas últimas décadas. A figura 2.2 apresenta as taxas médias anuais de crescimento da produtividade para as sub-regiões e economias selecionadas nas Américas. No que respeita à América Latina e às Caraíbas como um todo, verificou-se uma queda na produtividade do trabalho entre 2015 e 2023. Na Argentina, durante o mesmo período, estima-se que a produtividade do trabalho tenha diminuído 1,7 por cento ao ano, e no México, 0,4 por cento ao ano. Nem todos os países da região registaram um declínio; o Brasil apresentou um ligeiro crescimento de produtividade durante esse período, muito inferior ao dos seus vizinhos na América do Norte. No Canadá e nos Estados Unidos, a produtividade do trabalho cresceu 0,4 por cento ao ano e 1 por cento ao ano, respetivamente.

O fraco crescimento da produtividade tem sido uma questão antiga e complexa na América Latina e nas Caraíbas. Vários fatores estão subjacentes ao persistente baixo crescimento da produtividade nesta sub-região, nomeadamente regimes regulamentares, investimento em infraestruturas e sistemas fiscais. Particularmente preocupante, tal como salientado no anterior relatório *Perspectivas Sociais e de Emprego no Mundo: Tendências*, é a persistência do setor informal, nomeadamente nos serviços e nas zonas rurais, que reduz o crescimento global da produtividade (OIT 2023b e 2021c). Esta situação é agravada pela predominância das micro e pequenas empresas, que normalmente têm um menor crescimento da produtividade (as economias de elevada produtividade têm normalmente percentagens mais elevadas de grandes e médias empresas). Em parte devido à composição do tecido empresarial, o investimento

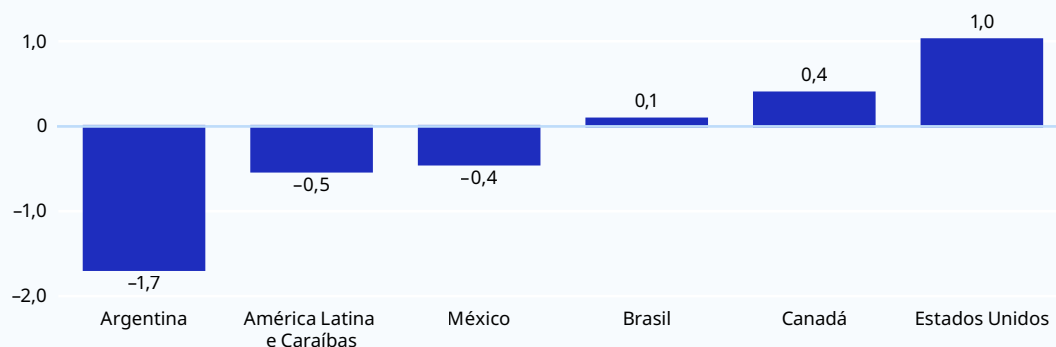
na investigação e no desenvolvimento nos países da América Latina fica aquém do da América do Norte; esta situação, combinada com sistemas de educação e formação de menor qualidade, inibe ainda mais o crescimento da produtividade.

Tendências do mercado de trabalho na América do Norte

As taxas de desemprego continuam baixas nos Estados Unidos, apesar dos aumentos previstos no número de candidatos a emprego, devido às condições mais restritivas da política monetária. Na América do Norte, o desemprego total em 2023 correspondeu a menos de metade do pico atingido em 2020. Em 2023, estima-se que a taxa de desemprego tenha atingido 3,8 por cento (representando 7,5 milhões de pessoas), em comparação com 8,2 por cento (representando 15,5 milhões de pessoas) de 2020. A taxa em 2023 esteve perto da taxa pré-pandemia de 3,9 por cento, em 2019. No entanto, prevê-se que a taxa de desemprego aumente para 4,2 por cento e 4,3 por cento, respetivamente, em 2024 e 2025, devido à maior restritividade das condições monetárias nos Estados Unidos, com impacto no crescimento do emprego e na contratação. No Canadá, a taxa de desemprego permanece estável, graças ao crescimento do emprego (Moosapeta 2023).

O crescimento do emprego, que aumentou 1,4 por cento em 2023, deverá diminuir em 2024, à medida que a economia abrande. O total de horas trabalhadas deverá também diminuir marginalmente em 2024, potencialmente indicando um abrandamento do crescimento do emprego. A média das horas semanais, 36 horas, voltou à média pré-pandemia a longo prazo (2010-2019), e é apenas marginalmente inferior ao nível de 2019, de 36,4 horas. Tal como acima referido, espera-se que as condições de política monetária tenham impacto no crescimento do emprego, mas tal ainda não se verificou nos indicadores-chave.

► Figura 2.2. Taxa média anual de crescimento da produtividade, 2015-2023 (percentagens)



Fonte: ILOSTAT, estimativas modeladas da OIT, novembro de 2023.

► Estados Árabes

O crescimento do PIB nos Estados árabes diminuiu consideravelmente no contexto de múltiplos cortes na produção de petróleo. A taxa de crescimento do PIB em 2023 nos Estados árabes ficou aquém das previsões anteriores (FMI 2023b). Depois de um crescimento substancial de 7,2 por cento em 2022, o crescimento do PIB desacelerou para uns escassos 0,9 por cento em 2023. No entanto, prevê-se que o crescimento do PIB volte a recuperar em 2024, para mais de 3,5 por cento.

Os países exportadores de petróleo têm recorrido à mudança para atividades não relacionadas com o setor petrolífero para impulsionar o crescimento do PIB, num contexto de múltiplos cortes na produção de petróleo. Perto do final de 2022, a Organização dos Países Exportadores de Petróleo e os seus aliados (OPEP+) concordaram em reduzir a produção de petróleo em 2 milhões de barris por dia (bpd), dos níveis de produção de agosto de 2022 (Lawler e Edwards 2023). Ao longo de 2023, foram efetuados mais cortes voluntários em várias ocasiões (Lawler 2023). A Arábia Saudita calcula que a sua produção de petróleo tenha diminuído 9 por cento em 2023, a maior redução por ano dos últimos 15 anos (Saba e Uppal 2023). O Kuwait, a Arábia Saudita e os Emirados Árabes

Unidos conseguiram compensar os cortes na produção de petróleo com o crescimento dos seus setores de retalho e de serviços (FMI 2023c). No entanto, foram conduzidos estudos que sugeriram que, para evitar a contração do PIB, é preciso que o crescimento do setor não petrolífero tenha sido, em média, de cerca de 5 por cento em 2023 (Saba e Uppal 2023).

As perspetivas são ensombradas por ventos contrários na economia, num contexto de crescentes tensões geopolíticas. O ataque do Hamas a Israel e a retaliação deste último, em outubro de 2023, geraram incerteza em torno da produção de petróleo nos Estados árabes, entre outros fatores. 48 horas após o ataque inicial, os preços globais do petróleo registaram um pico de curto prazo. Não se espera que este conflito cause a mesma perturbação na indústria petrolífera que o conflito entre a Rússia e a Ucrânia causou inicialmente, porque não está a ocorrer numa nação produtora de petróleo (Hale 2023). No entanto, a possibilidade de o conflito poder alastrar a outros países da região aumentou a incerteza das perspetivas nos Estados árabes (ver caixa 2.1).

Tendências do mercado de trabalho nos Estados árabes

O crescimento limitado das oportunidades de emprego formal e produtivo continua a constituir um grande desafio para a região. Em 2023, prevê-se que o total de horas trabalhadas nos Estados árabes tenha aumentado 2,3 por cento; prevê-se que esse total aumente mais 2 por cento em 2024 (quadro 2.3). Estas taxas de crescimento são inferiores ao crescimento do emprego, que se espera vir a ser de 3 por cento e 2,5 por cento em 2023 e 2024, respetivamente, como tem sido o caso na última década. Estima-se que a média das horas por trabalhador por conta de outrem tenha sido de 38,4 horas por semana em 2023, ainda abaixo dos níveis pré-pandemia (39,2 horas em 2019). A insuficiente transformação estrutural e a diversificação económica – devido à debilidade das políticas macroeconómicas, setoriais, industriais e de investimento – causaram anos de procura deficiente de mão de obra, na qual menos de metade da população em idade ativa total da região foi empregada (a taxa de emprego em termos do total da população estima-se que terá sido 44,5 por cento em 2023). Os postos de trabalho criados são muitas vezes informais, especialmente nos países da região que não exportam petróleo, e não proporcionam condições de trabalho dignas, incluindo cobertura da proteção social e salários dignos. O emprego informal continua elevado: 51 por cento em 2023.

► Caixa 2.1. Impacto do conflito Israel-Hamas no emprego total nos Territórios Palestinos Ocupados

O primeiro boletim da OIT sobre o impacto do atual conflito Israel-Hamas no mercado de trabalho e nos meios de subsistência estima uma perda de pelo menos 61% do emprego na Faixa de Gaza desde o início do conflito, representando 182.000 pessoas (OIT 2023c). É igualmente provável que o conflito tenha repercussões nos países vizinhos e em toda a região. Na Cisjordânia (a outra área incluída no Território Palestino Ocupado), estima-se uma perda de 24% do emprego, representando 208.000 pessoas, desde o início do conflito. O mercado de trabalho de Gaza já se caracterizava pela pobreza no trabalho, pelo desemprego e por outros défices em matéria de trabalho digno. No Território Palestino Ocupado, e noutros locais da região, se outros países forem arrastados para o conflito, prevê-se que as perdas económicas e de emprego aumentem se as operações militares em Gaza se intensificarem e a crise humanitária no enclave continuar a desenrolar-se.

► **Quadro 2.3. Estimativas e projeções de horas de trabalho, emprego, desemprego e força de trabalho, regional e sub-regional, Estados árabes, 2010-2025**

Região/ sub-região	Média de horas semanais trabalhadas por pessoa empregada						Total de horas de trabalho semanais em empregos equivalentes a tempo completo (ETC = 48 horas/semana) (milhões)					
	2010	2019	2022	2023	2024		2010	2019	2022	2023	2024	
Estados Árabes	43,0	39,2	38,6	38,4	38,2		37	43	44	45	46	
Não-GCC	40,6	33,5	31,7	31,4	31,1		18	16	17	17	18	
CCG	45,6	43,9	44,5	44,5	44,4		20	26	27	28	28	
	Taxa de emprego em termos do total de população (percentagens)						Emprego (milhões)					
	2010	2019	2022	2023	2024	2025	2010	2019	2022	2023	2024	2025
Estados Árabes	45,5	45,0	44,4	44,5	44,4	44,4	42	52	55	56	58	59
Não-GCC	37,0	33,0	32,3	32,5	32,6	32,7	21	23	25	26	27	28
CCG	59,2	64,0	65,4	65,7	65,6	65,6	21	29	30	30	31	31
	Taxa de desemprego (percentagens)						Desemprego (milhões)					
	2010	2019	2022	2023	2024	2025	2010	2019	2022	2023	2024	2025
Estados Árabes	7,2	9,3	10,0	9,9	9,8	9,7	3,2	5,4	6,1	6,2	6,3	6,4
Não-GCC	10,1	15,3	16,1	16,1	16,0	15,8	2,4	4,2	4,9	5,1	5,2	5,3
CCG	4,0	3,8	4,0	3,7	3,5	3,4	0,9	1,1	1,2	1,1	1,1	1,1
	Taxas de participação da população ativa (percentagens)						População ativa (milhões)					
	2010	2019	2022	2023	2024	2025	2010	2019	2022	2023	2024	2025
Estados Árabes	49,0	49,6	49,4	49,4	49,3	49,1	45	58	61	63	64	66
Não-GCC	41,2	38,9	38,5	38,8	38,8	38,9	23	28	30	31	32	34
CCG	61,7	66,6	68,1	68,2	68,0	67,8	22	30	31	31	32	32

Fonte: ILOSTAT, estimativas modeladas da OIT, novembro de 2023.

Os desajustamentos de competências e sistemas insuficientes de ensino, formação e desenvolvimento de competências também contribuem para os elevados níveis de desemprego na região. As competências proporcionadas pelas instituições de ensino e formação não estão a conseguir dar resposta às necessidades atuais e futuras do setor privado, nomeadamente no que diz respeito às competências sociais, digitais e verdes, entre outras. Consequentemente, o desemprego subiu em 2023 para 9,9 por cento nos Estados árabes como um todo e atingiu um valor particularmente elevado de 16,1 por cento nos países não membros do CCG. A persistência de níveis elevados de desemprego, sobretudo entre os jovens, é motivada pelo crescimento da população em idade ativa, em combinação com oportunidades de emprego limitadas e uma desconexão entre a oferta e a procura

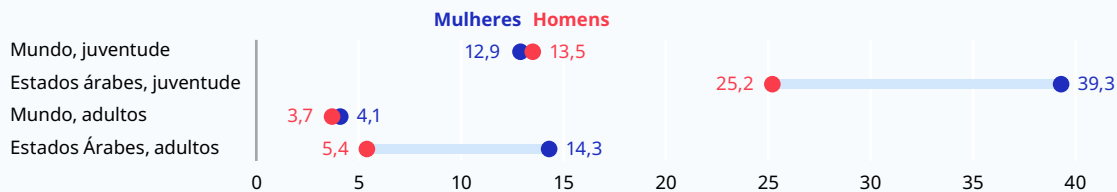
de competências (ver Capítulo 3 para mais informações sobre o impacto na população).

As assimetrias de género no desemprego e na participação no mercado de trabalho continuam a ser significativas.

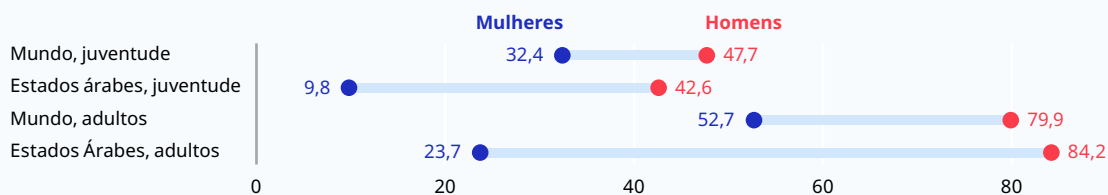
Embora as assimetrias de género no mercado de trabalho nos Estados árabes tenham apresentado uma melhoria modesta nos últimos anos, permanecem elevadas entre os jovens e os adultos. Em 2023, a taxa de desemprego nos Estados árabes foi quase 9 pontos percentuais mais elevada nas mulheres adultas do que nos homens [figura 2.3(a)]. Esta diferença é muito superior à diferença média global, de aproximadamente 0,4 pontos percentuais. A assimetria de género de desemprego nos Estados árabes foi de 14,2 pontos percentuais no que respeita à população jovem (em comparação com a diferença média global de 0,6 pontos

► **Figura 2.3. Disparidades de gênero nos resultados do mercado de trabalho nos Estados árabes, 2023**

(a) Assimetrias de gênero nas taxas de desemprego, jovens e adultos, no mundo e nos Estados árabes (percentagens)



(b) Assimetrias de gênero nas taxas de participação da população ativa, jovens e adultos, mundo e Estados árabes (percentagens)



Fonte: ILOSTAT, estimativas modeladas da OIT, novembro de 2023.

percentuais). As assimetrias de gênero estão igualmente presentes na participação da população ativa (figura 2.3(b)). Os Estados árabes têm assimetrias de gênero de participação da população ativa de 33 e 61 pontos percentuais na população jovem e na população adulta, respetivamente. A assimetria de gênero global é inferior a metade da assimetria registada nos Estados árabes em ambas as faixas etárias.

Uma série de fatores tem provocado disparidades de gênero na região. As assimetrias de gênero e as desigualdades na região persistem tanto nos Estados do CCG como nos Estados não membros do CCG, devido a normas culturais, responsabilidades familiares desequilibradas, uma economia de cuidados subdesenvolvida, falta de transportes públicos seguros, discriminação no local de trabalho e ausência de políticas favoráveis à família, entre outros fatores (OIT 2023d; PNUD 2023). Estão em curso esforços para enfrentar estes desafios e promover o crescimento do emprego em setores de elevada produtividade e de elevado valor acrescentado e, complementando as políticas sociais e de mercado de trabalho adequadas, contribuirão para promover o aumento do emprego feminino e da participação da população ativa na região.

Implicações das deslocações forçadas no mercado de trabalho

Um dos principais desafios enfrentados por vários Estados não membros do CCG é a deslocação forçada, que abrange

tanto refugiados e requerentes de asilo como pessoas deslocadas internamente. Ao longo da última década, a região conheceu um afluxo significativo de pessoas deslocadas, devido a conflitos, perseguições e instabilidade em vários países. Verificou-se um aumento na deslocação após as revoltas da Primavera Árabe, nas quais grandes mudanças políticas conduziram a guerras civis, que contribuíram para os 2,9 milhões de novas deslocações internas por ano, na região do Médio Oriente e Norte de África (IDMC 2020). As catástrofes naturais, por sua vez, causaram 1,5 milhões de deslocações na região do Médio Oriente e do Norte de África, entre 2010 e 2020 (IDMC 2020). É provável que estas deslocações sejam exacerbadas por acontecimentos induzidos por alterações climáticas. Por último, a recente escalada do conflito em Israel é suscetível de contribuir para novas deslocações na região.

Os migrantes enfrentam desafios no acesso ao mercado de trabalho, o que exacerba as vulnerabilidades existentes. Muitos refugiados, requerentes de asilo e pessoas deslocadas internamente que vivem em campos ou acampamentos foram afetados de forma desproporcional pela pandemia de COVID-19, nomeadamente através da exclusão de políticas governamentais centradas principalmente na população nacional; esta situação agravou ainda mais as suas situações, já de si vulneráveis (OIT 2020b). Os refugiados e os requerentes de asilo podem igualmente enfrentar limitações à sua circulação, que afetam a sua capacidade até para desempenharem trabalho por conta própria (OIT 2020b). Os refugiados e as pessoas deslocadas

internamente que conseguem entrar no mercado de trabalho deparam-se frequentemente com más condições de trabalho em resultado de barreiras legais (falta de direitos legais e dificuldade na obtenção de autorizações de trabalho), falta de competências (e reconhecimento de competências) ou barreiras linguísticas.

As deslocações dos últimos anos contribuíram para a complexa dinâmica dos mercados de trabalho. A presença de populações deslocadas pode ter vários impactos nas oportunidades de emprego e nos recursos, em especial no emprego pouco qualificado e informal nas comunidades de acolhimento (OIT 2013). De acordo com pesquisas efetuadas, os refugiados e as pessoas deslocadas

no interior do país trabalham frequentemente na economia informal, durante mais horas de trabalho, por salários mais baixos e com uma cobertura de proteção social limitada ou inexistente. Um estudo recente constatou que refugiados sírios e palestinianos no Líbano têm uma taxa de emprego informal de 95 por cento e 94 por cento, respetivamente (OIT 2021d). Muitos refugiados e pessoas deslocadas internamente podem não possuir as competências e qualificações necessárias para aceder a empregos com remunerações mais elevadas. O acesso limitado a programas de educação e formação pode perpetuar a vulnerabilidade dessas pessoas no mercado de trabalho.

► **Ásia e Pacífico**

Na Ásia e no Pacífico, estima-se que o PIB tenha crescido 4,3 por cento em 2023 (FMI 2023b). A reabertura da economia após as restrições da COVID-19, incluindo a supressão das medidas de confinamento na China, contribuiu para um crescimento mais forte em 2023 (em comparação com 3,9 por cento em 2022). Na China, a eliminação destas restrições resultou no aumento da despesa interna, uma vez que os agregados familiares gastaram poupanças acumuladas (Banco Mundial 2023a). Entretanto, o turismo na região, proveniente de economias de elevado rendimento, recuperou, ultrapassando os níveis pré-pandemia em 2022 (BAD 2023). No entanto, alguns países do Pacífico, como as Ilhas Salomão, demonstram incapacidade para aproveitar a recuperação do turismo, devido a um êxodo de mão de obra qualificada que ocorreu após o encerramento de empresas relacionadas com o turismo, durante a pandemia (BAD 2023). Embora a inflação tenha afetado a região, os mecanismos de controlo dos preços, os subsídios e as subidas das taxas de juro têm sido mais baixos do que noutras regiões emergentes e em desenvolvimento, com algumas exceções, como alguns países da Ásia do Sul (Banco Mundial 2023a). A melhoria das circunstâncias económicas facilitou a eliminação progressiva das medidas de apoio relacionadas com a pandemia e com o custo de vida, permitindo a estabilização das situações orçamentais (BAD

2023). À medida que muitas destas dinâmicas se vão consolidando, espera-se que o crescimento continue a rondar os 4,1 por cento em 2024.

A Ásia do Sul deverá ter tido a maior taxa de crescimento na região em 2023, 5 por cento, em comparação com 4,2 por cento na Ásia Oriental e 3,8 por cento no Sudeste Asiático e no Pacífico (FMI 2023b). Embora muitos países da Ásia e do Pacífico tenham sido capazes de evitar a aceleração da inflação observada noutras regiões, vários países do Sul da Ásia – incluindo o Bangladesh, a Índia e o Paquistão – implementaram medidas de contenção das importações e enfrentam escassez de energia, tendo ambas estas situações afetado a produção industrial. Estes países dispõem também de uma margem de manobra orçamental limitada para estimular ou responder a choques exógenos no futuro, caso seja necessário (Banco Mundial 2023b; OIT 2023e e 2022b). Além disso, alguns países, como o Seri Lanca e o Paquistão, foram atingidos por crises financeiras (Banco Mundial 2023b). No entanto, a Índia impulsionou o crescimento para a sub-região do Sul da Ásia, graças em parte ao elevado crescimento do investimento (Banco Mundial 2023a). Também no Sudeste Asiático, a Indonésia deverá ter registado um crescimento relativamente forte até 2023, que deverá continuar em 2024, em resultado dos elevados preços das matérias-primas que reforçam as receitas de exportação (CNUCED 2023).

Tendências do mercado de trabalho na Ásia e no Pacífico

Em 2023, as tendências de participação da população ativa regressaram a uma tendência descendente pré-pandémica na Ásia e no Pacífico. A taxa da participação da

população ativa, que tem vindo a diminuir nas últimas duas décadas (de 66,4 por cento em 2000 para 60,2 por cento em 2019), está novamente a diminuir após um período turbulento entre 2019 e 2023 devido ao impacto da pandemia (quadro 2.4). A taxa de participação da população ativa em 2023 foi estimada em 60,9 por cento; prevê-se que diminua em 2024 e

► **Quadro 2.4. Estimativas e projeções do tempo de trabalho, emprego, desemprego e força de trabalho, regional e sub-regional, Ásia e Pacífico, 2010-2025**

Região/ sub-região	Média de horas semanais trabalhadas por pessoa empregada						Total de horas de trabalho semanais em empregos equivalentes a tempo completo (ETC = 48 horas/semana) (milhões)					
	2010	2019	2022	2023	2024		2010	2019	2022	2023	2024	
Ásia e Pacífico	46,7	45,3	44,1	43,9	43,8		1.700	1.784	1.793	1.828	1.832	
Ásia Oriental	46,3	44,6	44,1	44,0	43,9		831	813	806	803	802	
Sudeste Asiático	42,6	40,6	39,9	39,9	39,9		253	275	274	279	282	
Sul da Ásia	49,5	48,7	46,3	45,8	45,8		605	682	698	730	733	
Pacífico	35,0	34,5	34,4	34,4	34,4		12	14	15	15	15	
	Taxa de emprego em termos do total de população (percentagens)						Emprego (milhões)					
	2010	2019	2022	2023	2024	2025	2010	2019	2022	2023	2024	2025
Ásia e Pacífico	59,5	57,4	57,4	58,2	57,8	57,7	1.749	1.892	1.952	1.999	2.007	2.025
Ásia Oriental	66,3	63,9	63,3	62,9	62,6	62,4	861	875	878	877	877	878
Sudeste Asiático	65,4	65,6	64,2	64,5	64,5	64,3	284	325	330	336	340	343
Sul da Ásia	49,7	48,0	49,3	51,4	50,9	51,0	586	672	723	765	769	783
Pacífico	59,7	60,0	60,8	60,9	60,6	60,4	17	20	21	21	21	22
	Taxa de desemprego (percentagens)						Desemprego (milhões)					
	2010	2019	2022	2023	2024	2025	2010	2019	2022	2023	2024	2025
Ásia e Pacífico	5,3	4,7	4,5	4,5	4,5	4,5	97,5	94,3	92,2	93,3	93,7	94,9
Ásia Oriental	4,5	4,3	4,7	4,7	4,7	4,7	40,8	39,5	43,1	42,9	43,0	43,1
Sudeste Asiático	3,3	2,4	2,6	2,5	2,5	2,4	9,6	8,0	8,7	8,6	8,6	8,6
Sul da Ásia	7,3	6,4	5,2	5,1	5,1	5,1	46,2	45,8	39,6	41,0	41,4	42,3
Pacífico	5,0	4,7	3,6	3,6	3,7	3,8	0,9	1,0	0,8	0,8	0,8	0,9
	Taxas de participação da população ativa (percentagens)						População ativa (milhões)					
	2010	2019	2022	2023	2024	2025	2010	2019	2022	2023	2024	2025
Ásia e Pacífico	62,8	60,2	60,1	60,9	60,5	60,4	1.846	1.986	2.044	2.092	2.100	2.120
Ásia Oriental	69,5	66,8	66,4	66,0	65,7	65,5	902	914	921	920	920	921
Sudeste Asiático	67,7	67,2	65,9	66,2	66,1	65,9	294	333	339	344	348	351
Sul da Ásia	53,6	51,3	52,0	54,2	53,6	53,8	632	718	762	806	810	826
Pacífico	62,8	62,9	63,0	63,2	62,9	62,8	17	21	22	22	22	23

Fonte: ILOSTAT, estimativas modeladas da OIT, novembro de 2023.

2025 (para 60,5 por cento e 60,4 por cento, respetivamente). Este declínio modesto a longo prazo foi, em grande medida, impulsionado pela evolução socioeconómica nas economias de baixos e médios rendimentos da região, à medida que as taxas de pobreza diminuíram e a inscrição nos estabelecimentos de ensino por parte dos jovens melhorou. Ao mesmo tempo, as taxas de participação da população ativa feminina no mercado de trabalho têm vindo a aumentar devido à melhoria do acesso das mulheres ao mercado de trabalho, em especial no Sul da Ásia, onde a taxa de participação da população ativa feminina no mercado de trabalho (30,8 por cento) foi 45,9 pontos percentuais inferior à dos homens (76,7 por cento) em 2023, o que contrasta com a diferença de 51,2 pontos percentuais em 2010.

O crescimento do emprego na região aumentou, impulsionado pelo crescimento do emprego no Sul da Ásia. O crescimento do emprego de 2,4 por cento entre 2022 e 2023 é significativamente maior do que a média de longo prazo pré-pandemia de 0,9 por cento ao ano (2010-2019). Isto corresponde a uma taxa de emprego em termos do total de população de 58,2 por cento em 2023, quase o mesmo que a média pré-pandemia a longo prazo (2010-2019), o que sugere que o crescimento do emprego está a acompanhar o ritmo de crescimento da população. As horas semanais médias por pessoa empregada, 44 horas por semana em 2023, permaneceram inferiores à média pré-pandemia de longo prazo, de cerca de 46 horas por semana (2010-2019). Esta situação pode ter sido impulsionada pela evolução na Ásia Oriental, onde o total de horas trabalhadas na economia tem vindo a diminuir desde o início da pandemia – devido ao fraco crescimento económico na China – bem como a longo prazo (0,2 por cento por ano, entre 2010 e 2019).

Em cerca de 4,5 por cento, a taxa de desemprego regional desceu abaixo dos níveis pré-pandémicos em 2023, mas este valor oculta a heterogeneidade entre países e grupos etários. A taxa de desemprego deverá manter-se constante nos próximos dois anos e significativamente inferior ao pico de 5,5 por cento registado em 2020. É também inferior ao nível pré-pandémico, 4,7 por cento em 2019, e à média a longo prazo de 5,1 por cento entre 2010 e 2019. A taxa de desemprego na Ásia Oriental em 2023 foi mais elevada do que em 2019, 4,7 por cento em comparação com 4,3 por cento, respetivamente; as taxas nas outras sub-regiões foram todas inferiores ou apenas ligeiramente superiores em 2023, em comparação com as de 2019. O desemprego jovem continua a ser um desafio significativo para a região. Estima-se que a taxa de desemprego dos jovens em 2023 ronde os 14,4 por cento, em média, na Ásia e no Pacífico, registando um aumento constante de 12 por cento em 2010 e menos de 10 por cento em 2000. As taxas particularmente elevadas de desemprego dos jovens na China – que, segundo as informações disponíveis, foram de 20,4 por cento em abril

de 2023, nas zonas urbanas – impulsionaram a taxa global relativa à Ásia Oriental (OIT 2023f).

Os jovens continuam a deparar-se com défices em matéria de trabalho digno, que agravam as vulnerabilidades preexistentes deste grupo etário. A par da taxa de desemprego elevada e crescente na região, o emprego informal afeta mais de oito em cada dez jovens trabalhadores da região, e um em cada quatro jovens trabalhadores vive em agregados familiares abaixo do limiar de pobreza moderada de 3,65 USD por dia, em termos de PPC (OIT e ADB 2020). Ao mesmo tempo, mais de 144 milhões de jovens da região são jovens NEET, a maioria dos quais são mulheres; as taxas de NEET relativas às mulheres jovens são especialmente elevadas no Sul da Ásia. Durante a pandemia, faltaram abordagens orientadas para os jovens na Ásia e no Pacífico; as abordagens de tipo universal geralmente utilizadas não deram uma atenção específica aos grupos vulneráveis, como é o caso dos jovens (OIT 2023g).

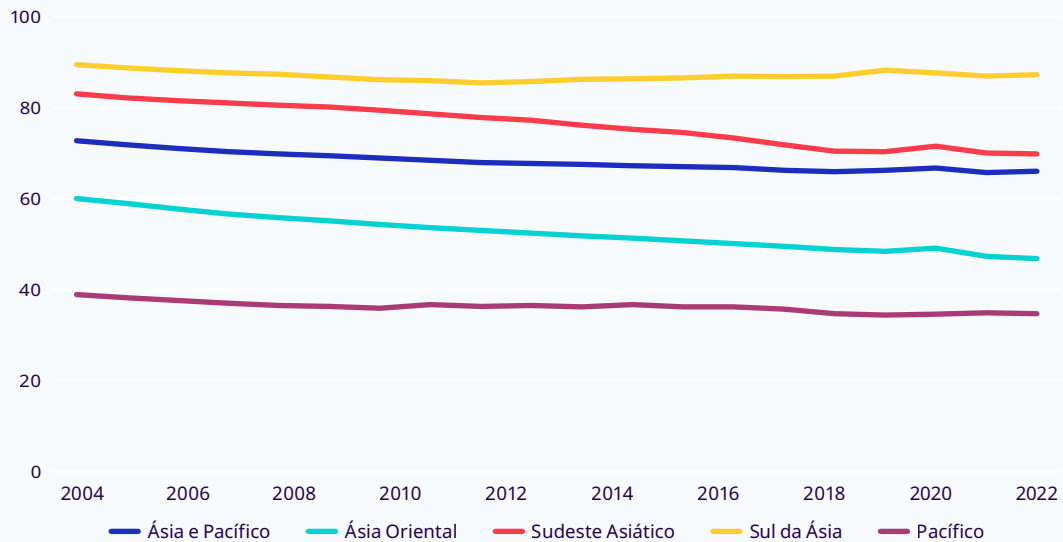
Informalidade e novas formas de trabalho na Ásia e no Pacífico

Na Ásia e no Pacífico, quase dois terços do emprego total correspondiam a emprego formal, em 2023. Esta taxa diminuiu de 72,7 por cento duas décadas antes, em 2004, mas em 2023, com 66 por cento, ainda representava 1,3 mil milhões de pessoas na região. A taxa de emprego informal varia consideravelmente no âmbito da região, sendo a mais elevada no Sul da Ásia (87 por cento em 2023), seguida do Sudeste Asiático (70 por cento) e, em seguida, da Ásia Oriental (47 por cento) e do Pacífico (35 por cento) (figura 2.4).

A informalidade afeta os países desta região em diferentes graus de desenvolvimento económico, e novas formas de trabalho continuam a trazer desafios nesta frente, mesmo em países que tiveram progressos substanciais. Os países de rendimento médio-baixo continuam a apresentar níveis elevados de emprego informal. Por exemplo, a taxa de emprego informal no Nepal foi de cerca de 82 por cento em 2017 e a do Paquistão, cerca de 84 por cento em 2021 (OIT 2023h). Embora muitas economias de rendimentos elevados (Austrália, Japão, República da Coreia, Nova Zelândia) se tenham saído relativamente melhor, registando reduções regulares do emprego informal, as novas formas de trabalho, incluindo os postos de trabalho na economia de plataformas, colocam novos e diferentes desafios à luta contra a informalidade (OIT, a publicar).

As novas formas de organização do trabalho proporcionam uma série de oportunidades, mas também expõem lacunas jurídicas e políticas, colocando assim novos desafios à redução da informalidade. O crescimento das formas

► **Figura 2.4. Taxas de emprego informal, Ásia e Pacífico e sub-regiões, 2004-2023 (percentagens)**



Fonte: ILOSTAT, estimativas modeladas da OIT, novembro de 2023.

atípicas de trabalho, incluindo a economia dos serviços isolados (*gig economy*) e de plataformas, tem sido impulsionado pelas novas tecnologias.⁴ Embora estas novas formas de trabalho proporcionem uma série de oportunidades, incluindo organizações de trabalho flexíveis, e benefícios tanto para as empresas como para os trabalhadores, verificam-se várias desvantagens, incluindo a falta de segurança do emprego, os rendimentos irregulares e baixos, e o acesso limitado aos regimes de proteção social. Além disso, muitas destas novas formas de trabalho situam-se fora do âmbito e da

cobertura das leis e regulamentos em matéria de emprego (Secretariado da ASEAN 2023). A República da Coreia é um país que tem vindo a introduzir alterações a nível de política para fazer face à informalidade resultante de novas formas de trabalho – por exemplo, com um Roteiro Nacional do Seguro de Emprego para abranger todos os trabalhadores, incluindo trabalhadores não regulares e trabalhadores temporários, bem como legislação para ajudar a especificar a responsabilização dos operadores de plataformas de trabalho (OIT, a publicar).

⁴ O “emprego atípico”, tal como definido pela OIT, abrange quatro tipos diferentes de emprego remunerado que se afastam da relação de trabalho normal. Esses tipos correspondem ao trabalho temporário (trabalho ocasional e contratos a termo), ao trabalho a tempo parcial e regimes de trabalho à chamada, às relações de trabalho triangulares (trabalho temporário e outras formas de mediação de trabalho ou de expedição de mão de obra) e às relações de trabalho dissimuladas ou dependentes (em que os trabalhadores são legalmente classificados como trabalhadores por conta própria, mas outra pessoa dirige o seu trabalho) (OIT 2016).

► Europa e Ásia Central

O crescimento do PIB da Europa e da Ásia Central deverá aumentar nos próximos dois anos, na sequência de um abrandamento do crescimento em 2022 e 2023. O crescimento económico na Europa e na Ásia Central continuou a diminuir em 2023, caindo para 1,4 por cento, em comparação com 6,4 por cento e 2,6 por cento em 2021 e 2022, respetivamente (FMI 2023b). No entanto, as projeções mostram que o crescimento económico deverá inverter-se em 2024, em parte devido às melhorias previstas na Polónia, na Federação Russa e na Turquia (Banco Mundial 2023c). Espera-se que a União Europeia registe um crescimento moderado a médio prazo, em resultado da pressão inflacionista e das elevadas taxas de juro na zona euro, com impacto no consumo e no investimento das famílias (EIU 2023).

O crescimento económico da Europa de Leste foi o que se deparou com mais dificuldades, em grande parte na sequência da invasão da Ucrânia pela Federação Russa. O PIB da Europa de Leste diminuiu 1,5 por cento em 2022, mas recuperou rapidamente para uma taxa de crescimento de 1,7 por cento em 2023 (FMI 2023b). O aumento das despesas militares da Federação Russa e a forte procura de consumidores por parte de Turquia contribuíram para a expansão da economia da Europa de Leste (Banco Mundial 2023c). Entretanto, a Europa do Norte, do Sul e a Europa Ocidental registaram um forte crescimento económico durante dois anos consecutivos. Após um crescimento de 0,7 por cento em 2023, as projeções mostram que o crescimento do PIB deverá aumentar para cerca de 1,2 por cento em 2024.

O crescimento económico permaneceu sólido na Ásia Central, apesar das tensões políticas. Os países da Ásia Central melhoraram as suas relações comerciais com a Federação Russa, satisfazendo uma procura causada pela retirada de empresas internacionais do mercado da Federação Russa (Usov 2023). Muitas empresas e indivíduos russos foram obrigados a deslocar-se devido ao conflito entre a Federação Russa e a Ucrânia; isso resultou no aumento da procura por serviços de retalho, imobiliário e hotelaria na Ásia Central. A crescente procura de mão de obra migrante na Rússia também apoiou o PIB da Ásia Central através de remessas de mão de obra.

Tendências do mercado de trabalho na Europa e na Ásia Central

A definição de indicadores-chave sugere que o mercado de trabalho na Europa e na Ásia Central estabilizou. Em toda a região, o emprego continua a aumentar em consonância com o crescimento da população em idade ativa (o que corresponde a uma taxa estável de emprego em termos do total de população de cerca de 55 por cento) (quadro 2.5). A taxa de desemprego diminuiu para 5,7 por cento em 2023, de um máximo recente de 7 por cento em 2020. A taxa de participação da população ativa situa-se também aproximadamente ao mesmo nível das tendências pré-pandémicas e de longo prazo, cerca de 58,5 por cento (em comparação com 58,3 por cento, em média, entre 2010 e 2019). Estas tendências são coerentes com as conclusões de outros monitores, em especial do mercado de trabalho europeu, como o Barómetro do Mercado de Trabalho Europeu, cujas análises recentes sugerem estabilidade nos indicadores-chave (IAB 2023).

A heterogeneidade é prevalecente na região; as diferentes tendências na Europa de Leste refletem o impacto regional da invasão da Ucrânia pela Rússia. O emprego está a crescer em todas as sub-regiões, exceto na Europa de Leste, cujo emprego total tem seguido uma tendência descendente desde 2022. Prevê-se que esta tendência se mantenha até 2025. Verificou-se uma série de perturbações do mercado de trabalho na Ucrânia, resultantes de perturbações económicas, encerramentos de empresas, êxodo da população e deslocações internas, que contribuíram para a diminuição do emprego total, da qualidade de emprego e da criação de emprego, bem como para o aumento da informalidade (OIT 2022c e 2022d). O total de horas trabalhadas também tem vindo a diminuir na Europa de Leste desde 2021. Por último, a taxa de desemprego tem vindo a diminuir na Europa de Leste, em parte devido à redução da população ativa – o denominador da taxa de desemprego. Esta redução da população ativa tem sido impulsionada pelo envelhecimento da população e pelos fluxos migratórios externos, e aponta para uma imagem mais crua do que aquela que é transmitida pela queda das taxas de desemprego.

► **Quadro 2.5. Estimativas e projeções de horas de trabalho, emprego, desemprego e força de trabalho, regional e sub-regional, África, 2010-2025**

Região/ sub-região	Média de horas semanais trabalhadas por pessoa empregada						Total de horas de trabalho semanais em empregos equivalentes a tempo completo (ETC = 48 horas/semana) (milhões)					
	2010	2019	2022	2023	2024		2010	2019	2022	2023	2024	
Europa e Ásia Central	25,8	23,8	25,1	25,4	25,4		327	301	317	320	320	
Europa do Norte, do Sul e Ocidental	26,1	23,9	25,3	26,2	26,0		158	145	153	158	156	
Europa de Leste	26,9	25,5	26,3	25,1	25,5		110	103	106	100	101	
Ásia Central e Ocidental	23,5	20,8	22,6	24,0	23,9		59	53	58	62	63	
	Taxa de emprego em termos do total de população (percentagens)						Emprego (milhões)					
	2010	2019	2022	2023	2024	2025	2010	2019	2022	2023	2024	2025
Europa e Ásia Central	52,7	54,7	55,0	55,1	54,9	54,6	389	417	421	423	422	422
Europa do Norte, do Sul e Ocidental	52,0	54,4	54,8	55,1	54,9	54,8	193	208	211	213	212	212
Europa de Leste	54,7	56,9	56,9	56,6	56,1	55,7	137	139	137	136	135	134
Ásia Central e Ocidental	50,5	51,7	52,5	52,9	52,7	52,5	59	70	73	74	75	76
	Taxa de desemprego (percentagens)						Desemprego (milhões)					
	2010	2019	2022	2023	2024	2025	2010	2019	2022	2023	2024	2025
Europa e Ásia Central	9,0	6,6	5,9	5,7	5,8	5,7	38,4	29,3	26,5	25,4	25,8	25,7
Europa do Norte, do Sul e Ocidental	9,9	6,9	6,3	6,2	6,3	6,3	21,2	15,5	14,2	14,0	14,3	14,3
Europa de Leste	7,9	4,7	4,4	4,0	4,0	4,0	11,8	6,8	6,4	5,7	5,7	5,5
Ásia Central e Ocidental	8,3	9,0	7,5	7,1	7,2	7,3	5,4	6,9	5,9	5,7	5,8	5,9
	Taxas de participação da população ativa (percentagens)						População ativa (milhões)					
	2010	2019	2022	2023	2024	2025	2010	2019	2022	2023	2024	2025
Europa e Ásia Central	57,8	58,6	58,5	58,5	58,2	58,0	428	446	448	448	448	448
Europa do Norte, do Sul e Ocidental	57,7	58,5	58,5	58,7	58,6	58,5	214	224	225	227	227	227
Europa de Leste	59,4	59,7	59,5	58,9	58,4	58,0	149	146	144	142	140	139
Ásia Central e Ocidental	55,1	56,8	56,8	56,9	56,8	56,6	65	77	79	80	81	82

Fonte: ILOSTAT, estimativas modeladas da OIT, novembro de 2022.

A melhoria dos indicadores-chave na Ásia Central e Ocidental pode vir a abrandar, a longo prazo, devido à incerteza económica.

A taxa de emprego em termos do total da população na Ásia Central e Ocidental, 52,9 por cento, é mais elevada do que a média pré-pandémica a longo prazo, de cerca de 51,7 por cento. A taxa de desemprego continua a diminuir; atingiu 7,1 por cento em 2023, consideravelmente abaixo dos 9 por cento em 2019 e da média pré-pandemia a longo prazo (2010-2019) de 7,9 por cento. Apesar disso, existem desafios na sub-região, especialmente no que diz respeito à qualidade do trabalho. A informalidade permaneceu elevada em 36,4 por cento na Ásia Central e Ocidental em 2023, em comparação com 9 por cento na Europa do Norte, do Sul e Ocidental e 19,5 por cento na Europa de Leste. Este número representa uma melhoria significativa em relação aos 46,5 por cento registados na Ásia Central e Ocidental em 2010, mas ainda assim corresponde a 27 milhões de pessoas. Existem riscos para as perspetivas da sub-região, nomeadamente decorrentes da guerra na Ucrânia e das alterações climáticas, que podem ter impacto no crescimento a longo prazo e causar repercussões para o mercado de trabalho (Gigineishvili *et al.* 2023).

Panoramas mistos do desemprego jovem na Europa

Cerca de metade dos países europeus registou uma diminuição do desemprego dos jovens nos 12 meses anteriores a junho de 2023.

Ao longo de 2023, a situação dos jovens da Europa no mercado de trabalho melhorou de forma constante. Em junho de 2023, a taxa de desemprego dos jovens na União Europeia situou-se um pouco acima dos 14 por cento, uma queda de 0,3 pontos percentuais em relação ao mesmo período do ano anterior. As melhorias entre junho de 2022 e junho de 2023 foram variadas: cerca de metade dos Estados-Membros registaram quedas, enquanto os outros registaram aumentos (Eurostat 2023a). Parte da redução deve-se igualmente à escassez de mão de obra observada em vários países entre 2020 e 2023, que resultou num aumento do emprego entre os jovens (OIT 2023f). Os diferentes ciclos económicos e recuperações observados nos países da União Europeia corresponderam a diferentes mudanças no mercado de trabalho.

Entre as mudanças ocorridas na União Europeia, algumas das maiores descidas da taxa de desemprego dos jovens nos últimos anos ocorreram no Sul da Europa (Eurostat 2023b). Entre junho de 2022 e junho de 2023, o desemprego dos jovens caiu de forma mais acentuada na Grécia, onde a

taxa de jovens desempregados diminuiu mais de 8 pontos percentuais. Verificaram-se igualmente fortes reduções noutros países do Sul da Europa: 2,1 pontos percentuais no Chipre, 1,2 pontos percentuais em Itália, 0,8 pontos percentuais em Portugal e 1,8 pontos percentuais em Espanha. Apesar destes ganhos, o desemprego dos jovens continua elevado em muitos destes países, com taxas superiores a 20 por cento em Itália, Grécia e Espanha. Nos países da União Europeia, parte da melhoria do desemprego dos jovens deve-se ao reforço da Garantia Europeia da Juventude, que funcionou como um estabilizador automático de apoio ao emprego dos jovens durante a pandemia de COVID-19 (Rinne *et al.* 2022). Em Espanha, a introdução de contratos *fijos discontinuos* ("fixos-descontínuos"), através dos quais um trabalhador pode trabalhar de forma intermitente e ser contabilizado como trabalhador por conta de outrem, mas também receber subsídio de desemprego, pode ter contribuído para a redução do desemprego dos jovens (*elEconomista.es* 2023). A extensão das reduções pode também refletir uma renormalização após as taxas de desemprego excecionalmente elevadas registadas durante a crise da zona euro de 2009-2010, particularmente nos países do Sul da Europa.

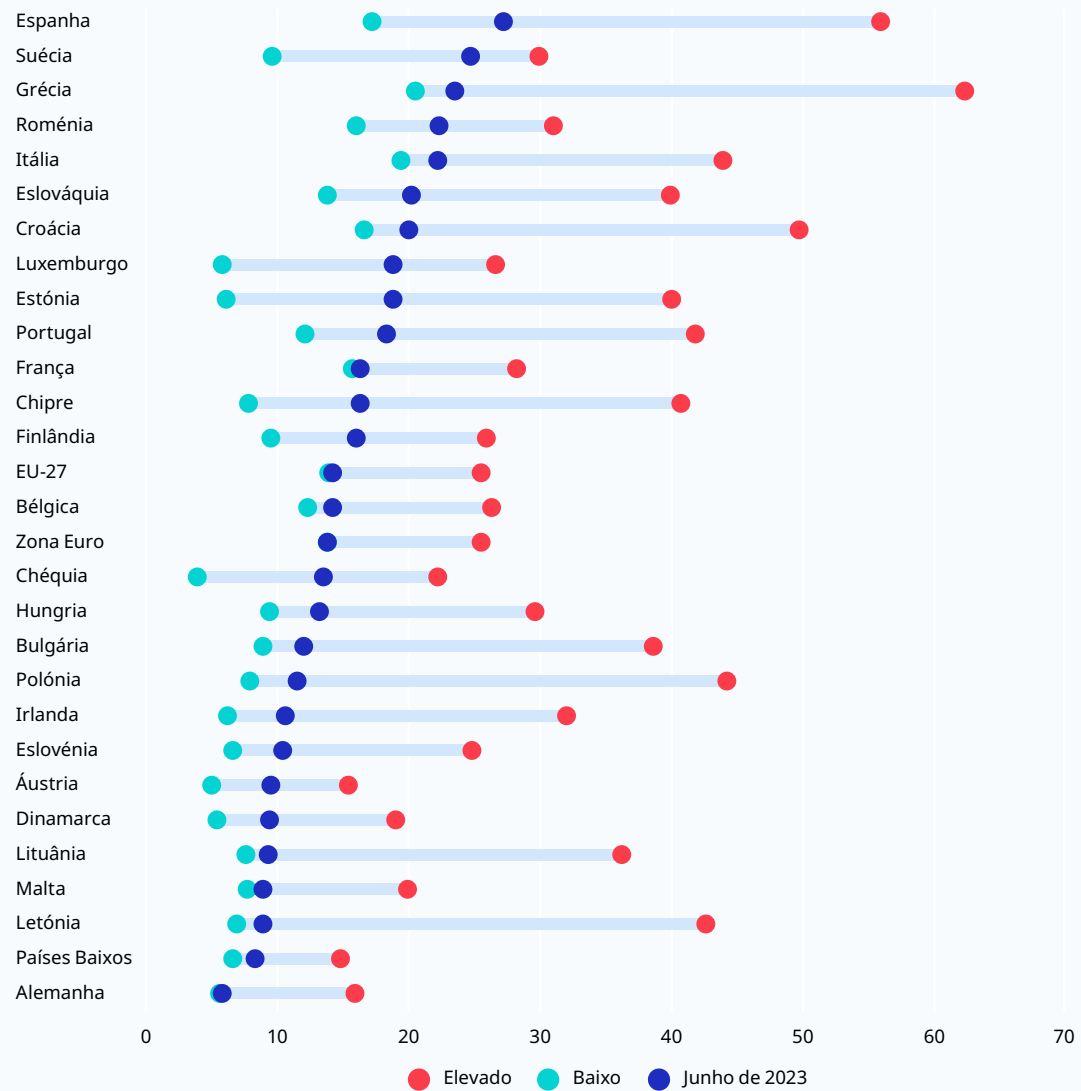
As tendências no resto da União Europeia apontam para um aumento do desemprego dos jovens.

Em contrapartida, as tendências recentes do desemprego dos jovens no resto da Europa apontam, em grande medida, para aumentos no mesmo período. Os maiores aumentos verificaram-se na Chéquia (6.3 pontos percentuais) e na Suécia (5.1 pontos percentuais). A Suécia tem agora a segunda maior taxa de desemprego juvenil da Europa (quase 25 por cento em junho de 2023). Registaram-se também aumentos, embora comparativamente modestos, na Bulgária, Croácia, Luxemburgo, Alemanha, Hungria, Malta, Países Baixos, Eslováquia, Polónia e Finlândia.

As taxas de desemprego dos jovens estão muito abaixo dos níveis máximos.

Apesar dos dados contraditórios relativos a tendências recentes do desemprego dos jovens, todos os países da União Europeia registaram progressos consideráveis nesta medida, desde os seus níveis máximos, no período desde 2000 (figura 2.5). Embora a maioria dos países ainda tenha alguns progressos a alcançar a fim de atingir os mínimos anteriores, em quase todos eles os números relativos ao desemprego dos jovens estão mais perto dos mínimos do que dos máximos históricos. As exceções são a Suécia, a Chéquia e o Luxemburgo. A situação nestes países pode refletir o impacto duradouro e contínuo da pandemia nos jovens, que foram desproporcionadamente afetados pelas suas consequências.

► **Figura 2.5. Taxas de desemprego jovem prevalentes, em comparação com valores máximos e mínimos entre 2003 e 2023, União Europeia (percentagens)**



Fonte: Eurostat (2023b).

Referências bibliográficas

- BAD (Banco Asiático de Desenvolvimento). 2023. *Asian Development Outlook: Setembro de 2023*.
- BAfD (Banco Africano de Desenvolvimento) 2023a. *African Economic Outlook 2023: Mobilising Private Sector Financing for Climate and Green Growth in Africa*.
- ———. 2023b. *North Africa Economic Outlook 2023: Mobilising Private Sector Financing for Climate and Green Growth in Africa*. <https://www.afdb.org/en/documents/north-africa-economic-outlook-2023>.
- Banco Mundial. 2022. *G5 Sahel Region Country Climate and Development Report*. <https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/37620>.
- ———. 2023a. *Global Economic Prospects, June 2023*. <https://openknowledge.worldbank.org/entities/publication/9107b029-a130-4364-a840-044e72e1001a>.
- ———. 2023b. *Expanding Opportunities: Toward Inclusive Growth*.
- ———. 2023c. *Europe and Central Asia Economic Update, Fall 2023: Sluggish Growth, Rising Risk*. <https://openknowledge.worldbank.org/entities/publication/8ae7bcc5-2cac-48bd-b263-e211418e2972>.
- CEPAL (Comissão Económica para a América Latina e Caraíbas). 2023. *Economic Survey of Latin America and the Caribbean 2023. Financing a Sustainable Transition: Investment for Growth and Climate Change Action*. <https://www.cepal.org/en/publications/67990-economic-survey-latin-america-and-caribbean-2023-financing-sustainable-transition>.
- CNUCED (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento). 2023. *Trade and Development Report 2023. Growth, Debt, and Climate: Realigning the Global Financial Architecture*. https://unctad.org/system/files/official-document/tdr2023_en.pdf.
- COMESA (Mercado Comum da África Oriental e Austral). 2022. *Report on Labour Migration Statistics in the Common Market for Eastern and Southern Africa*. <https://learning.sammproject.org/wp-content/uploads/download-manager-files/English-COMESA-Report-on-Labour-Statistics-Draft-04.pdf>.
- ———. 2023. "Programme Activities: Immigration and Free Movement of Persons". <https://www.comesa.int/programme-activities-immigration-and-free-movement-of-persons/>.
- Comissão da União Africana, OIT, OIM (Organização Internacional para as Migrações) e UNECA (Comissão Económica das Nações Unidas para África). 2021. *Report on Labour Migration Statistics in Africa, Third Edition*. https://www.ilo.org/africa/information-resources/publications/WCMS_828865/lang-en/index.htm.
- EIU (Economist Intelligence Unit). 2023. "Regional Summaries: Europe (October 2023)".
- *El Economista.es*. 2023. "Bruselas Destaca la Bajada del Paro en España Pero Recuerda que los Fijos Discontinuos Inactivos Pueden Considerarse Desempleados". 10 de setembro de 2023 <https://www.eleconomista.es/economia/noticias/12438364/09/23/bruselas-destaca-la-bajada-del-paro-en-espana-pero-recuerda-que-los-fijos-discontinuos-inactivos-pueden-considerarse-desempleados.html>.
- Eurostat. 2023a. "Youth Unemployment Rates in EU Metropolitan Regions". 13 de fevereiro de 2023. <https://ec.europa.eu/eurostat/web/products-eurostat-news/w/ddn-20230213-1>.
- ———. 2023b. "Database". <https://ec.europa.eu/eurostat/data/database>.
- FMI (Fundo Monetário Internacional). 2023a. *Regional Economic Outlook: Sub-Saharan Africa – The Big Funding Squeeze*. <https://www.imf.org/en/Publications/REO/SSA/Issues/2023/04/14/regional-economic-outlook-for-sub-saharan-africa-april-2023>.

- ▶ ———. 2023b. *World Economic Outlook: Navigating Global Divergences*. <https://www.imf.org/en/Publications/WEO/Issues/2023/10/10/world-economic-outlook-october-2023>.
- ▶ ———. 2023c. *Regional Economic Outlook: Middle East and Central Asia*. <https://www.imf.org/en/Publications/REO/MECA/Issues/2023/04/13/regional-economic-outlook-mcd-april-2023>.
- ▶ Gigineishvili, Nikoloz, Iulia Ruxandra Teodoru, Narek Karapetyan, Yulia Ustyugova, Jean van Houtte, Jiri Jonas, Wei Shi, Shant Arzoumanian, Kalin I. Tintchev, Maxwell Tuuli, et al. 2023. "Paving the Way to More Resilient, Inclusive, and Greener Economies in the Caucasus and Central Asia", Documento de Departamento do FMI 2023/004.
- ▶ Hale, Erin. 2023. "Will Global Oil Prices Keep Rising Due to the Israel– Hamas War?" *Aljazeera*, 10 de outubro de 2023. <https://www.aljazeera.com/economy/2023/10/10/will-global-oil-prices-keep-rising-due-to-the-israel-hamas-war>.
- ▶ Henson, Bob e Jeff Masters. 2023. "The Libya Floods: A Climate and Infrastructure Catastrophe". *Yale Climate Connections*, 13 de setembro de 2023. <https://yaleclimateconnections.org/2023/09/the-libya-floods-a-climate-and-infrastructure-catastrophe/>.
- ▶ IAB (Instituto de Pesquisa do Emprego). 2023. "European Labour Market Barometer". <https://iab.de/en/daten/european-labour-market-barometer/>.
- ▶ IDMC (Internal Displacement Monitoring Centre). 2020. *A Decade of Displacement in the Middle East and North Africa*. <https://story.internal-displacement.org/mena-2021/index.html>.
- ▶ Lawler, A. e R. Edwards. 2023. "What Oil Production Cuts Were Agreed at OPEC+ Meeting?" *Reuters*, 5 de junho de 2023. <https://www.reuters.com/business/energy/how-opec-deal-cuts-oil-supply-until-end-2024-2023-06-05/>.
- ▶ Lawler, Alex. 2023. "Explainer: What New OPEC+ Oil Output Cuts Are in Place after Thursday Deal". *Reuters*, 5 de dezembro de 2023. <https://www.reuters.com/markets/commodities/what-new-opec-oil-output-cuts-are-place-after-thursday-deal-2023-12-04/>.
- ▶ Lundh, E. 2023. "The Conference Board Economic Forecast for the US Economy". *Conference Board*. <https://www.conference-board.org/research/us-forecast>.
- ▶ Moosapeta, Asheesh. 2023. "Low Unemployment and High Participation Rate Indicate Persistent Job Vacancies in Canada". *CIC News*, 14 de outubro de 2023. <https://www.cicnews.com/2023/10/low-unemployment-and-high-participation-rate-indicate-persistent-job-vacancies-in-canada-1040208.html#gs.14y12g>.
- ▶ OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico) e OIT. 2018a. *How Immigrants Contribute to Ghana's Economy*. <https://www.oecd-ilibrary.org/content/publication/9789264302037-en>.
- ▶ ———. 2018b. *How Immigrants Contribute to South Africa's Economy*. <https://www.oecd-ilibrary.org/content/publication/9789264085398-en>.
- ▶ OIT e ADB. 2020. *Tackling the COVID-19 Youth Employment Crisis in Asia and the Pacific*. https://www.ilo.org/asia/publications/WCMS_753369/lang-en/index.htm.
- ▶ OIT. 2013. *Assessment of the Impact of Syrian Refugees in Lebanon and Their Employment Profile*. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---arabstates/---ro-beirut/documents/publication/wcms_240134.pdf.

- ———. 2016. *Non-Standard Employment around the World: Understanding Challenges, Shaping Prospects*. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms_534326.pdf.
- ———. 2020a. *Women Migrant Workers' Labour Market Situation in West Africa*. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_protect/---protrav/---migrant/documents/publication/wcms_751538.pdf.
- ———. 2020b. «COVID-19: Labour Market Impact and Policy Response in the Arab States», Nota informativa, maio de 2020. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---arabstates/---ro-beirut/documents/briefingnote/wcms_744832.pdf.
- ———. 2021a. *ILO Global Estimates on Migrant Workers: Results and Methodology – Third Edition*. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms_808935.pdf.
- ———. 2021b. *World Employment and Social Outlook: Trends 2021*. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms_795453.pdf.
- ———. 2021c. *Empleo Informal en la Economía Rural de América Latina 2012–2019: Un Panorama y Tendencias Regionales Pre-Pandemia COVID-19*. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---americas/---ro-lima/documents/publication/wcms_795313.pdf.
- ———. 2021d. *Assessing Informality and Vulnerability among Disadvantaged Groups in Lebanon: A Survey of Lebanese, and Syrian and Palestinian Refugees*. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---arabstates/---ro-beirut/documents/publication/wcms_816649.pdf.
- ———. 2022a. *The Future of Work in the Tourism Sector: Sustainable and Safe Recovery and Decent Work in the Context of the COVID-19 Pandemic*. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_dialogue/---sector/documents/meetingdocument/wcms_840403.pdf.
- ———. 2022b. *The Labour Market Implications of Sri Lanka's Multiple Crises*. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---asia/---ro-bangkok/---ilo-colombo/documents/publication/wcms_856157.pdf.
- ———. 2022c. “What Is the Impact of the War against Ukraine on the Labour Market?” 19 de setembro de 2022. https://www.ilo.org/budapest/whats-new/essential-questions/WCMS_856454/lang-en/index.htm.
- ———. 2022d. “The Impact of the Ukraine Crisis on the World of Work: Initial Assessments”, Nota Informativa da OIT, 11 de maio de 2022. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---europe/---ro-geneva/documents/briefingnote/wcms_844295.pdf.
- ———. 2023a. *2022 Labour Overview of Latin America and the Caribbean*. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---americas/---ro-lima/documents/publication/wcms_876565.pdf.
- ———. 2023b. *World Employment and Social Outlook: Trends 2023*. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---inst/documents/publication/wcms_865332.pdf.
- ———. 2023c. “Impact of the Israel–Hamas Conflict on the Labour Market and Livelihoods in the Occupied Palestinian Territory”, ILO Briefing Note, November 2023. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---arabstates/---ro-beirut/documents/publication/wcms_901136.pdf.
- ———. 2023d. “Gender Equality in the Arab States”. https://www.ilo.org/beirut/areasofwork/equality-discrimination/WCMS_712089/lang-en/index.htm#banner.

- ▶ ———. 2023e. “Pakistan: Employment Outlook in a Setting of Austerity”, Nota Informativa da OIT, setembro de 2023. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---asia/---ro-bangkok/---ilo-islamabad/documents/briefingnote/wcms_893724.pdf.
- ▶ ———. 2023f. “Has Youth Employment Recovered?” Nota Informativa da OIT, junho de 2023. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_emp/documents/publication/wcms_885192.pdf.
- ▶ ———. 2023g. *Youth Not in Employment, Education or Training in Asia and the Pacific: Trends and Policy Considerations*. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---asia/---ro-bangkok/documents/publication/wcms_860568.pdf.
- ▶ ———. 2023h. “ILOSTAT: Microdata Repository”. <https://ilostat.ilo.org/data/#>.
- ▶ ———. 2024. *Integrated approaches for formalization in Asia and the Pacific*, 2024. <https://www.ilo.org/publications/integrated-approaches-formalization-asia-and-pacific>.
- ▶ PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). 2023. “Gender Justice & the Law in the Arab Region”. <https://www.undp.org/arab-states/gender-justice-law-arab-region>.
- ▶ Portal de Dados de Migração. 2022. “Mixed Migration”. 21 de fevereiro de 2022. <https://www.migrationdataportal.org/themes/mixed-migration#:~:text=Definition,seeking%20better%20lives%20and%20opportunities>.
- ▶ Rinne, Ulf, Werner Eichhorst, Paul Marx e Johannes Brunner. 2022. *Promoting Youth Employment during COVID-19: A Review of Policy Responses*. OIT. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_emp/documents/publication/wcms_849466.pdf.
- ▶ Saba, Yousef e Rachna Uppal. 2023. “Oil Cut Extension Raises Risk of Saudi Economic Contraction This Year”. *Reuters*, 10 de setembro de 2023. <https://www.reuters.com/world/middle-east/oil-cut-extension-raises-risk-saudi-economic-contraction-this-year-2023-09-08/>.
- ▶ SAMM (Gestão da Migração da África Austral). 2021a. “Southern African Development Community: SADC Adopts New Labour Migration Action Plan to Promote Skills Transfer and Match Labour Supply and Demand for Regional Integration”. 11 De Janeiro De 2021. <https://learning.sammproject.org/news/southern-african-development-community-sadc-adopts-new-labour-migration-action-plan-to-promote-skills-transfer-and-match-labour-supply-and-demand-for-regional-integration/>.
- ▶ ———. 2021b. “Gender-Sensitive Labour Migration Policies and/or Strategies Regulating Labour Migration at National and/or Regional Level”. <https://live-sammproject.pantheonsite.io/about-us/labour-migration/labour-thematic-area-1/>.
- ▶ Secretariado da ASEAN (Associação das Nações do Sudeste Asiático). 2023. *ASEAN Employment Outlook – The Quest for Decent Work in Platform Economy: Issues, Opportunities and Ways Forward*. <https://asean.org/book/asean-employment-outlook-the-quest-for-decent-work-in-platform-economy-issues-opportunities-and-ways-forward/>.
- ▶ UNECA. n.d. “SADC – Free Movement of Persons”. <https://archive.uneca.org/pages/sadc-free-movement-persons>.
- ▶ Usov, Anton. 2023. “Central Asia Remains Resilient to Geopolitical Headwinds”. European Bank for Reconstruction and Development, 16 May 2023. <https://www.ebrd.com/news/2023/central-asia-remains-resilient-to-geopolitical-headwinds.html>.

3

Escassez de mão de obra no meio de uma procura não satisfeita por trabalho digno

► Visão geral

Os crescentes desequilíbrios entre a procura e a oferta de mão de obra têm constituído um quebra-cabeças para os observadores económicos e decisores políticos nos últimos anos. Apesar das grandes perturbações no mercado de trabalho decorrentes da pandemia, a procura de trabalho ultrapassou a oferta disponível numa fase inicial da recuperação nas economias avançadas e em setores-chave. Embora 2023 tenha trazido algum alívio, muitas vagas permanecem por preencher, enquanto os empregadores têm dificuldades em encontrar pessoal. Os desequilíbrios laborais tardaram em ser resolvidos e ameaçam agora impedir uma recuperação económica rápida, equitativa e sustentável. Criaram igualmente efeitos indiretos em países emergentes e em desenvolvimento, que têm uma oferta de mão de obra abundante, mas são afetados pela postura de taxas de juro “mais elevadas durante um período mais longo”, adotada por muitos países avançados em resposta aos seus desequilíbrios no mercado de trabalho. A longo prazo, os desequilíbrios entre os países ricos em mão de obra e os países com uma mão de obra em redução poderão contribuir para o aumento dos fluxos migratórios internacionais. Se não forem tomadas medidas através de parcerias abrangentes em matéria de competências que beneficiem tanto os países de origem como os países de destino, esta situação poderá agravar a escassez de competências nos países de origem.

Ao mesmo tempo, os receios de uma redução sustentada da participação da população ativa na sequência da pandemia revelaram-se infundados, uma vez que os trabalhadores, no geral, regressaram ao trabalho na maioria das regiões e dos grupos de rendimento por país. Em 2023, as taxas de desemprego desceram abaixo dos níveis pré-pandémicos em todos os agrupamentos de países, com exceção dos países de baixo rendimento, uma vez que o crescimento global do emprego continuou a ser positivo (ver Capítulo 1). Por outro lado, o total de horas trabalhadas não aumentou ao mesmo ritmo que o emprego, uma vez que a média de horas semanais diminuiu e as taxas de tempo parcial aumentaram. Entre os fatores que podem ser determinantes contam-se a saúde, as preferências dos trabalhadores em relação às condições de trabalho, bem como a manutenção do emprego, em que as empresas mantiveram o seu pessoal apesar da redução do volume de trabalho, a fim de evitar a necessidade de recontratar trabalhadores num momento posterior. Os mercados de trabalho não se adaptaram às mudanças na procura, em parte devido à menor mobilidade dos trabalhadores e à estagnação do crescimento dos salários. As tendências seculares, em especial o envelhecimento da população e a mudança tecnológica, estão a colocar novos desafios através da intensificação da escassez de competências.

► Uma procura crescente por mão de obra

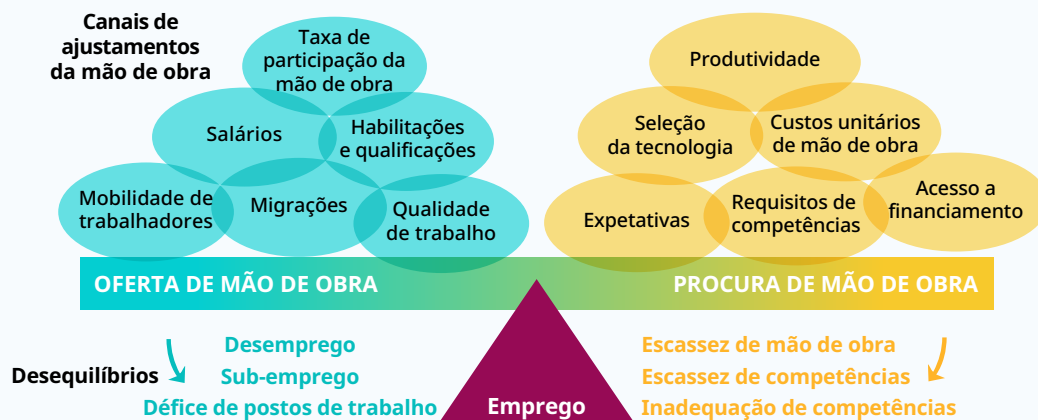
A escassez de mão de obra ocorre quando os empregadores não conseguem preencher vagas de emprego devido à falta de candidatos adequados. Essa situação pode ocorrer devido a uma escassez global de trabalhadores, a um desfasamento entre as competências exigidas e os perfis dos candidatos, a uma desconexão entre as expectativas dos trabalhadores e a natureza dos empregos disponíveis, ou a uma combinação destes fatores. A escassez de mão de obra é um sinal de que o mercado de trabalho está desequilibrado. Os desequilíbrios a longo prazo são impulsionados por fatores estruturais, como a falta de trabalhadores com qualificações suficientes ou o envelhecimento da população. Os desequilíbrios de curto prazo, resultantes de fatores cíclicos, podem dever-se a um aumento abrupto da procura de trabalhadores ou a restrições de curto prazo da oferta de mão de obra, como as impostas por medidas relacionadas com a saúde, durante a pandemia. Os desequilíbrios e a escassez podem também ser limitados a um subconjunto de setores e profissões. A forma como os mercados de trabalho se ajustam a estes desequilíbrios determina se e com que rapidez os mesmos podem ser resolvidos (ver figura 3.1). O ajustamento lento dos salários, por exemplo, pode agravar a escassez, uma vez que os salários tendem a ajustar-se a médio prazo, mas podem não o fazer de forma suficientemente rápida em períodos de elevada volatilidade. Em todas as regiões, têm sido observados fatores cíclicos e estruturais nos últimos anos, em vários graus, dependendo do setor, ocupação ou nível de qualificação.

Procura de mão de obra: Vagas por preencher em economias avançadas

O número de vagas – uma medida da procura (não atendida) de mão de obra – continuou elevado depois de ter atingido o seu pico em 2022 em numerosas economias avançadas. Após a pandemia, muitas economias avançadas registaram taxas galopantes de vagas por preencher, mesmo quando os mercados de trabalho recuperaram e o desemprego começou a diminuir (Causa *et al.* 2022; Duval *et al.* (2022). Subsequentemente, as vagas registaram uma descida à medida que a economia abrandou; não obstante, o seu número continua a ser mais elevado do que em qualquer momento da década anterior (figura 3.2). Ao longo de 2022 e 2023, na maioria dos países começou a verificar-se uma lenta diminuição do número de vagas. No entanto, os empregadores em muitas economias de rendimento elevado – e em algumas economias de rendimento médio-alto – ainda enfrentam dificuldades em satisfazer a sua procura por trabalhadores (Feist, a publicar em breve).

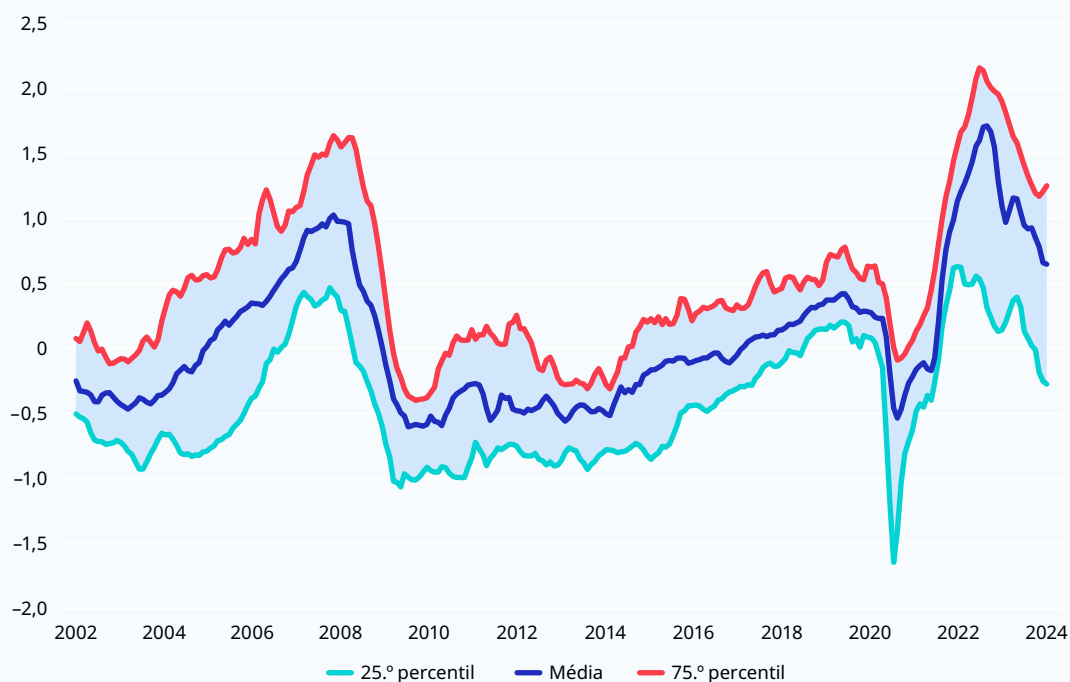
O grau e a natureza da escassez de mão de obra diferem consoante os setores e as profissões. Os países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) registaram um aumento das vagas em 2021 em todos os setores, mas sobretudo nos setores da indústria transformadora, das tecnologias da informação

► **Figura 3.1. Canais de ajustamento do mercado de trabalho e desequilíbrios consequentes**



Fonte: OIT.

► **Figura 3.2. Vagas de emprego em economias (avanzadas) seleccionadas, janeiro de 2002 a setembro de 2023 (desvios-padrão em relação à média)**



Nota: A figura mostra a mediana e os 25.º e 75.º percentis da média móvel de três meses de vagas de emprego padronizados em 18 economias (principalmente avançadas). As economias incluíam: Áustria, Chipre, Chéquia, Estónia, Finlândia, França, Alemanha, Japão, Nova Zelândia, Polónia, Portugal, Eslovénia, Espanha, Suécia, Suíça, Tailândia, Reino Unido, Estados Unidos.

Fonte: *Trading Economics*, cálculos da OIT.

e das comunicações, e nos setores de contacto intensivo, como os serviços de alojamento e alimentação, e os cuidados de saúde (Causa *et al.*, 2022). A Câmara de Comércio dos EUA observou que as carências mais proeminentes nos Estados Unidos se verificavam nos transportes, assistência social e prestação de cuidados de saúde, e nos serviços de alojamento e alimentação (Ferguson e Hoover 2022). Verifica-se igualmente uma escassez persistente em toda a União Europeia nos setores da construção, das tecnologias da informação e da comunicação, da indústria transformadora e dos cuidados de saúde (Comissão Europeia 2023a). Esta lista não exaustiva mostra que a escassez afeta tanto os setores altamente produtivos, com salários elevados, como os setores com salários baixos, caracterizados por taxas de informalidade elevadas, grandes percentagens de trabalho por conta própria e, frequentemente, condições de trabalho difíceis.

As competências e a escassez de mão de obra não se limitam a estas economias de rendimento elevado.

Muitas economias de diferentes níveis de desenvolvimento na Ásia enfrentam há algum tempo uma escassez de mão de obra qualificada (Sakamoto e Sung 2018). A emigração para países com níveis salariais mais elevados tem também contribuído para graves carências em algumas regiões da Europa de Leste, ensombrando consideravelmente as perspetivas de crescimento económico e de produtividade. Os dados da pesquisa mostram que, globalmente, 77 por cento dos empregadores comunicam dificuldades em contratar candidatos com o conjunto de competências adequado, enquanto a proporção era de apenas 35 por cento uma década antes (Grupo Manpower 2023). Ao mesmo tempo, a pandemia deu início a uma mudança nas normas de trabalho – no sentido de formas remotas e híbridas – e levou muitos trabalhadores a questionar a aceitabilidade do emprego não digno.

Consequências locais e globais da escassez de mão de obra e de competências

A escassez de mão de obra pode ter graves consequências a nível de toda a economia nos países afetados. Não só prejudica as empresas, como dificulta o crescimento e a exploração de todo o potencial económico de uma nação, reduzindo, por conseguinte, o rendimento global. Ao aumentar os custos de contratação e de mão de obra para as empresas, a escassez pode também contribuir para preços mais elevados para o consumidor e, assim, aumentar o custo de vida, o que geralmente afeta de forma desproporcionada os agregados familiares mais pobres. Há já algum tempo que os países de rendimento elevado um baixo crescimento económico e um claro abrandamento do crescimento da produtividade (OIT 2023a). A escassez de mão de obra pode reduzir ainda mais as perspetivas de crescimento e travar o processo de recuperação.

A escassez de trabalhadores essenciais em setores-chave deverá criar estrangulamentos na oferta nas economias afetadas. A persistente escassez de pessoal de saúde, bem como de trabalhadores nos serviços de transporte, alojamento e alimentação, pode piorar o acesso e a qualidade dos serviços prestados e dos produtos fornecidos. A pandemia demonstrou o quanto as economias dependem deste tipo de trabalhadores essenciais (OIT 2023a). As consequências vão desde longas horas de espera a preocupações mais graves, por exemplo, quando as necessidades de saúde não podem ser satisfeitas devido à falta de pessoal. A escassez de mão de obra em serviços essenciais, como os cuidados de saúde,

também pode agravar as condições de trabalho do pessoal sobrecarregado (Buchan, Catton e Shaffer 2022). A escassez de trabalhadores nas empresas agrícolas ameaça a segurança alimentar e contribui para o aumento dos preços dos alimentos. A falta de trabalhadores no setor da construção pode dificultar o acesso a habitação a preços acessíveis e dificultar os projetos de infraestruturas necessários. As empresas de exportação poderão ter dificuldade em manter a sua competitividade no que respeita à qualidade dos produtos, à capacidade de inovação e à produtividade quando as cadeias de valor forem perturbadas pela escassez de mão de obra.

Além disso, a falta de mão de obra em algumas economias pode criar efeitos de repercussão no resto do mundo. A pandemia mostrou o impacto das perturbações na oferta de mão de obra, causadas principalmente por elevadas taxas de infeção, nas cadeias de abastecimento mundiais, causando repercussões na economia mundial (Ivanov e Dolgui, 2022). O comércio entre as economias avançadas e em desenvolvimento registou uma turbulência significativa, em parte devido a mudanças na procura e à escassez de mão de obra nos países importadores, o que levou ao congestionamento dos portos (Komaromi, Cerdeiro e Liu 2022). Os estrangulamentos na produção desencadearam uma aceleração da inflação, forçando os principais bancos centrais a restringir as taxas de política monetária e, por conseguinte, causando efeitos adversos sobre as condições financeiras mundiais. Entretanto, a emigração de países com salários mais baixos e condições de trabalho precárias para países com escassez de trabalhadores especializados afetou negativamente a oferta de mão de obra qualificada para desempenhar papéis fundamentais nos países de origem.

► Oferta de mão de obra

A oferta disponível de mão de obra é determinada pelo número de pessoas na população ativa, bem como pelo número de horas que estão dispostas e disponíveis para trabalhar. Podem ocorrer ajustes através de dois fatores: ou mais rapidamente, através de do aumento das horas trabalhadas, ou de forma mais lenta, aumentando o número de pessoas a trabalhar. Durante a pandemia, estas medidas diminuíram a ritmos variados, em função das medidas tomadas em matéria

de regimes de manutenção de emprego e de aumento das prestações de desemprego. À medida que economias reabriram e os mercados de trabalho recuperaram, pôs-se em dúvida que a recuperação das taxas de participação fosse integral e rápida. No entanto, os dados sobre a participação da população ativa demonstram que as reduções da oferta de mão de obra causadas pela pandemia foram totalmente invertidas, na maioria das sub-regiões da OIT (ver capítulo 1).

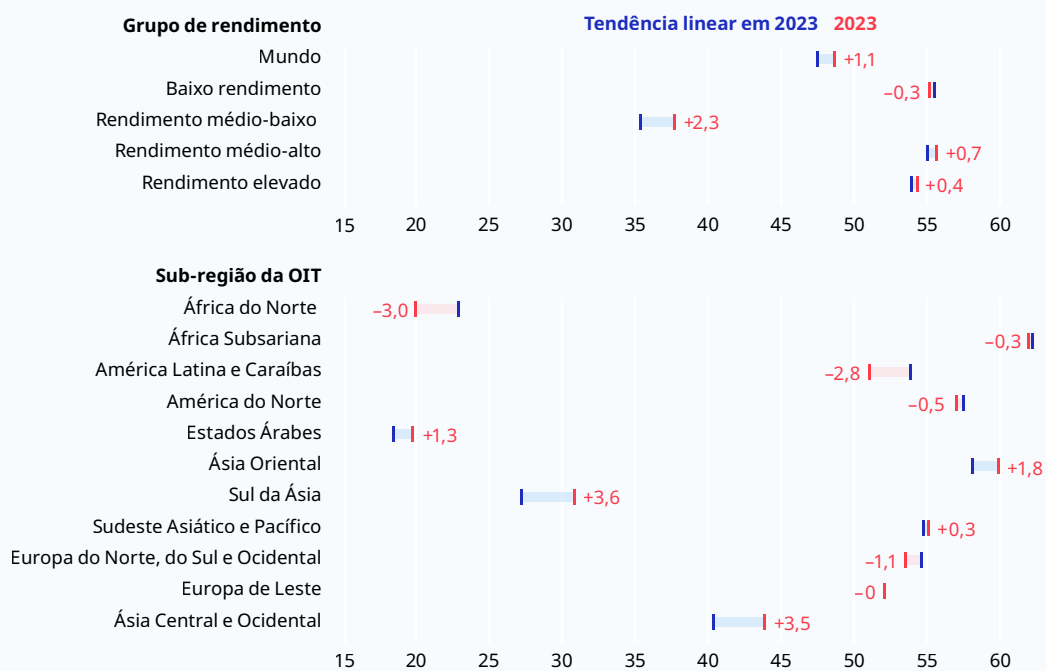
Participação da população ativa: Há menos pessoas a trabalhar ou à procura de emprego?

Embora, em alguns casos, a participação global tenha ultrapassado os níveis anteriores à crise, o impacto da crise na mão de obra mundial foi altamente assimétrico. As mulheres, os jovens e os migrantes foram particularmente afetados pelo encerramento de locais de trabalho, uma vez que são mais suscetíveis de trabalhar em setores com salários baixos e contacto intensivo e na economia informal (OIT 2021). O crescente trabalho de prestação cuidados não remunerado veio juntar-se aos obstáculos à participação das mulheres (Azcona *et al.* 2022). Os trabalhadores mais velhos, que apresentavam sobreposições significativas com o grupo de trabalhadores imunocomprometidos e doentes de longa duração, tinham um forte incentivo para optar pelo teletrabalho ou para abandonar completamente a força de trabalho.

Em suma, a pandemia alterou as trajetórias de emprego de milhões de trabalhadores vulneráveis, reduziu os rendimentos e empurrou muitos para a pobreza (Yonzan *et al.* 2022). Se as taxas de participação tivessem permanecido abaixo do que o previsto antes da pandemia, seria de esperar que, a longo prazo, se verificasse uma escassez e um agravamento dos resultados do mercado de trabalho. No entanto, a comparação entre as taxas de participação efetiva das mulheres e dos jovens e as tendências a longo prazo observadas antes da crise sugere que apenas algumas bolsas de “trabalhadores em falta” persistem (ver figuras 3.3 e 3.4).

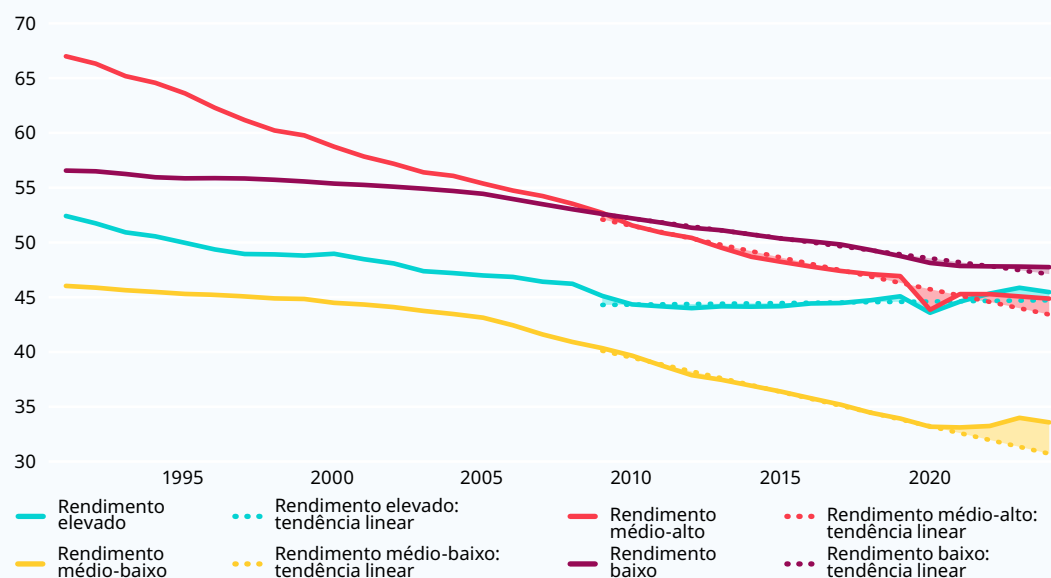
A participação da população ativa feminina em 2023 foi igual ou ligeiramente superior à sua tendência linear de longo prazo em todos os grupos de rendimento por país. A participação feminina foi marcadamente inferior à tendência linear pré-pandemia em África – especialmente no Norte de África – e na América Latina e Caraíbas.¹ Na Europa do Norte, do Sul e Ocidental e na América do Norte, a taxa de participação

► **Figura 3.3. Taxas de participação da força de trabalho feminina, em comparação com a tendência histórica pré-pandémica (desvio em relação à tendência em pontos percentuais)**



Fonte: Estimativas modeladas da OIT, novembro de 2023.

¹ Na América Latina e nas Caraíbas, a participação das mulheres na força de trabalho recuperou para o seu nível pré-pandémico, enquanto a dos homens permanece ligeiramente abaixo deste valor de referência (ver Capítulo 2). A participação feminina tem estado estagnada durante quase duas décadas, depois de registar incrementos constantes ao longo da década de 1990, o que explica a tendência linear de longo prazo ligeiramente positiva.

► **Figura 3.4. Participação da força de trabalho jovem (percentagens)**

Fonte: Estimativas modeladas da OIT, novembro de 2023.

também foi inferior ao esperado e poderia ter contribuído para a escassez de mão de obra observada. Em contrapartida, a participação das mulheres foi *superior* ao previsto pela tendência linear de longo prazo nos Estados árabes e na maior parte da Ásia.² Apesar destas melhorias parciais, a diferença entre as taxas de participação masculina e feminina continua a ser significativa em todo o mundo, e a pandemia inverteu parte da convergência alcançada antes de 2020.

As taxas de participação dos jovens nos grupos de rendimento não retomaram a tendência decrescente pré-pandemia verificada durante uma década. Estabilizaram após o impacto negativo inicial da pandemia. A participação da população ativa jovem é geralmente mais cíclica do que a de outros grupos etários, uma vez que os jovens trabalhadores tendem a sair ou a ser afastados do mercado de trabalho – por inatividade ou para prosseguir estudos – quando as condições económicas pioram.³ Isso aconteceu durante a pandemia, especialmente nos países de rendimento elevado e médio-alto

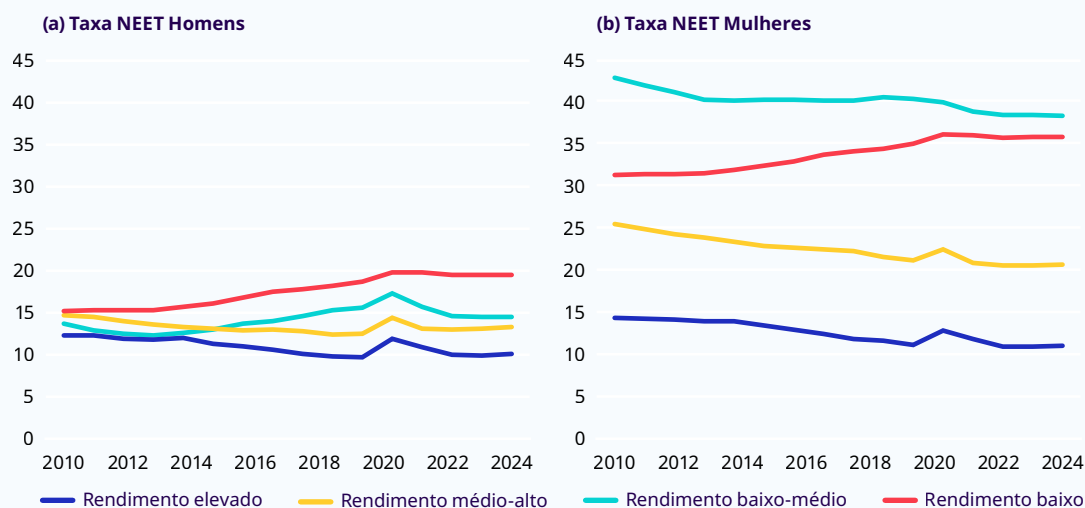
(figura 3.4). Na recuperação que se seguiu, os jovens juntaram-se à população ativa a taxas superiores às esperadas. A recuperação generalizada das taxas de participação sugere que a atual escassez deverá ser determinada por fatores adicionais.

Ao mesmo tempo, o número de jovens NEET (que não estudam, não trabalham nem frequentam formação) continua a ser elevado a nível mundial. Em 2020, o número NEET aumentou 15 milhões desde 2019, para mais de 285 milhões em todo o mundo. Em 2022, era mais elevado do que antes da crise sanitária, tanto em termos absolutos como relativos (OIT 2023b). A figura 3.5 mostra que, em 2023, a taxa de jovens NEET do sexo masculino permaneceu particularmente elevada nos países de baixos rendimentos. As mulheres jovens são frequentemente NEET em países de baixos rendimentos e de rendimentos médios, uma circunstância que reduz as suas possibilidades de emprego remunerado e digno. A prevalência de jovens NEET entre os jovens das zonas rurais também é motivo de preocupação

2 Na Ásia, onde as taxas de participação seguem uma tendência decrescente de longo prazo, o sinal positivo do desvio representado face à tendência implica que a participação feminina decaiu mais lentamente do que o previsto. Tal não implica necessariamente uma boa qualidade do emprego, uma vez que o emprego das mulheres é muitas vezes mais mal remunerado e menos seguro do que o dos homens (Dasgupta e Verick 2016). Nos Estados árabes, a participação das mulheres aumentou principalmente porque as mulheres sauditas agora participam a uma taxa mais elevada, em virtude de mudanças legislativas nos últimos anos (Alaref e Koettl 2021).

3 Dada esta maior variabilidade da participação da população ativa jovem, o desvio em relação à tendência linear pode dever-se mais a movimentos cíclicos do que a condições estruturais.

► **Figura 3.5. Jovens NEET, por sexo e agrupamento de rendimento** (percentagem da população dos 15 aos 24 anos)



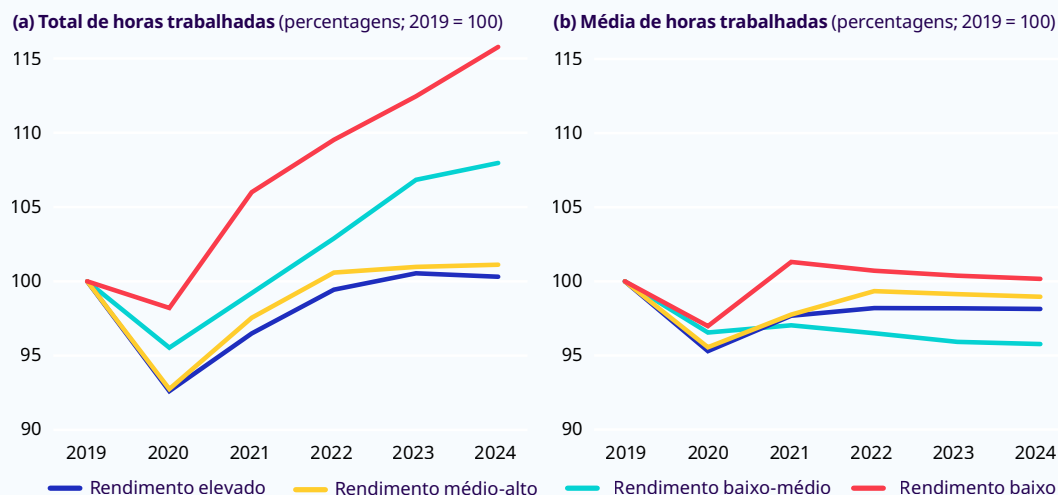
(OIT 2022a). Nas economias de rendimento elevado e de rendimento médio-alto, as taxas NEET apresentaram uma trajetória descendente até 2019, mas essa melhoria gradual não se manteve após a pandemia. Sob o prisma da escassez a nível da mão de obra e das competências em todo o mundo, esta inversão da tendência poderá conduzir a uma maior divergência entre as competências dos indivíduos que necessitam de trabalho digno e as procuradas pelos empregadores para contribuir para o crescimento sustentável.

Horas trabalhadas: As horas médias e totais divergiram

O total de horas trabalhadas aumentou em todos os grupos de rendimento por país, impulsionado pelo forte crescimento do emprego ao longo da recuperação.⁴ Simultaneamente, verificou-se uma crescente divergência entre o total e o número médio de horas trabalhadas. A média de horas trabalhadas por trabalhador foram inferiores em 2023 face a 2019 em todos os grupos de rendimentos,

exceto nos países de baixos rendimentos, onde se apresentaram ligeiramente superiores. O tamanho da diminuição relativa em média de horas varia de menos de 1 por cento em países de rendimento médio-alto para mais de 2 por cento em países de rendimento elevado e rendimento médio-baixo. Em todos os agrupamentos de rendimento, o desenvolvimento do total e da média de horas divergiu em graus diferentes (ver figura 3.6). Isso significa que a mão de obra está a ser utilizada de forma menos intensa. Estas reduções podem estar em consonância com o tempo de trabalho desejado pelos trabalhadores e podem até melhorar o bem-estar, mas significam que menos parte do seu tempo está disponível para os empregadores que precisam de mais mão de obra. As possíveis razões para estas reduções de horas por trabalhador incluem aumentos do emprego a tempo parcial devido a obrigações de prestação de cuidados ou por razões de saúde, e as decisões por parte dos empregadores de manter a sua mão de obra durante uma recessão económica devido a expectativas otimistas sobre o futuro e/ou potenciais barreiras e custos e de recontração de pessoal no futuro (Arce *et al.* 2023, Colijn 2023).

⁴ As horas trabalhadas normalmente voltam a aumentar durante os períodos de expansão, como aconteceu após a pandemia. As horas tinham começado a registar uma recuperação no início de 2022, mas verificaram-se obstáculos decorrentes das restrições sanitárias na China e das consequências perturbadoras da cadeia de abastecimento, sofrendo ainda as consequências globais da invasão da Ucrânia pela Rússia. A recuperação do total de horas trabalhadas foi muito desigual entre os grupos de rendimento por país: os países de rendimento elevado e os países de rendimento médio-alto, na sua maioria, cumpriram o valor de referência pré-pandemia de 2019 em 2022, ao passo que as recuperações no mercado de trabalho dos países de rendimento médio-baixo e de baixo rendimento registaram mais dificuldades (OIT 2022d).

► **Figura 3.6. Total de horas versus média de horas efetivamente trabalhadas por trabalhador por conta de outrem**

Nota: Estes indicadores baseiam-se na 13.ª definição da ICLS. Referem-se à média de horas semanais efetivamente trabalhadas por trabalhador por conta de outrem e ao total de horas semanais efetivamente trabalhadas por trabalhadores por conta de outrem na sua atividade principal. Para mais informações, consultar a descrição da base de dados das Estimativas Modeladas da OIT (ILOEST) (<https://ilostat.ilo.org/resources/concepts-and-definitions/ilo-modelled-estimates/>).

Fonte: ILOSTAT, estimativas modeladas da OIT, novembro de 2023.

Os horários de trabalho evoluíram de forma diferente consoante os setores e as profissões. Em países de rendimento elevado com dados disponíveis, entre os setores com reduções relativas particularmente fortes em horas médias incluem-se serviços de alojamento e restauração, transporte e armazenamento, seguido de perto por informações e comunicações, imobiliário e atividades profissionais, científicas e técnicas. O facto de as horas médias terem diminuído mais em alguns setores do que noutros pode dever-se a várias causas. Em primeiro lugar, a composição da mão de obra difere entre setores no que diz respeito à idade, sexo e trabalho a tempo parcial. Os serviços de alojamento e de restauração, por exemplo, empregam normalmente um número desproporcionadamente maior de mulheres e de trabalhadores a tempo parcial. Em segundo lugar, as empresas diferem no que respeita à dinâmica de contratação e às suas propensões para se manterem ativas no mercado de trabalho, dependendo das características da empresa, como a sua dimensão ou rentabilidade; e a retenção de trabalho, por norma, reduz as horas de trabalho dos trabalhadores por conta de outrem (Bäurle, Lein e Steiner 2021; Génin e Scott (2022).

As diferenças setoriais entre as taxas de crescimento das horas totais e das horas médias podem dar uma indicação

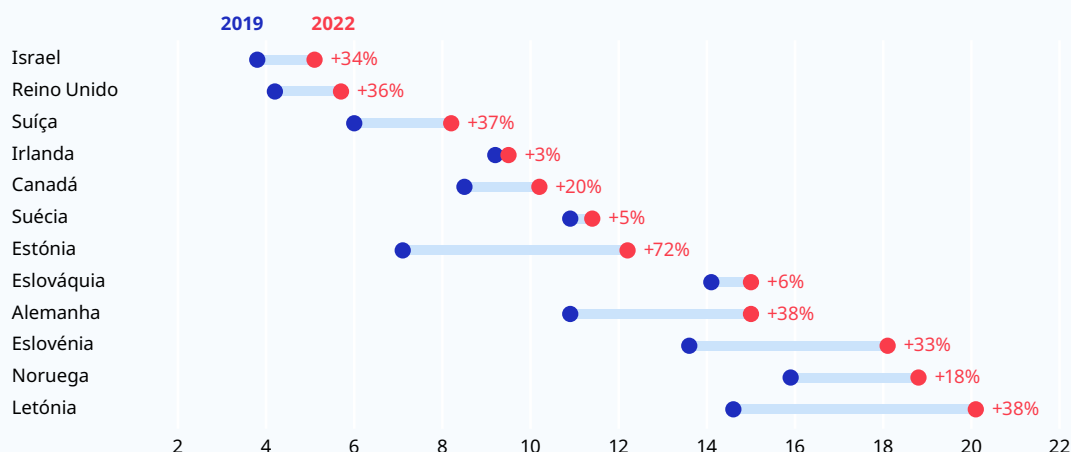
sobre os tipos de escassez prevaletentes em cada setor.

Em setores de escassez em que tanto as horas totais como as horas médias diminuíram, a escassez é provavelmente mais motivada pelas limitações da oferta de mão de obra. Em setores onde as horas totais aumentaram, mas as horas médias diminuíram, a escassez tende a ser mais impulsivada pela procura. Este último caso ocorre, por exemplo, em setores com uma procura de expansão significativa, como as tecnologias da informação e da comunicação e os cuidados de saúde (Comissão Europeia 2023a). O primeiro dos casos é observado sobretudo em setores essenciais e com salários baixos, o que sugere que as más condições de trabalho podem provocar escassez nestes setores.

A percentagem de trabalhadores a tempo parcial aumentou em muitas economias de rendimentos elevados.

Uma parte da diminuição da média de horas trabalhadas pode dever-se a efeitos de composição, uma vez que a percentagem de trabalhadores a tempo parcial aumentou. Alguns trabalham a tempo parcial de forma não voluntária e, dadas as circunstâncias adequadas, estariam dispostos a trabalhar mais. As circunstâncias precisas dependem, em grande medida, do contexto nacional e dos fatores específicos que limitam o regresso ao emprego a tempo inteiro.

► **Figura 3.7. Número de dias de baixa por doença, por trabalhador e ano, e aumento da percentagem, 2019-2022**



Nota: A definição de baixa por doença depende da fonte. Os dados relativos a Israel, Estónia e Canadá referem-se a casos de ausência por doença. Os dados suíços referem-se a ausências por doença ou acidente e baseiam-se num dia de trabalho de 8 horas. Os dados do Reino Unido baseiam-se num dia de trabalho de 7,5 horas.

Fontes: OCDE, Instituto para a Investigação sobre o Emprego (IAB) (Alemanha), Instituto Federal de Estatística da Suíça, Gabinete de Estatísticas Nacionais (Reino Unido).

O emprego a tempo parcial é claramente mais prevalente entre as mulheres do que entre os homens; e, uma vez que é especialmente frequente entre as mulheres com filhos, está intrinsecamente ligado aos sistemas nacionais de educação e de prestação de cuidados infantis.⁵ Outros grupos com emprego a tempo parcial incluem os trabalhadores mais velhos em situação de reforma parcial, e as pessoas com deficiência que as impeça de trabalhar a tempo inteiro.

Outro possível motivo para a diminuição do tempo médio de horas de trabalho é a deterioração da saúde. Esta situação pode ser imputável ao envelhecimento da população, mas também pode ser motivada por um maior número de dias de baixa por doença devido à infeção por COVID-19 e/ou por um número crescente de pessoas que sofrem de doenças prolongadas. Segundo a Organização Mundial de Saúde, a COVID-19 prolongada, que afeta cerca de 20 por cento das pessoas infetadas pelo vírus, pode ter um impacto significativo nas medidas de atividade dos mercados de trabalho.⁶ EAs estimativas para os Estados Unidos indicam que, para além dos indivíduos afetados pela COVID-19 prolongada

que deixaram a população ativa – entre 280.000 e 680.000 pessoas – os indivíduos igualmente afetados que continuaram a trabalhar reduziram as suas horas de trabalho em 2-3 por cento, o que corresponde a 20.000-39.000 equivalentes a tempo inteiro (Sheiner e Salwati 2022). Fatores psicossociais após a pandemia, como o esgotamento e o *stress*, também desempenharam um papel, em especial para os trabalhadores dos setores da saúde e da hotelaria (Liu-Lastres, Wen e Huang 2023; OMS (2022)). O número de dias de baixa por doença continua a ser significativamente mais elevado do que em 2019 (ver figura 3.7); alguns observadores consideram que esta situação é um dos fatores impulsionadores da escassez de mão de obra na Europa (Colijn 2023).

Será que os mercados de trabalho não conseguem adaptar-se?

Os salários e a mobilidade da mão de obra constituem importantes canais de ajustamento dos mercados de trabalho (ver figura 3.1). Ambos os canais podem ter perdido

⁵ Ver os dados sobre as disparidades no acolhimento de crianças na Alemanha ou nos Estados Unidos: <https://www.laendermonitor.de/de/vergleich-bundeslaender-daten/kinder-und-eltern/fokus-u3/betreuungsquote-und-betreuungswunsch-2> and <https://childcaregap.org/>. Ver OIT e Banco Asiático de Desenvolvimento (2023) sobre necessidades semelhantes na Ásia e no Pacífico.

⁶ <https://www.who.int/europe/news-room/fact-sheets/item/post-covid-19-condition>.

eficiência nos últimos anos. Os salários estão a ajustar-se lentamente e o aumento do custo de vida está a engolir os pequenos ganhos.

Os salários agregados tendem a ser rígidos a curto prazo. Por norma, adaptam-se lentamente às condições económicas em mutação; o aumento das vagas após a pandemia não produziu quaisquer efeitos. Aumentos salariais significativos nos países afetados. Os dados sobre o crescimento salarial nos Estados Unidos mostram que, em 2021, os salários começaram a aumentar em setores mais fortemente afetados pela escassez de mão de obra, sobretudo no setor da hotelaria (Duval *et al.* 2022). Na zona euro, o crescimento salarial aumentou em 2022 nos setores dos serviços de alojamento e restauração, transportes e comércio (Bodnár *et al.* 2022). Para além deste número limitado de setores, o crescimento salarial tem sido moderado. Embora estes aumentos salariais possam ter tido um certo potencial para contrariar a escassez de mão de obra, aumentando o número de candidatos a emprego, o crescente custo de vida absorveu grande parte dos ganhos nominais dos salários. Na sequência de um forte apoio orçamental e monetário para conter os impactos da pandemia de COVID-19, e na sequência de aumentos dos preços de produtos de base decorrentes de tensões geopolíticas, a inflação mundial em 2022 subiu para níveis não observados em décadas (FMI 2023). As subidas de preços, que afetaram pela primeira vez os setores com maior intensidade energética, espalharam-se subsequentemente pelo resto da economia. Consequentemente, os rendimentos reais sofreram em conformidade, levando os escalões mais baixos da distribuição do rendimento a ser afetados de forma desproporcionada (OIT 2022b). Os salários reais nos países da OCDE diminuíram em 2023 (OCDE 2023a).

Após a pandemia, os trabalhadores das economias avançadas mantiveram-se afastados de profissões com piores condições de trabalho.

As taxas de abandono aumentaram fortemente em 2021 relativamente a 2019, e, pelo menos nos Estados Unidos, aumentaram mais rapidamente nos setores dos baixos salários (Causa *et al.* 2022; Ferguson e Hoover 2022). As profissões mal remuneradas em todo o mundo foram fortemente afetadas pela perda de emprego, e os empregadores tiveram dificuldades em contratar trabalhadores durante a recuperação. Essa situação contribuiu para a persistente escassez de mão de obra: nos Estados Unidos e no Reino Unido da Grã-Bretanha e da Irlanda do Norte, os aumentos proporcionais mais elevados nas vagas verificaram-se em empregos com salários mais baixos, competências reduzidas ou condições de trabalho precárias (por exemplo, motoristas de camiões, trabalhadores de limpeza, trabalhadores da indústria do alojamento e da alimentação, trabalhadores de armazéns) (Pizzinelli e Shibata 2023). Também

na União Europeia, a escassez de mão de obra aumentou mais em setores com salários mais baixos e com pior qualidade de emprego.⁷ Estes mesmos setores também apresentam percentagens mais elevadas de trabalhadores jovens, com níveis de instrução mais baixos e migrantes (Zwysen 2023). A escassez tende a agravar-se nos setores com maior segregação entre homens e mulheres, o que destaca a necessidade de melhorar a inclusão e de diversificar a mão de obra setorial (Comissão Europeia 2023a). Entre os fatores de qualidade do trabalho que agravam a escassez de mão de obra contam-se também a discriminação com base no género e as disparidades na remuneração entre homens e mulheres por trabalho de igual valor, por exemplo no setor do turismo (OIT 2022c).

Alguns dos desequilíbrios poderiam provavelmente ser eliminados resolvendo o problema dos baixos salários líquidos e das condições de trabalho penosas.

A capacidade de pagar salários mais elevados e de melhorar as condições de trabalho também está associada ao desempenho das empresas. As empresas mais rentáveis tendem a apresentar um melhor desempenho no que diz respeito ao bem-estar dos trabalhadores por conta de outrem (De Neve, Kaats e Ward 2023). Isto implica, vice-versa, que as empresas com piores condições de trabalho tendem a ser as menos rentáveis. Existe de tal modo uma correlação entre a percentagem de pequenas e muito pequenas empresas, a informalidade, a baixa rentabilidade e os baixos salários em certos setores, que o agravamento das condições de trabalho contribuiu para o aumento da escassez devido à falta de vontade dos trabalhadores em aceitar os postos de trabalho disponíveis.

A mobilidade da mão de obra pode também ter sido afetada pelo facto de as empresas se mostrarem relutantes em despedir trabalhadores.

Além de diminuir a média de horas trabalhadas – esta prática, designada “acumulação de mão de obra” – impede os trabalhadores por conta de outrem de subir na carreira profissional através da mudança de emprego. Em toda a zona euro, por exemplo, cerca de 10 por cento das empresas dos setores da indústria e dos serviços mantiveram a mão de obra ao longo de 2022. No setor retalhista, a percentagem de empresas que mantêm mão de obra era de cerca de 20 por cento, ligeiramente maior do que no setor da construção (15 por cento das empresas, no final de 2022). Depois de ter atingido um pico em 2020, devido aos regimes de manutenção de emprego, este indicador continua a ser mais elevado do que antes da pandemia, especialmente no setor retalhista e no setor da indústria (Comissão Europeia 2023b). Esta manutenção do emprego ajuda as empresas a manterem capital humano específico da empresa no curto prazo, mas, se for prosseguida por demasiado tempo, poderá ter efeitos duradouros na oferta de mão de obra e no crescimento da

7 As medidas de qualidade do emprego incluem uma incidência em: contratos a tempo parcial e temporários involuntários; o trabalho à noite, aos fins de semana e por turnos; a falta de controlo sobre a ordem do trabalho; trabalho sob alta pressão; e exigência de flexibilidade.

produtividade, ao desencorajar os trabalhadores de passarem de empregos de baixa produtividade para empregos potencialmente mais compatíveis.

A mobilidade profissional está a diminuir, em parte devido a uma proporção crescente de trabalhadores mais velhos, especialmente nas economias de rendimento elevado e de rendimento médio-alto. Entre 2000 e 2022, a percentagem de trabalhadores com 55 anos ou mais na população ativa aumentou de 13 por cento para 22,5 por cento nos países de elevado rendimento e quase duplicou, de 9,8 por cento para 17,8 por cento nos países de rendimento médio-alto. Em contraste, a percentagem de trabalhadores mais velhos diminuiu ligeiramente, de 11,5 por cento para 11 por cento, nos países de baixo rendimento e registou apenas um pequeno aumento, de 11,4 por cento para 14,4 por cento, nos países de rendimento médio-baixo. As taxas de participação entre os trabalhadores mais velhos tendem hoje a ser mais elevadas do que nas gerações anteriores, o que constitui um sinal da melhoria da saúde e da longevidade (Harasty e Ostermeier 2020). São também, em parte, motivadas por uma maior participação das mulheres entre os trabalhadores mais velhos de hoje, face às antigas coortes. No entanto, a mobilidade profissional dos trabalhadores mais velhos difere da dos trabalhadores mais jovens: a probabilidade de mudar de um emprego para outro (a taxa de transição de emprego para emprego) diminui com a idade, ao passo que, com a idade, a permanência média no emprego aumenta (Bosler e Petrosky-Nadeau 2016).⁸ Embora a mudança frequente de emprego possa estar associada à instabilidade do emprego entre os trabalhadores mais jovens, também está relacionada com os aumentos salariais e a afetação mais eficiente dos trabalhadores a empregos mais produtivos que correspondam ao seu conjunto de competências (Haltiwanger, Hyatt e McEntarfer 2018; Moscarini e Postel-Vinay 2018). Consequentemente, uma percentagem maior de trabalhadores com idade igual ou superior a 55 anos poderá estar associada a um menor crescimento dos salários, menor crescimento da produtividade e, de um modo geral, menor mobilidade dos trabalhadores. Um número mais reduzido de trabalhadores dispostos a mudar de emprego também se traduz num número mais reduzido de potenciais candidatos para empresas que estão a contratar.

Os segmentos económicos com baixa produtividade parecem manter uma elevada procura por mão de obra. Tal sugere uma ligação entre a baixa produtividade e a escassez de mão de obra, decorrente da má afetação de recursos. Vários dos setores que enfrentam escassez têm normalmente baixos níveis de produtividade, incluindo a construção, os serviços de alojamento e restauração, e a logística. Em teoria, os custos

de oportunidade do investimento devem conduzir a uma afetação seletiva de recursos financeiros a empresas altamente produtivas e em crescimento. No entanto, na prática, pode ter havido uma atribuição ineficientemente elevada e insustentável de fundos a empresas de baixa produtividade nos últimos anos, devido a elevados níveis de incerteza, a medidas de apoio orçamental não especificadas durante a pandemia e políticas monetárias acomodativas. As medidas de apoio não especificadas, que foram necessárias para absorver o choque inicial da pandemia, permitiram também que empresas inviáveis se mantivessem em atividade, aumentando o número das chamadas “empresas *zombie*” (Albuquerque e Iyer 2023). Esta situação distorceu a reafetação setorial de capital e trabalho. A má afetação de recursos pode reduzir a capacidade de resposta do crescimento do emprego à uma produtividade das empresas e ajudar a “prender” a mão de obra em empresas de baixa produtividade (Andrews e Hansell 2021; Hambur e Andrews, 2023). Os investimentos específicos em zonas de crescimento e de elevada produtividade poderão dar origem a um aumento da produção económica e fomentar as oportunidades de emprego. Isto, por sua vez, incentivaria os trabalhadores a adquirirem as competências necessárias para se transferirem para setores em expansão e com melhores condições salariais. Em contrapartida, a disponibilidade da mão de obra qualificada necessária para uma atividade setorial específica estimulará o investimento nesse setor. A afetação ineficiente de recursos não alimenta só o baixo crescimento da produtividade; o investimento insustentável também dificulta o desenvolvimento da mão de obra orientado para o futuro e pode agravar a escassez de mão de obra no segmento superior da distribuição da produtividade.

O crescimento da produtividade tem sido reduzido nas economias avançadas e tem-se concentrado num número limitado de empresas (OIT 2023a). Em termos gerais, o baixo crescimento da produtividade pode conduzir a um abrandamento do crescimento dos salários. Um ambiente de crescimento salarial baixo ou estagnado, por sua vez, reduz o incentivo dos trabalhadores para procurarem novas oportunidades de emprego a fim de melhorarem os seus salários. Um pequeno número de empresas altamente produtivas tem tendência a pagar salários mais elevados do que um grupo maior de empresas de menor produtividade, uma situação que agrava a dispersão salarial e a desigualdade. A baixa mobilidade profissional entre os trabalhadores agrava ainda mais estas disparidades (Criscuolo *et al.* 2021).

As dificuldades relacionadas com a habitação são outro fator que suprime a mobilidade profissional. Verifica-se que a mobilidade profissional é reduzida quando e onde

⁸ Esta observação é igualmente visível nos dados, publicados pelo Eurostat, sobre as probabilidades de transição de um emprego para outro, por grupo etário: https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Labour_market_flow_statistics_in_the_EU#Labour_market_flows:_transition_probabilities.

a habitação se torna cada vez mais cara ou está sujeita a incertezas ou restrições burocráticas (Cannari, Nucci e Sestito 2000; Liu, Huang and Albitar (2023). Devido às medidas de política monetária tomadas desde 2022 para atenuar a inflação, o custo dos empréstimos aumentou, restringindo ainda mais o acesso à propriedade e aumentando a incerteza para os proprietários (OECD, 2023b). O consequente aumento da procura de arrendamento tem provocado um aumento dos preços das novas rendas, o que está a agravar a escassez de mão de obra, uma vez que é menos provável que os trabalhadores mudem de emprego se o novo emprego exigir uma deslocalização.

Alguns dos novos métodos de trabalho utilizados durante a pandemia – incluindo o trabalho à distância e horários de trabalho flexíveis – têm potencial para alavancar recursos não utilizados e aumentar a oferta de mão de obra em determinadas profissões. Ao permitir o teletrabalho regular, os empregadores podem alargar o seu grupo de candidatos, economizar espaço de escritório e reduzir a rotatividade (Silver 2023). Há dados de inquéritos do Reino Unido que mostram que quase um terço dos líderes empresariais recorrem à contratação de trabalhadores puramente remotos devido à escassez de mão de obra (Ruparel e Fox 2023). Para os trabalhadores, o emprego remoto demonstrou as vantagens de reduzir o tempo de deslocação, aumentar a flexibilidade e permitir que os trabalhadores não móveis participem em empregos remunerados. Ao mesmo tempo, o trabalho remoto pode afetar negativamente o equilíbrio entre a vida profissional e familiar, criando conflitos entre tarefas domésticas e profissionais, aumentar o isolamento e transferir para o trabalhador o ónus de assegurar um espaço de trabalho (Shirmohammadi, Au e Beigi 2022).

A escassez de mão de obra pode enraizar-se

O envelhecimento da população continuará a diminuir a oferta de mão de obra nos países de rendimento elevado. Os empregadores terão acesso a um leque cada vez mais reduzido de talentos e terão de ajustar os seus processos de trabalho a uma mão de obra de idade mais avançada, com diferentes exigências e capacidades relativamente às coortes mais jovens (para uma panorâmica, ver OIT 2023a, 105). Também as alterações demográficas têm provocado efeitos adversos nas matrículas no ensino superior, no emprego e na economia em geral. Tal poderá dificultar a acumulação de capital humano a longo prazo e, por conseguinte, as perspetivas de crescimento económico (Hetrick *et al.* 2021).

Em contraste, muitos países de baixo e médio rendimento sofrerão uma transição demográfica apenas depois de 2030. Confrontados com o crescimento contínuo da população,

que trará milhões de recém-chegados ao mercado de trabalho nos próximos anos, os países de África e partes da Ásia e do Pacífico continuam a sentir uma escassez de empregos, mais do que uma escassez de mão de obra. Estes desequilíbrios globais desafiarão os decisores políticos a conceberem políticas de migração sensatas e iniciativas a nível de qualificações para apoiar e desenvolver mercados de trabalho locais com populações em crescimento, ao mesmo tempo que resolvem a escassez mais premente de mão-de-obra e de competências e mantêm a coesão social nos mercados de trabalho com uma população ativa cada vez mais reduzida. Para tal, será necessário, entre outros aspetos, uma previsão mais precisa da procura de mão de obra por profissões e setores nos países de destino e um sistema de educação e formação reforçado nos países com excesso de mão de obra.

O envelhecimento da população tem alterado os padrões de consumo nas economias avançadas. Em primeiro lugar, o comportamento da poupança e da despesa muda à medida que as sociedades envelhecem: taxas de natalidade mais baixas e uma maior proporção de pessoas na velhice tendem a ter o efeito de aumentar a poupança e diminuir o consumo (Bloom, Canning e Graham, 2003). Em segundo lugar, a necessidade de cuidados de saúde e de outros serviços pessoais aumenta. Especialmente no setor da saúde, é provável que a atual escassez de mão de obra se agrave nas economias avançadas, se não for rapidamente resolvida pelos decisores políticos – uma necessidade a nível de políticas que pode ser particularmente difícil em países com margens orçamentais limitadas (Dewan, Ernst and Gravel 2021).

A crise climática e a transição ecológica deverão pôr em causa as atitudes em relação ao desenvolvimento de competências. À medida que a crise climática se torna mais urgente, os governos em todo o mundo estão a ser forçados a assegurar uma transição que se distancie dos combustíveis e se mova para fontes de energia renováveis. As alterações tecnológicas conexas conduzirão à alteração das necessidades a nível de competências e ao risco de nova escassez de competências. Uma transição justa exigirá, por conseguinte, políticas integradas e uma capacidade de adaptação e flexibilidade significativas por parte dos trabalhadores, dos empregadores e dos governos (OIT 2022d). Os requisitos a nível de competências, tanto novos como em evolução, que se destinam às novas tecnologias podem exigir que os trabalhadores sejam sujeitos a mudanças de carreira significativas e a medidas de formação frequentes. Para os empregadores, por outro lado, a rápida mudança num contexto de escassez de mão de obra e de competências significa também que, em todos os setores, os requisitos a nível de competências podem tornar-se mais importantes do que os requisitos sobre graus de ensino (Fuller, Langer e Sigelman, 2022). A redução dessas barreiras pode tornar os mercados de trabalho mais inclusivos para os indivíduos com educação atípica e para os trabalhadores mais velhos (Butrica e Mudrazija 2022).

► Observações finais: prioridades de ação

Nos países em rápido envelhecimento, os decisores políticos devem apoiar a participação de grupos com menor vínculo ao mercado de trabalho, nomeadamente jovens, mulheres e trabalhadores mais velhos. É sabido que as políticas em matéria de prestação de cuidados de crianças, de regimes fiscais sobre um segundo trabalho e de reforma antecipada afetam a oferta de mão de obra. Um ambiente favorável à participação dos pais no mercado de trabalho poderia aumentar a independência financeira, melhorar as receitas ao longo da vida e ajudar a atenuar a escassez de mão de obra. Para os trabalhadores mais velhos que demonstram disposição e capacidade física e mental para continuar a trabalhar, a eliminação de barreiras, sejam financeiras ou outras, pode reforçar a sua ligação ao mercado de trabalho. As políticas de emprego dos jovens devem ter por objetivo proporcionar formação adequada e melhorar a sua ligação ao mercado de trabalho. Por último, as políticas de habitação destinadas a aumentar a mobilidade geográfica das pessoas podem reduzir o desajustamento espacial e de competências.

É necessário que as políticas em matéria de investimento e de competências aumentem a produtividade e o crescimento potencial e facilitem uma utilização mais produtiva do progresso tecnológico. Os aumentos observados atualmente no investimento em muitos países avançados e em alguns países em desenvolvimento parecem favorecer serviços e construções de reduzida produtividade. Em vez disso, são necessárias estratégias integradas para melhorar a produtividade através de políticas abrangentes em matéria de competências; e apoiar a transição dos trabalhadores para novas oportunidades de emprego em setores de elevada produtividade ajudaria a aliviar a escassez. Muitos serviços requerem a presença física, nomeadamente nos setores dos transportes, da construção e da prestação de cuidados de saúde. Se a escassez continuar a ser premente, parte do trabalho pode ser automatizado, o que exigirá investimento público em infraestruturas e competências. Por exemplo, novas tecnologias como a impressão 3D, a robótica, os drones e a Internet das coisas – coletivamente conhecidas como «Construção 4.0» – já estão a revolucionar o setor da construção (El Jazzer *et al.* 2021). A investigação realizada indica que o crescimento da produtividade está relacionado negativamente com o desemprego a longo prazo e que há poucas provas de emprego líquido negativo resultante da mudança tecnológica – refutando a noção

de desemprego tecnológico (Chen e Semmler 2018; Hötte, Somers e Theodorakopoulos (2023).

Também no setor da saúde, a implantação de novas tecnologias – por exemplo, telemedicina, sensores portáteis e reconhecimento de padrões com base em IA – pode ser de grande valor para apoiar o pessoal da saúde, tanto no diagnóstico como em atividades de prestação de cuidados.

As melhorias nos setores e profissões com salários baixos e difíceis condições de trabalho podem motivar os trabalhadores que saíram a regressar. Os dados mostram que a escassez de mão de obra assume mais gravidade e é mais difícil de atenuar em setores caracterizados por difíceis condições de trabalho; as taxas de abandono escolar são particularmente elevadas nestes setores. Uma melhor remuneração, um melhor reconhecimento e melhores condições de trabalho poderiam inverter esta tendência.⁹ Além disso, os setores com escassez de mão de obra tendem a ser mais segregados em função do género: no extremo inferior da escala salarial, os setores tendem a ser mais dominados por mulheres (Comissão Europeia 2023a). A correção desses desequilíbrios poderá melhorar as possibilidades de os empregadores preencherem as suas vagas em aberto, alargando simultaneamente as oportunidades de emprego para os trabalhadores individuais e melhorando os seus resultados no mercado de trabalho.

Garantir que os trabalhadores com mobilidade internacional obtenham empregos adequados pode aliviar parte da escassez. Alguns empregos em países de rendimento elevado poderão ser preenchidos através da migração internacional, que teria de ser cuidadosamente avaliada em função das necessidades locais a nível de competências e das iniciativas em matéria de competências nos países de origem (Banco Mundial 2023). As políticas devem assentar numa base de dados abrangente da procura projetada de mão de obra e de competências – a curto, médio e longo prazo – nos países que se deparam com escassez. Os canais de migração regularizados com base em parcerias bilaterais em matéria de competências poderão melhorar as condições de trabalho e de vida dos migrantes nos países de acolhimento (ver caixa 3.1). Os atuais quadros jurídicos e os obstáculos existentes no que respeita aos sistemas de reconhecimento de diplomas nos países de acolhimento não permitem que os migrantes participem plenamente no mercado de trabalho formal, o que impede o seu acesso a um trabalho digno.

9 Certos setores que se debatem com as condições de trabalho, como os cuidados de saúde e a educação, estão condicionados pela margem orçamental disponível no contexto nacional específico, porque são, em grande medida, financiados por fundos públicos.

► Caixa 3.1. Parcerias globais para o desenvolvimento de competências em duas vias

Para fazer face à escassez de mão de obra a nível setorial, algumas economias avançadas levaram a cabo parcerias-piloto globais em matéria de competências (PCG) em duas vias. As PCG em duas vias constituem acordos bilaterais em que um país de destino investe na formação de competências num país de origem. A formação ocorre em duas vias: uma via “caseira”, para os que ficam no seu país de origem, e uma via “fora de casa”, para os que aspiram a migrar. O objetivo passa por colmatar lacunas específicas do mercado de trabalho nas economias avançadas, oferecendo ao mesmo tempo uma via estruturada para a migração. Além disso, estes programas promovem o desenvolvimento de competências na população ativa dos países de origem, criando um cenário vantajoso para os países de destino, os países de origem e os estagiários (Clemens, Dempster e Gough 2019).

Um exemplo de uma PCG em duas vias é a criação do Instituto Heimerer em Pristina, no Kosovo (Clemens, Dempster e Gough 2019; Clemens (2015). Em 2018, 60 por cento dos 960 estudantes de enfermagem do instituto encontravam-se na via “fora de casa”, o que implicava formação em língua alemã e o acesso subsequente ao mercado de trabalho alemão. Tal como proposto por Clemens (2015) e em conformidade com os princípios orientadores da OIT para o recrutamento equitativo (OIT 2019), no programa Heimerer, os empregadores nos países de destino pagam a taxa do curso de línguas e asseguram a integração imediata no mercado de trabalho e a adequação das competências; os estagiários pagam a taxa de formação, pelo que o custo total para os estagiários é comparável ao custo de formas alternativas e não documentadas de migração (Clemens, Dempster e Gough 2019). Os esforços para alinhar os programas de formação com a procura de mão de obra nos países de origem são geridos por intervenientes governamentais, como os serviços públicos de emprego ou por agências privadas de recrutamento e agências de cooperação internacional (ICA), como a Sociedade Alemã de Desenvolvimento (GIZ), que procuram assegurar a relevância e sustentabilidade da formação (Clemens, Dempster e Gough 2019). Essa separação de tarefas permite que os empregadores se concentrem nas exigências a nível de competências, enquanto os intervenientes governamentais e as ACI asseguram a sustentabilidade da migração e a qualidade e o reconhecimento da formação.

A aplicação de PCG em duas vias, e as PCG no geral, implicam o seu próprio conjunto de desafios. A realização de projetos anteriores evidenciou fricções na atribuição de responsabilidades das partes interessadas, falta de resultados satisfatórios na formação e problemas de escalabilidade (Schneider 2023). Um projeto, liderado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros alemão e pelo Grupo Médico Asklepios, foi interrompido quando os estagiários optaram por não participar, em reação às condições financeiras impostas (Angenendt 2014). A imputação de custos de recrutamento aos trabalhadores é proibida na maioria dos países; apenas o Camboja, a partir de 2020, incluiu essa formação antes da partida na definição jurídica de custos de recrutamento (OIT 2020). Outras perceções, emergentes de um projeto jamaicano-canadiano, indicam que os estudantes jamaicanos foram incapazes de cumprir os requisitos práticos posteriores, o que levou à rescisão do acordo por parte da instituição de acreditação canadiana (Reid 2011). Além disso, verifica-se uma falta de avaliações comparativas e abrangentes dos projetos (Schneider 2023). Uma PCG bem-sucedida, o projeto alemão “Triple Win”, lançado em 2013, apresenta uma retenção de 84,4 por cento e a satisfação de 95,4 por cento dos migrantes (GIZ 2021).

É provável que nenhum dos obstáculos estruturais que o ajustamento do mercado de trabalho enfrenta venha a desaparecer no curto prazo, o que torna importante que parcerias globais a nível de competências em duas vias envidem esforços suplementares para enfrentar estes desafios. Para fazer face à escassez estrutural do mercado de trabalho e de competências, serão necessários esforços para aprimorar a ligação ao mercado de trabalho e a melhoria das competências, designadamente para os grupos vulneráveis. Acima de tudo, deve dar-se prioridade às políticas destinadas

a melhorar o crescimento da produtividade e as condições de trabalho. Embora as despesas privadas com a inovação tenham atingido um máximo histórico, a austeridade do setor público conduziu a um subinvestimento em infraestruturas e sistemas educativos. É igualmente necessário fazer face a novos desafios em torno da crescente concentração do mercado e da sustentabilidade ecológica, por exemplo, através de políticas de concorrência mais rigorosas e de sistemas públicos mais ativos no campo da ciência e da inovação, orientados para a realização de missões.

Referências bibliográficas

- ▶ Alaref, Jumana e Johannes Koettl. 2021. "Why Are Saudi Women Suddenly Starting to Take Jobs?" *Brookings*, 19 de maio de 2021. <https://www.brookings.edu/articles/why-are-saudi-women-suddenly-starting-to-take-jobs/>.
- ▶ Albuquerque, Bruno e Roshan Iyer. 2023. "The Rise of the Walking Dead: Zombie Firms Around the World", Documento de Trabalho do FMI, 16 de junho de 2023. <https://www.imf.org/en/Publications/WP/Issues/2023/06/16/The-Rise-of-the-Walking-Dead-Zombie-Firms-Around-the-World-534866>.
- ▶ Andrews, D., e D. Hansell. 2021. "Productivity-Enhancing Labour Reallocation in Australia". *Economic Record* 97 (317): 157–169.
- ▶ Angenendt, S. 2014. *Entwicklungspolitische Perspektiven temporärer und zirkulärer Migration*. Stiftung Wissenschaft und Politik. https://www.swp-berlin.org/publications/products/studien/2014_S13_adt.pdf.
- ▶ Arce, Oscar, Agostino Consolo, António Dias da Silva e Matthias Mohr. 2023. "More Jobs but Fewer Working Hours". *Blogue do BCE*, 7 de junho de 2023. <https://www.ecb.europa.eu/press/blog/date/2023/html/ecb.blog230607~9d31b379c8.en.html>.
- ▶ Azcona, Ginette, Antra Bhatt, Guillem Fortuny, Roger Gomis, Chinmay Sharma e Marie-Claire Sodergren. 2022. "Over 2 Million Moms Left the Labour Force in 2020 According to New Global Estimates". *ONU Mulheres e OIT*, 8 de março de 2022. <https://ilostat.ilo.org/over-2-million-moms-left-the-labour-force-in-2020-according-to-new-global-estimates/>.
- ▶ Banco Mundial. 2023. *World Development Report 2023: Migrants, Refugees, and Societies*. <https://www.worldbank.org/en/publication/wdr2023>.
- ▶ Bäurle, Gregor, Sarah M. Lein e Elizabeth Steiner. 2021. "Employment Adjustment and Financial Tightness: Evidence from Firm-Level Data". *Journal of International Money and Finance* 115. <https://doi.org/10.1016/j.jimonfin.2021.102358>.
- ▶ Bloom, D.E., D. Canning e B. Graham. 2003. "Longevity and Life-Cycle Savings". *Scandinavian Journal of Economics* 105 (3): 319–338.
- ▶ Bodnár, Katalin, Eduardo Gonçalves, Lucyna Górnica e Gerrit Koester. 2022. "Wage Developments and Their Determinants since the Start of the Pandemic". *Boletim Económico do BCE* 8. https://www.ecb.europa.eu/pub/economic-bulletin/articles/2023/html/ecb.ebart202208_02~2328747465.en.html.
- ▶ Bosler, Canyon e Nicolas Petrosky-Nadeau. 2016. "Job-to-Job Transitions in an Evolving Labor Market", FRBSF Economic Letter 2016-34. <https://www.frbsf.org/economic-research/publications/economic-letter/2016/november/job-to-job-transitions-in-evolving-labor-market/>.
- ▶ Buchan, James, Howard Catton e Franklin Shaffer. 2022. *Sustain and Retain in 2022 and Beyond: The Global Nursing Workforce and the COVID-19 Pandemic*. Centro Internacional de Migração de Enfermeiros. <https://www.icn.ch/sites/default/files/2023-04/Sustain%20and%20Retain%20in%202022%20and%20Beyond-%20The%20global%20nursing%20workforce%20and%20the%20COVID-19%20pandemic.pdf>.
- ▶ Butrica, Butrica e Stipica Mudrazija. 2022. *Skills-Based Hiring and Older Workers*. Urban Institute. <https://www.urban.org/research/publication/skills-based-hiring-and-older-workers>.

- Cannari, Luigi, Francesco Nucci e Paolo Sestito. 2000. "Geographic Labour Mobility and the Cost of Housing: Evidence from Italy". *Applied Economics* 32 (14): 1899–1906.
- Causa, Orsetta, Michael Abendschein, Nhung Luu, Emilia Soldani e Chiara Soriolo. 2022. "The Post-COVID-19 Rise in Labour Shortages", Documento de Trabalho do Departamento de Economia da OCDE n.º 1721. <https://www.oecd.org/publications/the-post-covid-19-rise-in-labour-shortages-e60c2d1c-en.htm>.
- Chen, P., e W. Semmler. 2018. "Short and Long Effects of Productivity on Unemployment". *Open Economies Review* 29: 853–878.
- Clemens, Michael. 2015. "Global Skill Partnerships: A Proposal for Technical Training in a Mobile World". *Diário de Política Laboral IZA* 4 (1): 1–18.
- Clemens, Michael, Helen Dempster e Katelyn Gough. 2019. "Maximizing the Shared Benefits of Legal Migration Pathways: Lessons from Germany's Skills Partnerships", Center for Global Development Policy Paper 150. <https://www.cgdev.org/sites/default/files/maximizing-shared-benefits-legal-migration-pathways.pdf>.
- Colijn, Bert. 2023. "This Is the Real Reason Why the Eurozone Is Suffering from Labour Shortages". *ING*, 5 de setembro de 2023. <https://think.ing.com/articles/the-real-reason-why-eurozone-suffering-from-labour-shortages-23/>.
- Comissão Europeia. 2023a. *Employment and Social Developments in Europe 2023: Addressing Labour Shortages and Skills Gaps in the EU*. <https://op.europa.eu/webpub/empl/esde-2023/>.
- Comissão Europeia. 2023b. *European Business Cycle Indicators: A New Survey-Based Labour Hoarding Indicator. 2nd quarter 2023*. <https://data.europa.eu/doi/10.2765/771791>.
- Criscuolo, Chiara, Alexander Hijzen, Michael Koelle, Cyrille Schwellnus, Erling Barth, Wen-Hao Chen, Richard Fessing, Priscilla Fialho, Alfred Garloff, Katharzyna Grabska, et al. 2021. "The Firm-Level Link between Productivity Dispersion and Wage Inequality: A Symptom of Low Job Mobility?" Documento de trabalho n.º 1656 do Departamento de Economia da OCDE. <https://doi.org/10.1787/4c6131e3-en>.
- Dasgupta, S., e S.S. Verick. 2016. *Transformation of Women at Work in Asia: An Unfinished Development Agenda*. Nova Deli: Sage.
- De Neve, Jan-Emmanuel, Micah Kaats e George Ward. 2023. "Workplace Wellbeing and Firm Performance", Documento de Trabalho n.º 2304 do Centro de Investigação do Bem-Estar da Universidade de Oxford. https://ora.ox.ac.uk/objects/uuid:8652ce7e-7bde-449f-a5e7-6b0d0bcc3605/download_file?file_format=application%2Fpdf&safe_filename=De_Neve_et_al_2023_Workplace_wellbeingand_firm.pdf&type_of_work=Working+paper.
- Dewan, S., E. Ernst e E. Gravel. 2021. "The World in 2030: Looking Back Ten Years from Now". In *Managing Work in the Digital Economy: Future of Business and Finance*, editado por S. Güldenbergh, E. Ernst e K. North, 3-20. Cham: Springer.
- Duval, Roman A., Yi Ji, Yongji Li, Myrto Oikonomou, Carlo Pizzinelli, Ippei Shibata, Alessandra Sozzi e Marina Mendes Tavares. 2022. *Labor Market Tightness in Advanced Economies*. FMI. <https://www.imf.org/en/Publications/Staff-Discussion-Notes/Issues/2022/03/30/Labor-Market-Tightness-in-Advanced-Economies-515270>.

- ▶ El Jazzar, Mahmoud, Christian Schranz, Harald Urban e Hala Nassereddine. 2021. "Integrating Construction 4.0 Technologies: A Four-Layer Implementation Plan". *Frontiers in Built Environment* 7. <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fbuil.2021.671408>.
- ▶ Feist, Lisa. A publicar em breve. "Imbalances between Supply and Demand: Recent Causes for Labour Shortages", Documento de Trabalho da OIT.
- ▶ Ferguson, Stephanie e Makinzi Hoover. 2022. "Understanding America's Labor Shortage: The Most Impacted Industries". *Câmara de Comércio dos EUA*, 14 de novembro de 2022. <https://www.uschamber.com/workforce/understanding-americas-labor-shortage-the-most-impacted-industries>.
- ▶ FMI (Fundo Monetário Internacional). 2023. *World Economic Outlook: Navigating Global Divergences*. <https://www.imf.org/en/Publications/WEO/Issues/2023/10/10/world-economic-outlook-october-2023>.
- ▶ Fuller, Joseph, Christina Langer e Matt Sigelman. 2022. "Skills-Based Hiring Is on the Rise". *Harvard Business Review*, 11 de fevereiro de 2022. <https://hbr.org/2022/02/skills-based-hiring-is-on-the-rise>.
- ▶ Génin, Hugues e Suzanne Scott. 2022. "Un portrait de la rétention de main-d'œuvre dans l'industrie française: Analyse à partir des enquêtes mensuelles de conjoncture", Documento de Trabalho do Insee n.º 2022-15. <https://www.insee.fr/fr/statistiques/6675007>.
- ▶ GIZ (Sociedade Alemã de Desenvolvimento). 2021. "Triple Win Programme; Recruiting Nurses from Abroad Sustainably". https://www.giz.de/en/downloads/Factsheet_TripleWin_2021_en.pdf.
- ▶ Haltiwanger, J., H. Hyatt e E. McEntarfer. 2018. "Who Moves Up the Job Ladder?" *Journal of Labor Economics* 36 (S1): S301–S336.
- ▶ Hambur, Jonathan e Dan Andrews. 2023. "Doing Less, with Less: Capital Misallocation, Investment and the Productivity Slowdown in Australia", Documento de Discussão do Banco da Reserva da Austrália 2023-03. <https://www.rba.gov.au/publications/rdp/2023/pdf/rdp2023-03.pdf>.
- ▶ Harasty, Claire e Martin Ostermeier. 2020. "Population Ageing: Alternative Measures of Dependency and Implications for the Future of Work", Documento de Trabalho da OIT n.º 5. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_emp/documents/publication/wcms_747257.pdf.
- ▶ Hetrick, Ron, Hannah Grieser, Rob Sentz, Clare Coffey e Gwen Burrow. 2021. *The Demographic Drought: How the Approaching Pandemic Will Transform the Labor Market for the Rest of Our Lives*. Moscovo, ID: Lightcast. <https://www.datocms-assets.com/62658/1663085587-demographic-drought-v18.pdf>.
- ▶ Hötte, Kerstin, Melline Somers e Angelos Theodorakopoulos. 2023. "Technology and Jobs: A Systematic Literature Review". *Previsão Tecnológica e Mudança Social* 194. <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2023.122750>.
- ▶ Ivanov, Dmitry e Alexandre Dolgui. 2022. "The Shortage Economy and Its Implications for Supply Chain and Operations Management". *International Journal of Production Research* 60 (24): 7141–7154. <https://doi.org/10.1080/00207543.2022.2118889>.

- Komaromi, Andras, Diego A. Cerdeiro e Yang Liu. 2022. "Supply Chains and Port Congestion Around the World", Documento de Trabalho do FMI n.º 2022/059. <https://www.imf.org/en/Publications/WP/Issues/2022/03/25/Supply-Chains-and-Port-Congestion-Around-the-World-515673>.
- Liu, Guang, Yuning Huang e Khaldoun Albitar. 2023. "The Impact of Urban Housing Prices on Labour Mobility: Evidence from Cities in China". *Economic Research–Ekonomika Istraživanja* 36 (2). <https://doi.org/10.1080/1331677X.2022.2106284>.
- Liu-Lastres, B., H. Wen e W.-J. Huang. 2023. "A Reflection on the Great Resignation in the Hospitality and Tourism Industry". *International Journal of Contemporary Hospitality Management* 35 (1): 235–249.
- Manpower Group. 2023. "2023 Global Talent Shortage". https://go.manpowergroup.com/hubfs/MPG_TS_2023_Infographic_FINAL.pdf
- Moscarini, G. e F. Postel-Vinay. 2018. "The Cyclical Job Ladder". *Annual Review of Economics* 10: 165–188.
- OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico) 2023a. *OECD Employment Outlook 2023: Artificial Intelligence and the Labour Market*. <https://doi.org/10.1787/08785bba-en>.
- ———. 2023b. *OECD Economic Outlook, Volume 2023 Issue 1*. <https://doi.org/10.1787/ce188438-en>.
- OIT e Banco Asiático de Desenvolvimento. 2023. *Investments in Childcare for Gender Equality in Asia and the Pacific*. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---asia/---ro-bangkok/documents/publication/wcms_887517.pdf.
- OIT. 2019. *General Principles and Operational Guidelines for Fair Recruitment and Definition of Recruitment Fees and Related Costs*. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_protect/---protrav/---migrant/documents/publication/wcms_536755.pdf.
- ———. 2020. *A Global Comparative Study on Defining Recruitment Fees and Related Costs: Interregional Research on Law, Policy and Practice*. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_protect/---protrav/---migrant/documents/publication/wcms_761729.pdf.
- ———. 2021. *World Employment and Social Outlook: Trends 2021*. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms_795453.pdf.
- ———. 2022a. "Advancing Social Justice and Decent Work in Rural Economies", Documento de Síntese de Política da OIT, outubro de 2022. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_dialogue/---sector/documents/briefingnote/wcms_858195.pdf.
- ———. 2022b. Relatório Global sobre os Salários 2022–23. <https://www.ilo.org/pt-pt/publications/relat%C3%B3rio-global-sobre-os-sal%C3%A1rios-2022%E2%80%9323>.
- ———. 2022c. *The Future of Work in the Tourism Sector: Sustainable and Safe Recovery and Decent Work in the Context of the COVID-19 Pandemic*. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_dialogue/---sector/documents/meetingdocument/wcms_840403.pdf.
- ———. 2023d. Síntese informativa da OIT, 2023. <https://www.ilo.org/pt-pt/publications/desenvolvimento-de-competencias-para-uma-transicao-justa>.

- ▶ ———. 2023a. *World Employment and Social Outlook: Trends 2023*. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---inst/documents/publication/wcms_865332.pdf.
- ▶ ———. 2023b. “Has Youth Employment Recovered?” Documento de Síntese da OIT, junho de 2023. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_emp/documents/publication/wcms_885192.pdf.
- ▶ OMS (Organização Mundial da Saúde 2022. *World Mental Health Report: Transforming Mental Health for All*. <https://www.who.int/publications/i/item/9789240049338>.
- ▶ Pizzinelli, Carlo e Ippai Shibata. 2023. “Has COVID-19 Induced Labor Market Mismatch? Evidence from the US and the UK”. *Labour Economics* 81. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0927537123000040>.
- ▶ Reid, T. 2011. “Suspended: Charles Halts Canadian Nurses Training Programme”. *The Gleaner*, 15 de maio de 2011. <http://jamaica-gleaner.com/gleaner/20110515/lead/lead2.html>.
- ▶ Ruparel, Raoul e Helena Fox. 2023. “State of UK Business 2023: Squeezed but Still Standing”. BCG, 27 de fevereiro de 2023. <https://www.bcg.com/united-kingdom/centre-for-growth/insights/state-of-uk-business-2023>.
- ▶ Sakamoto, Akiko, e Johnny Sung, eds. 2018. *Skills and the Future of Work: Strategies for Inclusive Growth in Asia and the Pacific*. OIT. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---asia/---ro-bangkok/---sro-bangkok/documents/publication/wcms_650239.pdf.
- ▶ Schneider, janeiro de 2023. “Labor Migration Schemes, Pilot Partnerships, and Skills Mobility Initiatives in Germany”. Banco Mundial, abril de 2023. <https://thedocs.worldbank.org/en/doc/1b03278725f9ff007a3b91dc9301135-0050062023/original/230331-Schneider-Background-Paper-FINAL.pdf>.
- ▶ Sheiner, Louise, e Nasiha Salwati. 2022. “How Much Is Long COVID Reducing Labor Force Participation? Not Much (So Far)”, Documento de Trabalho n.º 80 do Hutchins Center. https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2022/10/WP80-Sheiner-Salwati_10.27.pdf.
- ▶ Shirmohammadi, M., W.C. Au e M. Beigi. 2022. “Remote Work and Work–Life Balance: Lessons Learned from the Covid-19 Pandemic and Suggestions for HRD Practitioners”. *Human Resource Development International* 25 (2): 163–181.
- ▶ Silver, H. 2023. “Working from Home: Before and After the Pandemic”. *Contexts* 22 (1): 66–70.
- ▶ Yonzan, Nishant, Alexandru Cojocaru, Christoph Lakner, Daniel Gerszon Mahler e Amber Narayan. 2022. “The Impact of COVID-19 on Poverty and Inequality: Evidence from Phone Surveys”. *World Bank Data Blog*, 18 de janeiro de 2022. <https://blogs.worldbank.org/opendata/impact-covid-19-poverty-and-inequality-evidence-phone-surveys>.
- ▶ Zwysen, Wouter. 2023. “Labour Shortages – Turning Away from Bad Jobs”, Documento de Síntese a nível de Política 2023.03. https://www.etui.org/sites/default/files/2023-04/Labour%20shortages-turning%20away%20from%20bad%20jobs_2023.pdf.



Apêndices

► Apêndice A. Agrupamentos de países e zonas por região e nível de rendimento

África	Américas	Ásia e Pacífico	Europa e Ásia Central
Norte de África Argélia Egito Líbia Marrocos Sara Ocidental Sudão Tunísia África Subsariana África do Sul Angola Benim Botsuana Burquina Faso Burundi Cabo Verde Camarões Chade Comores Congo Costa do Marfim Eritreia Etiópia Gabão Gâmbia Gana Guiné Guiné Equatorial Guiné-Bissau Jibuti Libéria Madagáscar Maláui Mali Maurícia Maurítânia Moçambique Namíbia Níger Nigéria Quênia Lesoto República Centro-Africana República Democrática do Congo República Unida da Tanzânia Ruanda São Tomé e Príncipe Senegal Serra Leoa Somália Suazilândia Sudão do Sul Togo Uganda Zâmbia Zimbabué	América Latina e Caraíbas Bahamas Barbados Belize Bolívia, Estado Plurinacional da Brasil Chile Colômbia Costa Rica Cuba Argentina El Salvador Equador Guatemala Guiana Haiti Honduras Ilhas Virgens dos Estados Unidos Jamaica México Nicarágua Panamá Paraguai Peru Porto Rico República Dominicana Santa Lúcia São Vicente e Granadinas Suriname Trindade e Tobago Uruguai Venezuela, República Bolivariana da América do Norte Canadá; Estados Unidos Estados Árabes Arábia Saudita Barém Catar Emirados Árabes Unidos Iémen Iraque Jordânia Koweit Líbano Omã República Árabe Síria Territórios Palestinos Ocupados	Ásia Oriental China Hong Kong, China Japão Macau, China Mongólia República da Coreia Taiwan, China República Popular Democrática da Coreia Camboja Filipinas Indonésia Malásia Mianmar República Democrática Popular do Laos Singapura Sudeste Asiático Brunei Darussalam Tailândia Timor-Leste Vietname Pacífico Austrália Fiji Guam Ilhas Salomão Nova Caledónia Nova Zelândia Papua Nova Guiné Polinésia Francesa Samoa Tonga Vanuatu Sul da Ásia Afeganistão Bangladeche Butão Índia Irão (República Islâmica) Maldivas Nepal Paquistão Seri Lanca	Europa do Norte, do Sul e Ocidental Albânia Alemanha Áustria Bélgica Bósnia e Herzegovina Croácia Dinamarca Eslovénia Espanha Estónia Finlândia França Grécia Ilhas do Canal Irlanda Islândia Itália Letónia Lituânia Luxemburgo Macedónia do Norte Malta Montenegro Noruega Países Baixos Portugal Reino Unido Sérvia Suécia Suíça Europa Oriental Bielorrússia Bulgária Chéquia Eslováquia Federação Russa Hungria Polónia República da Moldávia Roménia Ucrânia Ásia Central e Ocidental Arménia, Azerbaijão, Cazaquistão, Chipre, Geórgia, Israel, Quirguizistão, Tadjiquistão, Turquemenistão, Turquia, Usbequistão

Rendimento elevado	Rendimento médio-alto	Rendimento médio-baixo	Baixo rendimento
Austrália	Albânia	Argélia	Afeganistão
Alemanha	África do Sul	Angola	Burquina Faso
Arábia Saudita	Argentina	Bangladeche	Burundi
Áustria	Arménia	Benim	Chade
Bahamas	Azerbaijão	Bolívia (Estado Plurinacional da)	Eritreia
Barbados	Bielorrússia	Cabo Verde	Etiópia
Barém	Belize	Butão	Gâmbia
Bélgica	Bósnia-Herzegovina	Camarões	Guiné-Bissau
Brunei Darussalam	Botsuana	Camboja	Iémen
Canadá	Brasil	Comores	Libéria
Catar	Bulgária	Congo	Madagáscar
Chéquia	China	Costa do Marfim	Maláui
Chile	Colômbia	Egito	Mali
Chipre	Costa Rica	Filipinas	Moçambique
Croácia	Cuba	Gana	Níger
Dinamarca	El Salvador	Guiné	República Árabe Síria
Emirados Árabes Unidos	Equador	Haiti	Togo
Eslováquia	Federação Russa	Honduras	República Centro-Africana
Eslovénia	Fiji	Ilhas Salomão	República Democrática do Congo
Espanha	Gabão	Índia	República Popular Democrática da Coreia
Estados Unidos	Geórgia	Irão, (República Islâmica da)	
Estónia	Guatemala	Jibuti	Ruanda
Finlândia	Guiné Equatorial	Jordânia	Serra Leoa
França	Indonésia	Lesoto	Somália
Polinésia Francesa	Iraque	Líbano	Sudão
Grécia	Jamaica	Marrocos	Sudão do Sul
Guam	Cazaquistão	Mauritânia	Uganda
Guiana	Líbia	Mianmar	
Hong Kong, China	Macedónia do Norte	Mongólia	
Hungria	Malásia	Nepal	
Ilhas Virgens dos Estados Unidos	Maldivas	Nicarágua	
Irlanda	Maurícias	Nigéria	
Islândia	México	Papua Nova Guiné	
Israel	Montenegro	Paquistão	
Itália	Namíbia	Quénia	
Japão	Paraguai	Quirguizistão	
Koweit	Peru	República Democrática Popular do Laos	
Letónia	República da Moldávia	República Unida da Tanzânia	
Ilhas do Canal	República Dominicana	Samoa	
Lituânia	Santa Lúcia	São Tomé e Príncipe	
Luxemburgo	São Vicente e Granadinas	Sara Ocidental	
Macau, China	Sérvia	Senegal	
Malta	Suriname	Seri Lanca	
Noruega	Tailândia	Suazilândia	
Nova Caledónia	Territórios Palestínianos Ocupados	Tajiquistão	
Nova Zelândia	Tonga	Timor-Leste	
Omã	Turcomenistão	Tunísia	
Países Baixos	Turquia	Ucrânia	
Panamá	Venezuela (República Bolivariana da)	Usbequistão	
Polónia		Vanuatu	
Porto Rico		Vietname	
Portugal		Zâmbia	
Reino Unido		Zimbabué	
República da Coreia			
Roménia			
Singapura			
Suécia			
Suíça			
Taiwan, China			
Trinidad e Tobago			
Uruguai			

► Apêndice B. Estimativas modeladas da OIT

A abordagem utilizada para obter os indicadores do mercado de trabalho constantes do presente relatório consiste em três fases: a) avaliação e recolha de dados; b) estimativa dos valores históricos dos indicadores e c) previsão dos valores do último ano e futuros.

A primeira fase envolve o trabalho de especialistas em informação do mercado de trabalho do Departamento de Estatística da OIT, que, em cooperação com o Departamento de Investigação, avaliam os dados existentes comunicados por país e selecionam apenas as observações consideradas suficientemente comparáveis entre países. É importante salientar que este processo pode implicar grandes revisões de um ano para o outro, devido, entre outros fatores, a revisões frequentes dos microdados históricos sobre o mercado de trabalho. As estimativas derivam dos dados obtidos em 189 países e territórios, desagregados por sexo e idade, conforme adequado.

Na segunda fase, a riqueza de informação obtida na primeira fase é utilizada como base para estimar uma série de modelos que estabelecem relações estatísticas entre os indicadores do mercado de trabalho observados e as variáveis explicativas. Estas relações são utilizadas para

imputar observações em falta e, assim, estimar uma série histórica completa de indicadores do mercado de trabalho. O rigor das estimativas é assegurado mediante a utilização de técnicas estatísticas avançadas, tais como a validação cruzada e o cálculo da média dos modelos.

Estas séries históricas são, por fim, utilizadas na fase de previsão, em que projetamos os valores dos indicadores selecionados para o período 2023-2025. Os modelos utilizados na projeção são de natureza semelhante aos utilizados na estimativa de valores históricos. Dependem ainda de técnicas avançadas de validação cruzada e seleção de modelos para garantir a robustez. Diferem principalmente na medida em que incluem elementos de séries cronológicas padrão, tais como termos de correção de erros para modelar o impacto das tendências.

Uma descrição geral das estimativas modeladas da OIT, incluindo perguntas frequentes, está disponível em <https://ilostat.ilo.org/resources/concepts-and-definitions/ilo-modelled-estimates/>. As explicações técnicas específicas da metodologia subjacente às estimativas e projeções contidas no presente relatório podem ser consultadas em <https://www.ilo.org/ilostat-files/Documents/TEM.pdf>.

► Apêndice C. Quadros de indicadores do mercado de trabalho por grupos regionais

Quadro C1. Mundo

Indicador	Grupo	Unidade	2000	2010	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
População ativa	Total	Milhões	2751,5	3159,3	3481,6	3449,2	3525,7	3594,5	3668,1	3696,7	3737,4
	Mulheres	Milhões	1091,4	1248,8	1384,5	1366,6	1405,1	1430,7	1472,4	1477,1	1490,1
	Homens	Milhões	1660,1	1910,5	2097,1	2082,5	2120,5	2163,8	2195,7	2219,6	2247,3
	Jovens	Milhões	558,8	557,6	495,4	478,7	487,3	492,5	501,2	502,0	506,4
População ativa taxa de participação	Total	Porcentagem	64,2	62,0	60,5	59,2	59,8	60,3	60,8	60,5	60,4
	Mulheres	Porcentagem	50,6	48,9	48,0	46,8	47,6	47,9	48,7	48,2	48,0
	Homens	Porcentagem	77,9	75,3	73,1	71,7	72,2	72,9	73,0	72,9	72,9
	Jovens	Porcentagem	51,3	45,6	40,9	39,3	39,8	40,0	40,3	40,0	40,0
Emprego	Total	Milhões	2582,9	2957,8	3287,3	3221,8	3312,3	3404,7	3479,5	3505,9	3544,8
	Mulheres	Milhões	1023,0	1168,5	1306,1	1276,6	1318,1	1351,6	1394,5	1398,6	1410,7
	Homens	Milhões	1559,9	1789,3	1981,2	1945,2	1994,2	2053,2	2085,0	2107,3	2134,0
	Jovens	Milhões	491,3	483,5	426,8	403,7	416,7	427,0	434,6	434,3	437,5
Taxa de emprego em termos do total da população	Total	Porcentagem	60,2	58,1	57,1	55,3	56,2	57,1	57,7	57,4	57,3
	Mulheres	Porcentagem	47,4	45,7	45,3	43,7	44,6	45,2	46,1	45,6	45,5
	Homens	Porcentagem	73,2	70,6	69,1	67,0	67,9	69,1	69,4	69,2	69,2
	Jovens	Porcentagem	45,1	39,6	35,2	33,2	34,1	34,7	35,0	34,6	34,6
Desemprego	Total	Milhões	168,6	201,5	194,3	227,3	213,4	189,7	188,6	190,8	192,7
	Mulheres	Milhões	68,4	80,4	78,5	90,0	87,0	79,2	77,9	78,5	79,4
	Homens	Milhões	100,2	121,2	115,9	137,3	126,4	110,6	110,7	112,3	113,3
	Jovens	Milhões	67,5	74,1	68,6	75,0	70,6	65,5	66,6	67,7	68,8
Taxa de desemprego	Total	Porcentagem	6,1	6,4	5,6	6,6	6,1	5,3	5,1	5,2	5,2
	Mulheres	Porcentagem	6,3	6,4	5,7	6,6	6,2	5,5	5,3	5,3	5,3
	Homens	Porcentagem	6,0	6,3	5,5	6,6	6,0	5,1	5,0	5,1	5,0
	Jovens	Porcentagem	12,1	13,3	13,8	15,7	14,5	13,3	13,3	13,5	13,6
Défice de postos de trabalho	Total	Milhões		441,5	439,0	499,5	476,4	440,4	434,8		
	Mulheres	Milhões		217,7	219,7	244,7	238,0	223,0	220,7		
	Homens	Milhões		223,8	219,3	254,8	238,3	217,5	214,1		
Taxa do déficit de postos de trabalho	Total	Porcentagem		13,0	11,8	13,4	12,6	11,5	11,1		
	Mulheres	Porcentagem		15,7	14,4	16,1	15,3	14,2	13,7		
	Homens	Porcentagem		11,1	10,0	11,6	10,7	9,6	9,3		

Quadro C1. Mundo (cont.)

Indicador	Grupo	Unidade	2000	2010	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
Horas semanais trabalhadas por trabalhador por conta de outrem	Total	Horas		43,1	42,0	40,3	41,1	41,3	41,2	41,1	
	Mulheres	Horas		39,1	38,1	36,5	37,3	37,6	37,3	37,2	
	Homens	Horas		45,6	44,6	42,8	43,6	43,7	43,8	43,7	
Jovens que não estudam, não trabalham nem frequentam formação (NEET, <i>not in employment, education or training</i>)	Total	Milhões		273,1	271,0	289,2	274,3	267,6	269,1	273,2	276,4
	Mulheres	Milhões		188,8	181,3	186,7	180,4	178,5	178,9	181,2	183,2
	Homens	Milhões		84,3	89,7	102,5	93,9	89,2	90,2	92,0	93,2
Taxa de jovens NEET	Total	Porcentagem		22,3	22,4	23,8	22,4	21,7	21,7	21,8	21,8
	Mulheres	Porcentagem		31,8	30,9	31,7	30,5	29,9	29,7	29,8	29,9
	Homens	Porcentagem		13,4	14,3	16,3	14,9	14,0	14,1	14,2	14,3
Emprego informal	Total	Milhões		1757,7	1898,9	1875,6	1945,4	1969,1	2019,3	2027,6	
	Mulheres	Milhões		666,6	717,4	697,4	732,7	741,2	773,1	771,6	
	Homens	Milhões		1091,1	1181,6	1178,2	1212,7	1227,9	1246,3	1256,0	
Taxa de informalidade	Total	Porcentagem		59,4	57,8	58,2	58,7	57,8	58,0	57,8	
	Mulheres	Porcentagem		57,0	54,9	54,6	55,6	54,8	55,4	55,2	
	Homens	Porcentagem		61,0	59,6	60,6	60,8	59,8	59,8	59,6	
Trabalhadores assalariados e remunerados	Total	Milhões	1187,0	1459,2	1743,3	1678,9	1729,2	1779,3			
Trabalhadores por conta própria	Total	Milhões	1395,9	1498,6	1544,0	1542,9	1583,1	1625,5			
Porcentagem de trabalhadores assalariados e remunerados	Total	Porcentagem	46,0	49,3	53,0	52,1	52,2	52,3			
Porcentagem de trabalhadores por conta própria	Total	Porcentagem	54,0	50,7	47,0	47,9	47,8	47,7			
Pobreza extrema no trabalho (<2,15 USD PPC por dia)	Total	Milhões	713,0	426,9	227,7	248,0	241,6	240,1	241,1		
Porcentagem da pobreza extrema no trabalho (<2,15 USD PPC por dia)	Total	Porcentagem	27,6	14,4	6,9	7,7	7,3	7,1	6,9		

Nota: “Jovens” = idades entre os 15 e 24 anos. Os termos “mulheres” e “homens” referem-se a pessoas de 15 anos ou mais.

Quadro C2. África

Indicador	Grupo	Unidade	2000	2010	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
População ativa	Total	Milhões	301,1	393,1	490,7	498,2	515,5	533,9	550,4	566,5	582,9
	Mulheres	Milhões	129,6	169,6	210,9	213,9	222,0	229,4	237,0	244,2	251,4
	Homens	Milhões	171,5	223,5	279,9	284,3	293,5	304,6	313,4	322,3	331,4
	Jovens	Milhões	78,9	95,2	105,6	107,1	110,1	113,0	116,7	120,1	123,5
População ativa taxa de participação	Total	Porcentagem	64,5	63,8	62,4	61,7	62,1	62,6	62,8	62,8	62,8
	Mulheres	Porcentagem	54,5	54,3	53,1	52,4	52,9	53,2	53,5	53,6	53,7
	Homens	Porcentagem	74,9	73,5	72,0	71,1	71,4	72,2	72,2	72,2	72,2
	Jovens	Porcentagem	47,8	45,5	41,7	41,2	41,2	41,2	41,4	41,4	41,4
Emprego	Total	Milhões	277,9	366,9	457,6	461,9	477,4	498,2	514,0	529,4	545,2
	Mulheres	Milhões	119,6	156,7	195,1	196,8	203,5	211,6	218,8	225,6	232,5
	Homens	Milhões	158,4	210,2	262,5	265,1	273,9	286,6	295,2	303,7	312,7
	Jovens	Milhões	68,1	83,8	93,8	94,5	97,5	101,1	104,5	107,6	110,7
Taxa de emprego em termos do total da população	Total	Porcentagem	59,5	59,5	58,2	57,2	57,5	58,4	58,6	58,7	58,8
	Mulheres	Porcentagem	50,3	50,2	49,1	48,2	48,5	49,1	49,4	49,5	49,6
	Homens	Porcentagem	69,1	69,1	67,5	66,3	66,7	67,9	68,0	68,0	68,1
	Jovens	Porcentagem	41,3	40,0	37,1	36,4	36,5	36,9	37,0	37,1	37,1
Desemprego	Total	Milhões	23,2	26,2	33,2	36,2	38,1	35,8	36,4	37,1	37,7
	Mulheres	Milhões	10,0	12,9	15,8	17,0	18,5	17,8	18,2	18,6	19,0
	Homens	Milhões	13,2	13,3	17,4	19,2	19,6	18,0	18,3	18,5	18,8
	Jovens	Milhões	10,8	11,4	11,7	12,6	12,5	11,8	12,2	12,5	12,8
Taxa de desemprego	Total	Porcentagem	7,7	6,7	6,8	7,3	7,4	6,7	6,6	6,6	6,5
	Mulheres	Porcentagem	7,7	7,6	7,5	8,0	8,3	7,7	7,7	7,6	7,5
	Homens	Porcentagem	7,7	5,9	6,2	6,8	6,7	5,9	5,8	5,8	5,7
	Jovens	Porcentagem	13,7	11,9	11,1	11,8	11,4	10,5	10,5	10,4	10,3
Défice de postos de trabalho	Total	Milhões		87,2	114,4	122,1	125,5	124,1	124,3		
	Mulheres	Milhões		49,3	64,7	68,6	71,1	70,7	71,1		
	Homens	Milhões		37,9	49,7	53,5	54,4	53,3	53,2		
Taxa do défice de postos de trabalho	Total	Porcentagem		19,2	20,0	20,9	20,8	19,9	19,5		
	Mulheres	Porcentagem		23,9	24,9	25,8	25,9	25,1	24,5		
	Homens	Porcentagem		15,3	15,9	16,8	16,6	15,7	15,3		

Quadro C2. África (cont.)

Indicador	Grupo	Unidade	2000	2010	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
Horas semanais trabalhadas por trabalhador por conta de outrem	Total	Horas		43,1	42,0	40,3	41,1	41,3	41,2	41,1	
	Mulheres	Horas		39,1	38,1	36,5	37,3	37,6	37,3	37,2	
	Homens	Horas		45,6	44,6	42,8	43,6	43,7	43,8	43,7	
Jovens que não estudam, não trabalham nem frequentam formação (NEET, <i>not in employment, education or training</i>)	Total	Milhões		50,2	65,9	70,3	70,4	71,8	73,7	75,8	77,9
	Mulheres	Milhões		32,4	40,9	43,5	43,6	44,6	45,8	47,1	48,4
	Homens	Milhões		17,8	25,0	26,8	26,7	27,2	27,9	28,6	29,4
Taxa de jovens NEET	Total	Porcentagem		24,0	26,0	27,1	26,4	26,2	26,1	26,1	26,1
	Mulheres	Porcentagem		31,1	32,5	33,8	33,0	32,8	32,7	32,7	32,8
	Homens	Porcentagem		16,9	19,6	20,5	19,9	19,7	19,6	19,6	19,5
Emprego informal	Total	Milhões		305,1	381,5	391,6	405,3	416,3	428,2	439,9	
	Mulheres	Milhões		138,8	170,9	173,3	180,6	185,8	191,5	196,9	
	Homens	Milhões		166,3	210,6	218,3	224,6	230,5	236,7	243,0	
Taxa de informalidade	Total	Porcentagem		83,2	83,4	84,8	84,9	83,6	83,3	83,1	
	Mulheres	Porcentagem		88,6	87,6	88,1	88,8	87,8	87,5	87,3	
	Homens	Porcentagem		79,1	80,2	82,3	82,0	80,4	80,2	80,0	
Trabalhadores assalariados e remunerados	Total	Milhões	71,7	98,9	127,0	125,7	130,7	137,9			
Trabalhadores por conta própria	Total	Milhões	206,2	268,0	330,6	336,2	346,8	360,3			
Porcentagem de trabalhadores assalariados e remunerados	Total	Porcentagem	25,8	27,0	27,8	27,2	27,4	27,7			
Porcentagem de trabalhadores por conta própria	Total	Porcentagem	74,2	73,0	72,2	72,8	72,6	72,3			
Pobreza extrema no trabalho (<2,15 USD PPC por dia)	Total	Milhões	130,5	126,1	131,7	138,2	141,3	145,4	148,9		
Porcentagem da pobreza extrema no trabalho (<2,15 USD PPC por dia)	Total	Porcentagem	47,0	34,4	28,8	29,9	29,6	29,2	29,0		

Nota: “Jovens” = idades entre os 15 e 24 anos. Os termos “mulheres” e “homens” referem-se a pessoas de 15 anos ou mais.

Quadro C3. Norte de África

Indicador	Grupo	Unidade	2000	2010	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
População ativa	Total	Milhões	51,7	66,9	73,3	72,8	75,6	78,2	79,8	81,5	83,3
	Mulheres	Milhões	11,7	16,1	16,6	16,0	16,9	17,4	17,8	18,3	18,8
	Homens	Milhões	40,0	50,8	56,7	56,7	58,7	60,8	62,0	63,2	64,5
	Jovens	Milhões	12,6	13,4	10,2	10,0	10,4	10,6	10,8	11,1	11,3
População ativa taxa de participação	Total	Porcentagem	47,3	47,8	44,1	43,0	43,9	44,6	44,6	44,6	44,7
	Mulheres	Porcentagem	21,5	23,1	20,1	19,0	19,6	19,8	20,0	20,1	20,2
	Homens	Porcentagem	73,1	72,3	68,1	66,9	68,0	69,2	69,1	69,1	69,1
	Jovens	Porcentagem	34,7	32,4	24,7	24,0	24,7	24,7	24,7	24,8	24,8
Emprego	Total	Milhões	43,9	59,8	64,9	63,7	66,4	69,7	70,8	72,3	74,1
	Mulheres	Milhões	9,3	12,9	13,0	12,5	13,2	14,0	14,2	14,5	15,0
	Homens	Milhões	34,7	47,0	52,0	51,2	53,2	55,7	56,6	57,8	59,2
	Jovens	Milhões	8,8	10,2	7,5	7,2	7,6	7,9	8,0	8,2	8,5
Taxa de emprego em termos do total da população	Total	Porcentagem	40,3	42,8	39,1	37,7	38,6	39,7	39,6	39,6	39,8
	Mulheres	Porcentagem	17,0	18,5	15,7	14,8	15,4	15,9	15,9	16,0	16,1
	Homens	Porcentagem	63,3	66,9	62,4	60,4	61,6	63,3	63,1	63,2	63,4
	Jovens	Porcentagem	24,2	24,6	18,0	17,2	18,0	18,5	18,3	18,4	18,5
Desemprego	Total	Milhões	7,7	7,0	8,3	9,1	9,1	8,5	9,0	9,2	9,1
	Mulheres	Milhões	2,4	3,2	3,6	3,6	3,6	3,4	3,6	3,8	3,8
	Homens	Milhões	5,3	3,8	4,7	5,5	5,5	5,1	5,4	5,4	5,3
	Jovens	Milhões	3,8	3,2	2,7	2,8	2,8	2,6	2,8	2,9	2,9
Taxa de desemprego	Total	Porcentagem	15,0	10,5	11,4	12,5	12,1	10,9	11,3	11,3	10,9
	Mulheres	Porcentagem	20,6	20,1	21,9	22,2	21,5	19,6	20,4	20,6	20,2
	Homens	Porcentagem	13,3	7,5	8,3	9,7	9,4	8,4	8,7	8,6	8,2
	Jovens	Porcentagem	30,2	24,1	26,9	28,2	27,2	25,0	25,9	25,9	25,3
Défice de postos de trabalho	Total	Milhões		15,3	19,1	20,6	20,5	19,8	19,2		
	Mulheres	Milhões		7,6	9,4	9,4	9,5	9,2	8,9		
	Homens	Milhões		7,6	9,8	11,2	11,1	10,6	10,3		
Taxa do défice de postos de trabalho	Total	Porcentagem		20,3	22,8	24,4	23,6	22,1	21,3		
	Mulheres	Porcentagem		37,2	41,9	42,9	41,7	39,6	38,4		
	Homens	Porcentagem		14,0	15,8	17,9	17,2	16,0	15,4		

Quadro C3. Norte de África (cont.)

Indicador	Grupo	Unidade	2000	2010	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
Horas semanais trabalhadas por trabalhador por conta de outrem	Total	Horas		43,1	42,0	40,3	41,1	41,3	41,2	41,1	
	Mulheres	Horas		39,1	38,1	36,5	37,3	37,6	37,3	37,2	
	Homens	Horas		45,6	44,6	42,8	43,6	43,7	43,8	43,7	
Jovens que não estudam, não trabalham nem frequentam formação (NEET, <i>not in employment, education or training</i>)	Total	Milhões		12,5	11,3	12,1	11,8	11,7	12,0	12,3	12,5
	Mulheres	Milhões		9,1	7,7	8,2	8,0	8,0	8,2	8,4	8,6
	Homens	Milhões		3,4	3,6	3,9	3,8	3,7	3,8	3,9	3,9
Taxa de jovens NEET	Total	Porcentagem		30,3	27,3	29,0	27,9	27,4	27,5	27,5	27,4
	Mulheres	Porcentagem		45,0	38,0	40,1	38,7	38,2	38,4	38,4	38,4
	Homens	Porcentagem		16,2	17,0	18,3	17,5	16,9	17,0	17,0	16,8
Emprego informal	Total	Milhões		35,9	41,3	41,5	42,1	44,1	44,6	45,4	
	Mulheres	Milhões		7,6	7,2	6,9	7,5	7,7	7,7	7,9	
	Homens	Milhões		28,2	34,1	34,6	34,5	36,4	36,9	37,5	
Taxa de informalidade	Total	Porcentagem		59,9	63,6	65,2	63,3	63,3	63,0	62,8	
	Mulheres	Porcentagem		59,4	55,7	55,4	56,9	55,0	54,5	54,4	
	Homens	Porcentagem		60,1	65,6	67,6	64,9	65,4	65,1	65,0	
Trabalhadores assalariados e remunerados	Total	Milhões	24,1	34,7	41,0	40,5	42,3	44,6			
Trabalhadores por conta própria	Total	Milhões	19,8	25,1	23,9	23,2	24,1	25,1			
Porcentagem de trabalhadores assalariados e remunerados	Total	Porcentagem	55,0	58,0	63,1	63,5	63,7	64,0			
Porcentagem de trabalhadores por conta própria	Total	Porcentagem	45,0	42,0	36,9	36,5	36,3	36,0			
Pobreza extrema no trabalho (<2,15 USD PPC por dia)	Total	Milhões	2,1	1,6	2,1	2,4	2,7	3,0	3,5		
Porcentagem da pobreza extrema no trabalho (<2,15 USD PPC por dia)	Total	Porcentagem	4,8	2,6	3,3	3,8	4,0	4,2	5,0		

Nota: “Jovens” = idades entre os 15 e 24 anos. Os termos “mulheres” e “homens” referem-se a pessoas de 15 anos ou mais.

Quadro C4. África Subariana

Indicador	Grupo	Unidade	2000	2010	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
População ativa	Total	Milhões	249,5	326,2	417,5	425,4	439,9	455,7	470,6	485,0	499,6
	Mulheres	Milhões	117,9	153,5	194,3	197,8	205,1	212,0	219,2	225,9	232,7
	Homens	Milhões	131,6	172,7	223,2	227,6	234,8	243,7	251,4	259,1	267,0
	Jovens	Milhões	66,2	81,8	95,4	97,1	99,7	102,4	105,9	109,1	112,1
População ativa taxa de participação	Total	Porcentagem	69,7	68,5	67,3	66,6	66,8	67,2	67,4	67,4	67,4
	Mulheres	Porcentagem	64,3	63,3	61,8	61,1	61,5	61,7	62,0	62,0	62,0
	Homens	Porcentagem	75,4	73,9	73,1	72,3	72,4	72,9	73,0	73,0	73,0
	Jovens	Porcentagem	51,5	48,7	45,0	44,5	44,4	44,2	44,4	44,4	44,4
Emprego	Total	Milhões	234,0	307,1	392,7	398,2	411,0	428,5	443,2	457,1	471,0
	Mulheres	Milhões	110,3	143,9	182,1	184,4	190,3	197,6	204,7	211,1	217,5
	Homens	Milhões	123,7	163,2	210,5	213,9	220,7	230,9	238,5	246,0	253,5
	Jovens	Milhões	59,2	73,6	86,4	87,3	90,0	93,2	96,4	99,4	102,2
Taxa de emprego em termos do total da população	Total	Porcentagem	65,4	64,5	63,3	62,3	62,4	63,2	63,5	63,5	63,5
	Mulheres	Porcentagem	60,2	59,3	57,9	56,9	57,0	57,5	57,9	57,9	57,9
	Homens	Porcentagem	70,9	69,8	68,9	67,9	68,0	69,1	69,3	69,3	69,3
	Jovens	Porcentagem	46,1	43,8	40,8	40,0	40,0	40,3	40,4	40,5	40,4
Desemprego	Total	Milhões	15,5	19,1	24,8	27,2	29,0	27,2	27,4	27,9	28,6
	Mulheres	Milhões	7,6	9,6	12,2	13,5	14,9	14,4	14,5	14,8	15,2
	Homens	Milhões	7,8	9,5	12,7	13,7	14,1	12,9	12,9	13,1	13,5
	Jovens	Milhões	7,0	8,1	9,0	9,8	9,7	9,2	9,4	9,7	9,9
Taxa de desemprego	Total	Porcentagem	6,2	5,9	5,9	6,4	6,6	6,0	5,8	5,8	5,7
	Mulheres	Porcentagem	6,5	6,3	6,3	6,8	7,3	6,8	6,6	6,6	6,5
	Homens	Porcentagem	6,0	5,5	5,7	6,0	6,0	5,3	5,1	5,1	5,0
	Jovens	Porcentagem	10,5	10,0	9,4	10,1	9,7	9,0	8,9	8,9	8,8
Défice de postos de trabalho	Total	Milhões		71,9	95,3	101,5	105,0	104,3	105,1		
	Mulheres	Milhões		41,7	55,4	59,2	61,6	61,6	62,3		
	Homens	Milhões		30,2	40,0	42,3	43,3	42,7	42,9		
Taxa do défice de postos de trabalho	Total	Porcentagem		19,0	19,5	20,3	20,3	19,6	19,2		
	Mulheres	Porcentagem		22,5	23,3	24,3	24,5	23,8	23,3		
	Homens	Porcentagem		15,6	16,0	16,5	16,4	15,6	15,2		

Quadro C4. África Subariana (cont.)

Indicador	Grupo	Unidade	2000	2010	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
Horas semanais trabalhadas por trabalhador por conta de outrem	Total	Horas		43,1	42,0	40,3	41,1	41,3	41,2	41,1	
	Mulheres	Horas		39,1	38,1	36,5	37,3	37,6	37,3	37,2	
	Homens	Horas		45,6	44,6	42,8	43,6	43,7	43,8	43,7	
Jovens que não estudam, não trabalham nem frequentam formação (NEET, <i>not in employment, education or training</i>)	Total	Milhões		37,7	54,6	58,2	58,6	60,1	61,6	63,5	65,4
	Mulheres	Milhões		23,3	33,2	35,3	35,6	36,5	37,6	38,7	39,8
	Homens	Milhões		14,3	21,4	22,9	23,0	23,6	24,1	24,8	25,5
Taxa de jovens NEET	Total	Porcentagem		22,4	25,8	26,7	26,1	26,0	25,9	25,8	25,9
	Mulheres	Porcentagem		27,8	31,5	32,6	31,9	31,8	31,7	31,7	31,7
	Homens	Porcentagem		17,1	20,1	20,9	20,3	20,2	20,1	20,0	20,0
Emprego informal	Total	Milhões		269,3	340,2	350,1	363,2	372,2	383,6	394,5	
	Mulheres	Milhões		131,2	163,7	166,4	173,1	178,1	183,7	189,0	
	Homens	Milhões		138,1	176,5	183,6	190,1	194,1	199,8	205,4	
Taxa de informalidade	Total	Porcentagem		87,7	86,6	87,9	88,4	86,9	86,5	86,3	
	Mulheres	Porcentagem		91,2	89,9	90,3	91,0	90,1	89,8	89,5	
	Homens	Porcentagem		84,6	83,8	85,9	86,1	84,1	83,8	83,5	
Trabalhadores assalariados e remunerados	Total	Milhões	47,6	64,3	86,0	85,2	88,3	93,3			
Trabalhadores por conta própria	Total	Milhões	186,4	242,8	306,6	313,0	322,7	335,2			
Porcentagem de trabalhadores assalariados e remunerados	Total	Porcentagem	20,3	20,9	21,9	21,4	21,5	21,8			
Porcentagem de trabalhadores por conta própria	Total	Porcentagem	79,7	79,1	78,1	78,6	78,5	78,2			
Pobreza extrema no trabalho (<2,15 USD PPC por dia)	Total	Milhões	128,4	124,5	129,6	135,8	138,6	142,5	145,3		
Porcentagem da pobreza extrema no trabalho (<2,15 USD PPC por dia)	Total	Porcentagem	54,9	40,6	33,0	34,1	33,7	33,3	32,8		

Nota: “Jovens” = idades entre os 15 e 24 anos. Os termos “mulheres” e “homens” referem-se a pessoas de 15 anos ou mais.

Quadro C5. América Latina e Caraíbas

Indicador	Grupo	Unidade	2000	2010	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
População ativa	Total	Milhões	221,5	270,5	310,3	294,1	308,5	315,9	319,8	323,3	326,3
	Mulheres	Milhões	85,1	110,1	129,5	121,0	128,1	131,8	133,9	135,4	136,6
	Homens	Milhões	136,4	160,4	180,7	173,1	180,4	184,1	185,9	187,9	189,7
	Jovens	Milhões	54,1	55,2	52,3	47,7	50,5	50,4	49,6	49,2	48,7
População ativa taxa de participação	Total	Porcentagem	62,7	63,5	63,5	59,5	61,7	62,5	62,6	62,5	62,4
	Mulheres	Porcentagem	47,1	50,5	51,7	47,7	50,0	50,9	51,1	51,0	50,9
	Homens	Porcentagem	79,0	77,1	75,8	71,8	74,0	74,8	74,7	74,6	74,4
	Jovens	Porcentagem	53,9	51,3	48,6	44,4	47,2	47,4	46,8	46,6	46,4
Emprego	Total	Milhões	200,5	251,0	285,4	264,1	280,2	294,1	300,0	303,6	306,7
	Mulheres	Milhões	75,0	100,2	117,0	106,4	113,6	120,6	123,9	125,4	126,7
	Homens	Milhões	125,6	150,8	168,4	157,7	166,6	173,5	176,1	178,2	180,0
	Jovens	Milhões	44,7	47,0	42,9	37,6	40,8	42,8	42,8	42,4	42,0
Taxa de emprego em termos do total da população	Total	Porcentagem	56,8	58,9	58,4	53,4	56,0	58,2	58,7	58,7	58,6
	Mulheres	Porcentagem	41,5	46,0	46,7	42,0	44,3	46,6	47,3	47,3	47,2
	Homens	Porcentagem	72,7	72,5	70,6	65,4	68,4	70,5	70,7	70,7	70,6
	Jovens	Porcentagem	44,6	43,7	39,9	35,0	38,2	40,2	40,4	40,2	40,0
Desemprego	Total	Milhões	21,0	19,5	24,8	30,0	28,4	21,8	19,8	19,8	19,6
	Mulheres	Milhões	10,1	9,9	12,5	14,6	14,5	11,2	10,0	10,0	9,9
	Homens	Milhões	10,9	9,6	12,3	15,4	13,8	10,6	9,8	9,8	9,7
	Jovens	Milhões	9,4	8,2	9,4	10,1	9,6	7,6	6,8	6,8	6,7
Taxa de desemprego	Total	Porcentagem	9,5	7,2	8,0	10,2	9,2	6,9	6,2	6,1	6,0
	Mulheres	Porcentagem	11,9	9,0	9,7	12,1	11,3	8,5	7,5	7,4	7,3
	Homens	Porcentagem	8,0	6,0	6,8	8,9	7,7	5,8	5,3	5,2	5,1
	Jovens	Porcentagem	17,4	14,9	18,0	21,2	19,1	15,1	13,6	13,8	13,8
Défice de postos de trabalho	Total	Milhões		50,4	58,7	72,9	65,8	54,0	50,1		
	Mulheres	Milhões		31,1	34,9	41,3	39,3	32,6	30,1		
	Homens	Milhões		19,3	23,8	31,6	26,4	21,5	19,9		
Taxa do défice de postos de trabalho	Total	Porcentagem		16,7	17,1	21,6	19,0	15,5	14,3		
	Mulheres	Porcentagem		23,7	23,0	28,0	25,7	21,3	19,6		
	Homens	Porcentagem		11,3	12,4	16,7	13,7	11,0	10,2		

Quadro C5. América Latina e Caraíbas (cont.)

Indicador	Grupo	Unidade	2000	2010	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
Horas semanais trabalhadas por trabalhador por conta de outrem	Total	Horas		43,1	42,0	40,3	41,1	41,3	41,2	41,1	
	Mulheres	Horas		39,1	38,1	36,5	37,3	37,6	37,3	37,2	
	Homens	Horas		45,6	44,6	42,8	43,6	43,7	43,8	43,7	
Jovens que não estudam, não trabalham nem frequentam formação (NEET, <i>not in employment, education or training</i>)	Total	Milhões		21,9	23,0	26,1	23,2	21,7	21,1	21,0	20,9
	Mulheres	Milhões		15,1	15,1	16,4	14,9	14,0	13,6	13,6	13,5
	Homens	Milhões		6,8	7,8	9,6	8,3	7,7	7,5	7,4	7,4
Taxa de jovens NEET	Total	Porcentagem		20,3	21,4	24,3	21,7	20,4	19,9	19,9	19,9
	Mulheres	Porcentagem		28,2	28,5	31,1	28,2	26,7	26,1	26,1	26,1
	Homens	Porcentagem		12,6	14,4	17,7	15,4	14,3	13,9	13,9	13,9
Emprego informal	Total	Milhões		134,6	150,5	136,4	148,3	153,9	155,4	156,9	
	Mulheres	Milhões		52,8	60,4	52,9	58,4	61,8	62,9	63,5	
	Homens	Milhões		81,8	90,1	83,4	89,9	92,2	92,6	93,4	
Taxa de informalidade	Total	Porcentagem		53,6	52,7	51,6	52,9	52,3	51,8	51,7	
	Mulheres	Porcentagem		52,8	51,7	49,8	51,4	51,2	50,8	50,6	
	Homens	Porcentagem		54,2	53,5	52,9	54,0	53,1	52,6	52,5	
Trabalhadores assalariados e remunerados	Total	Milhões	121,0	157,8	179,7	165,1	173,7	185,5			
Trabalhadores por conta própria	Total	Milhões	79,6	93,2	105,7	99,0	106,5	108,5			
Porcentagem de trabalhadores assalariados e remunerados	Total	Porcentagem	60,3	62,9	63,0	62,5	62,0	63,1			
Porcentagem de trabalhadores por conta própria	Total	Porcentagem	39,7	37,1	37,0	37,5	38,0	36,9			
Pobreza extrema no trabalho (<2,15 USD PPC por dia)	Total	Milhões	18,7	9,4	9,2	10,7	10,0	9,8	9,9		
Porcentagem da pobreza extrema no trabalho (<2,15 USD PPC por dia)	Total	Porcentagem	9,3	3,7	3,2	4,1	3,6	3,3	3,3		

Nota: “Jovens” = idades entre os 15 e 24 anos. Os termos “mulheres” e “homens” referem-se a pessoas de 15 anos ou mais.

Quadro C6. América do Norte

Indicador	Grupo	Unidade	2000	2010	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
População ativa	Total	Milhões	162,6	177,3	190,9	188,3	189,6	191,8	194,5	194,3	194,9
	Mulheres	Milhões	74,5	82,5	88,3	87,1	87,7	89,0	90,6	90,3	90,6
	Homens	Milhões	88,1	94,7	102,5	101,2	101,9	102,8	103,9	104,0	104,3
	Jovens	Milhões	26,4	25,0	25,2	24,3	25,1	25,3	25,7	25,3	25,1
População ativa taxa de participação	Total	Porcentagem	65,9	63,8	62,9	61,6	61,6	61,9	62,2	61,6	61,3
	Mulheres	Porcentagem	58,9	58,1	57,4	56,1	56,1	56,5	57,0	56,3	56,1
	Homens	Porcentagem	73,3	69,8	68,7	67,3	67,3	67,4	67,6	67,0	66,7
	Jovens	Porcentagem	60,3	51,5	52,1	50,2	51,7	51,8	52,2	51,2	50,9
Emprego	Total	Milhões	155,6	160,5	183,4	172,8	179,0	184,5	187,0	186,2	186,5
	Mulheres	Milhões	71,3	75,5	85,0	79,7	82,9	85,6	87,3	86,7	86,8
	Homens	Milhões	84,4	84,9	98,5	93,1	96,1	98,8	99,8	99,5	99,7
	Jovens	Milhões	23,8	20,5	23,0	20,6	22,6	23,2	23,6	23,0	22,7
Taxa de emprego em termos do total da população	Total	Porcentagem	63,1	57,8	60,5	56,5	58,2	59,5	59,8	59,0	58,7
	Mulheres	Porcentagem	56,3	53,2	55,2	51,3	53,1	54,4	54,9	54,1	53,7
	Homens	Porcentagem	70,2	62,6	66,0	61,9	63,5	64,8	64,9	64,1	63,8
	Jovens	Porcentagem	54,5	42,3	47,6	42,4	46,5	47,5	47,9	46,5	46,1
Desemprego	Total	Milhões	7,0	16,8	7,4	15,5	10,6	7,3	7,5	8,1	8,4
	Mulheres	Milhões	3,2	7,0	3,4	7,4	4,8	3,4	3,3	3,6	3,8
	Homens	Milhões	3,7	9,8	4,1	8,1	5,8	4,0	4,1	4,5	4,6
	Jovens	Milhões	2,5	4,5	2,2	3,8	2,5	2,1	2,1	2,3	2,4
Taxa de desemprego	Total	Porcentagem	4,3	9,5	3,9	8,2	5,6	3,8	3,8	4,2	4,3
	Mulheres	Porcentagem	4,4	8,5	3,8	8,5	5,4	3,8	3,7	4,0	4,2
	Homens	Porcentagem	4,2	10,3	4,0	8,0	5,7	3,9	4,0	4,3	4,4
	Jovens	Porcentagem	9,6	17,9	8,7	15,5	10,1	8,3	8,3	9,1	9,4
Défice de postos de trabalho	Total	Milhões		20,2	9,9	18,8	13,6	10,1	9,6		
	Mulheres	Milhões		8,7	4,6	9,0	6,3	4,8	4,5		
	Homens	Milhões		11,5	5,3	9,8	7,3	5,4	5,1		
Taxa do défice de postos de trabalho	Total	Porcentagem		11,2	5,1	9,8	7,1	5,2	4,9		
	Mulheres	Porcentagem		10,3	5,1	10,1	7,0	5,3	4,9		
	Homens	Porcentagem		12,0	5,1	9,5	7,1	5,2	4,9		

Quadro C6. América do Norte (cont.)

Indicador	Grupo	Unidade	2000	2010	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
Horas semanais trabalhadas por trabalhador por conta de outrem	Total	Horas		43,1	42,0	40,3	41,1	41,3	41,2	41,1	
	Mulheres	Horas		39,1	38,1	36,5	37,3	37,6	37,3	37,2	
	Homens	Horas		45,6	44,6	42,8	43,6	43,7	43,8	43,7	
Jovens que não estudam, não trabalham nem frequentam formação (NEET, <i>not in employment, education or training</i>)	Total	Milhões		7,3	5,1	6,9	6,0	5,5	5,3	5,4	5,5
	Mulheres	Milhões		3,6	2,6	3,4	3,0	2,8	2,6	2,7	2,7
	Homens	Milhões		3,7	2,5	3,5	3,0	2,7	2,7	2,8	2,8
Taxa de jovens NEET	Total	Porcentagem		15,1	10,6	14,3	12,3	11,3	10,7	11,0	11,2
	Mulheres	Porcentagem		15,3	11,0	14,4	12,5	11,6	10,7	11,0	11,2
	Homens	Porcentagem		14,9	10,2	14,1	12,0	11,0	10,6	11,0	11,2
Emprego informal	Total	Milhões		19,9	18,0	16,1	18,7	16,5	16,6	16,3	
	Mulheres	Milhões		9,0	8,0	7,1	8,3	7,3	7,3	7,2	
	Homens	Milhões		11,0	10,0	9,0	10,3	9,3	9,2	9,1	
Taxa de informalidade	Total	Porcentagem		12,4	9,8	9,3	10,4	9,0	8,8	8,7	
	Mulheres	Porcentagem		11,9	9,4	8,9	10,0	8,5	8,4	8,3	
	Homens	Porcentagem		12,9	10,2	9,7	10,7	9,4	9,3	9,1	
Trabalhadores assalariados e remunerados	Total	Milhões	142,6	147,6	170,5	160,2	165,8	171,4			
Trabalhadores por conta própria	Total	Milhões	13,1	12,8	13,0	12,6	13,2	13,0			
Porcentagem de trabalhadores assalariados e remunerados	Total	Porcentagem	91,6	92,0	92,9	92,7	92,6	92,9			
Porcentagem de trabalhadores por conta própria	Total	Porcentagem	8,4	8,0	7,1	7,3	7,4	7,1			

Nota: “Jovens” = idades entre os 15 e 24 anos. Os termos “mulheres” e “homens” referem-se a pessoas de 15 anos ou mais.

Quadro C7. Estados árabes (não membros do CCG)

Indicador	Grupo	Unidade	2000	2010	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
População ativa	Total	Milhões	18,2	23,5	27,7	27,5	28,4	30,1	31,3	32,5	33,5
	Mulheres	Milhões	3,2	3,7	4,2	4,2	4,3	4,5	4,7	4,9	5,1
	Homens	Milhões	14,9	19,8	23,5	23,3	24,1	25,6	26,6	27,5	28,4
	Jovens	Milhões	5,3	5,8	6,0	5,8	6,0	6,2	6,4	6,6	6,8
População ativa taxa de participação	Total	Porcentagem	44,8	41,2	38,9	37,4	37,5	38,5	38,8	38,8	38,9
	Mulheres	Porcentagem	15,8	12,7	11,8	11,3	11,3	11,5	11,7	11,7	11,7
	Homens	Porcentagem	74,2	70,0	66,2	63,8	63,9	65,8	66,1	66,2	66,2
	Jovens	Porcentagem	35,6	29,7	26,0	24,6	24,9	25,1	25,2	25,2	25,2
Emprego	Total	Milhões	16,4	21,1	23,5	22,9	23,5	25,2	26,3	27,3	28,2
	Mulheres	Milhões	2,8	3,0	3,1	3,0	3,1	3,3	3,4	3,6	3,7
	Homens	Milhões	13,6	18,0	20,4	19,8	20,4	22,0	22,8	23,7	24,5
	Jovens	Milhões	4,3	4,6	4,1	3,7	3,9	4,2	4,3	4,4	4,5
Taxa de emprego em termos do total da população	Total	Porcentagem	40,4	37,0	33,0	31,1	31,1	32,3	32,5	32,6	32,7
	Mulheres	Porcentagem	13,8	10,6	8,7	8,2	8,3	8,4	8,5	8,5	8,5
	Homens	Porcentagem	67,3	63,8	57,4	54,2	54,1	56,5	56,8	56,9	57,1
	Jovens	Porcentagem	29,1	23,6	17,8	15,8	16,0	16,8	16,8	16,9	16,9
Desemprego	Total	Milhões	1,8	2,4	4,2	4,7	4,9	4,9	5,1	5,2	5,3
	Mulheres	Milhões	0,4	0,6	1,1	1,1	1,2	1,2	1,3	1,4	1,4
	Homens	Milhões	1,4	1,8	3,1	3,5	3,7	3,6	3,8	3,8	3,9
	Jovens	Milhões	1,0	1,2	1,9	2,1	2,2	2,1	2,1	2,2	2,2
Taxa de desemprego	Total	Porcentagem	9,8	10,1	15,3	16,9	17,2	16,1	16,1	16,0	15,8
	Mulheres	Porcentagem	12,7	16,7	26,0	27,2	27,2	27,1	27,4	27,5	27,5
	Homens	Porcentagem	9,2	8,9	13,3	15,1	15,4	14,2	14,1	14,0	13,7
	Jovens	Porcentagem	18,3	20,7	31,6	35,6	35,7	33,2	33,2	33,2	33,0
Défice de postos de trabalho	Total	Milhões		5,5	10,3	11,3	12,0	12,4	13,0		
	Mulheres	Milhões		2,0	3,5	3,8	3,9	4,2	4,4		
	Homens	Milhões		3,5	6,8	7,5	8,1	8,2	8,6		
Taxa do défice de postos de trabalho	Total	Porcentagem		20,6	30,5	33,1	33,8	32,9	33,1		
	Mulheres	Porcentagem		39,7	53,2	55,3	55,4	56,0	56,3		
	Homens	Porcentagem		16,1	24,9	27,5	28,5	27,2	27,3		

Quadro C7. Estados árabes (não membros do CCG) (cont.)

Indicador	Grupo	Unidade	2000	2010	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
Horas semanais trabalhadas por trabalhador por conta de outrem	Total	Horas		43,1	42,0	40,3	41,1	41,3	41,2	41,1	
	Mulheres	Horas		39,1	38,1	36,5	37,3	37,6	37,3	37,2	
	Homens	Horas		45,6	44,6	42,8	43,6	43,7	43,8	43,7	
Jovens que não estudam, não trabalham nem frequentam formação (NEET, <i>not in employment, education or training</i>)	Total	Milhões		7,5	8,9	9,4	9,4	9,5	9,9	10,1	10,4
	Mulheres	Milhões		5,5	6,1	6,3	6,3	6,4	6,6	6,8	7,0
	Homens	Milhões		2,0	2,8	3,1	3,1	3,1	3,2	3,3	3,4
Taxa de jovens NEET	Total	Porcentagem		38,2	38,8	39,7	38,8	38,4	38,5	38,6	38,6
	Mulheres	Porcentagem		57,2	54,3	54,0	52,8	52,8	53,0	53,1	53,2
	Homens	Porcentagem		19,8	23,9	25,8	25,3	24,5	24,6	24,7	24,6
Emprego informal	Total	Milhões		13,5	15,7	15,5	16,1	17,1	17,9	18,6	
	Mulheres	Milhões		1,7	1,6	1,5	1,6	1,7	1,8	1,8	
	Homens	Milhões		11,8	14,1	13,9	14,5	15,5	16,1	16,7	
Taxa de informalidade	Total	Porcentagem		63,9	66,9	67,7	68,5	67,9	68,1	68,2	
	Mulheres	Porcentagem		54,4	50,8	50,7	51,3	51,3	51,4	51,3	
	Homens	Porcentagem		65,5	69,4	70,3	71,1	70,4	70,7	70,7	
Trabalhadores assalariados e remunerados	Total	Milhões	9,5	13,5	15,2	14,7	15,2	16,4			
Trabalhadores por conta própria	Total	Milhões	6,8	7,5	8,3	8,1	8,3	8,8			
Porcentagem de trabalhadores assalariados e remunerados	Total	Porcentagem	58,3	64,2	64,6	64,4	64,6	65,0			
Porcentagem de trabalhadores por conta própria	Total	Porcentagem	41,7	35,8	35,4	35,6	35,4	35,0			
Pobreza extrema no trabalho (<2,15 USD PPC por dia)	Total	Milhões	0,2	0,3	5,1	5,4	5,7	6,3	7,0		
Porcentagem da pobreza extrema no trabalho (<2,15 USD PPC por dia)	Total	Porcentagem	1,5	1,5	21,7	23,8	24,3	25,1	26,5		

Nota: “Jovens” = idades entre os 15 e 24 anos. Os termos “mulheres” e “homens” referem-se a pessoas de 15 anos ou mais.

Quadro C8. Estados árabes (CCG)

Indicador	Grupo	Unidade	2000	2010	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
População ativa	Total	Milhões	11,4	21,5	29,9	30,0	30,2	30,7	31,3	31,7	32,2
	Mulheres	Milhões	1,6	3,3	5,2	5,9	6,2	6,4	6,6	6,7	6,9
	Homens	Milhões	9,8	18,2	24,7	24,2	23,9	24,3	24,7	24,9	25,3
	Jovens	Milhões	1,7	2,8	2,4	2,3	2,2	2,3	2,4	2,5	2,5
População ativa taxa de participação	Total	Porcentagem	56,6	61,7	66,6	66,9	67,7	68,1	68,2	68,0	67,8
	Mulheres	Porcentagem	21,3	26,5	32,9	36,4	38,7	39,0	39,3	39,3	39,3
	Homens	Porcentagem	77,5	81,3	85,0	83,9	84,1	84,8	84,8	84,7	84,6
	Jovens	Porcentagem	27,8	30,4	28,7	28,6	29,7	31,1	31,4	31,4	31,6
Emprego	Total	Milhões	11,0	20,7	28,8	28,4	28,8	29,5	30,1	30,6	31,1
	Mulheres	Milhões	1,5	2,9	4,6	5,0	5,5	5,7	5,9	6,0	6,2
	Homens	Milhões	9,5	17,7	24,2	23,4	23,3	23,8	24,2	24,6	24,9
	Jovens	Milhões	1,5	2,4	2,0	1,8	1,9	2,0	2,1	2,1	2,2
Taxa de emprego em termos do total da população	Total	Porcentagem	54,5	59,2	64,0	63,2	64,5	65,4	65,7	65,6	65,6
	Mulheres	Porcentagem	19,8	23,5	28,5	31,3	33,8	34,6	35,0	35,0	35,2
	Homens	Porcentagem	75,1	79,1	83,5	81,1	81,9	83,0	83,4	83,4	83,4
	Jovens	Porcentagem	23,6	26,0	24,3	22,8	25,1	27,0	27,4	27,5	27,7
Desemprego	Total	Milhões	0,4	0,9	1,1	1,6	1,4	1,2	1,1	1,1	1,1
	Mulheres	Milhões	0,1	0,4	0,7	0,8	0,8	0,7	0,7	0,7	0,7
	Homens	Milhões	0,3	0,5	0,4	0,8	0,6	0,5	0,4	0,4	0,4
	Jovens	Milhões	0,3	0,4	0,4	0,5	0,3	0,3	0,3	0,3	0,3
Taxa de desemprego	Total	Porcentagem	3,6	4,0	3,8	5,5	4,7	4,0	3,7	3,5	3,4
	Mulheres	Porcentagem	6,8	11,2	13,3	14,2	12,6	11,2	10,9	10,8	10,5
	Homens	Porcentagem	3,1	2,7	1,8	3,3	2,6	2,1	1,7	1,6	1,4
	Jovens	Porcentagem	15,0	14,3	15,3	20,5	15,5	13,1	12,8	12,7	12,2
Défice de postos de trabalho	Total	Milhões		3,7	4,9	5,9	5,2	4,6	4,5		
	Mulheres	Milhões		1,9	3,1	3,6	3,3	2,9	3,0		
	Homens	Milhões		1,8	1,8	2,3	1,9	1,7	1,4		
Taxa do défice de postos de trabalho	Total	Porcentagem		15,3	14,6	17,1	15,2	13,5	12,9		
	Mulheres	Porcentagem		39,2	40,5	41,5	37,4	34,0	34,1		
	Homens	Porcentagem		9,4	6,9	9,0	7,6	6,6	5,6		

Quadro C8. Estados árabes (CCG) (cont.)

Indicador	Grupo	Unidade	2000	2010	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
Horas semanais trabalhadas por trabalhador por conta de outrem	Total	Horas		43,1	42,0	40,3	41,1	41,3	41,2	41,1	
	Mulheres	Horas		39,1	38,1	36,5	37,3	37,6	37,3	37,2	
	Homens	Horas		45,6	44,6	42,8	43,6	43,7	43,8	43,7	
Jovens que não estudam, não trabalham nem frequentam formação (NEET, <i>not in employment, education or training</i>)	Total	Milhões		1,8	1,2	1,5	1,3	1,2	1,2	1,2	1,3
	Mulheres	Milhões		1,1	0,8	0,9	0,8	0,8	0,8	0,8	0,8
	Homens	Milhões		0,7	0,4	0,6	0,5	0,4	0,4	0,4	0,4
Taxa de jovens NEET	Total	Porcentagem		20,1	14,3	18,5	17,1	16,4	15,6	15,7	15,7
	Mulheres	Porcentagem		29,0	23,0	25,5	23,1	22,7	21,7	21,9	22,0
	Homens	Porcentagem		13,7	7,7	12,8	12,1	11,0	10,2	10,0	9,8
Emprego informal	Total	Milhões		7,6	10,3	10,0	10,3	10,5	10,7	10,7	
	Mulheres	Milhões		0,9	1,5	1,6	1,8	1,8	1,9	1,9	
	Homens	Milhões		6,7	8,9	8,4	8,5	8,7	8,8	8,8	
Taxa de informalidade	Total	Porcentagem		37,0	35,8	35,4	35,8	35,6	35,4	35,1	
	Mulheres	Porcentagem		32,1	32,1	32,6	32,2	31,9	31,8	31,6	
	Homens	Porcentagem		37,8	36,5	35,9	36,6	36,5	36,3	36,0	
Trabalhadores assalariados e remunerados	Total	Milhões	10,4	19,9	27,5	27,1	27,3	28,0			
Trabalhadores por conta própria	Total	Milhões	0,6	0,7	10,3	10,3	10,5	10,5			
Porcentagem de trabalhadores assalariados e remunerados	Total	Porcentagem	94,7	96,6	95,6	95,5	95,0	95,0			
Porcentagem de trabalhadores por conta própria	Total	Porcentagem	5,3	3,4	4,4	4,5	5,0	5,0			
Pobreza extrema no trabalho (<2,15 USD PPC por dia)	Total	Milhões	0	0	0,1	0,1	0,1	0,1	0,2		
Porcentagem da pobreza extrema no trabalho (<2,15 USD PPC por dia)	Total	Porcentagem	0,1	0	0,5	0,5	0,5	0,5	0,5		

Nota: “Jovens” = idades entre os 15 e 24 anos. Os termos “mulheres” e “homens” referem-se a pessoas de 15 anos ou mais.

Quadro C9. Ásia Oriental

Indicador	Grupo	Unidade	2000	2010	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
População ativa	Total	Milhões	851,0	902,2	914,1	901,4	918,4	921,2	919,7	919,7	920,8
	Mulheres	Milhões	381,7	398,2	411,5	405,3	415,8	415,8	415,0	414,7	414,9
	Homens	Milhões	469,3	504,0	502,6	496,1	502,6	505,4	504,7	505,1	505,9
	Jovens	Milhões	152,3	139,4	93,3	86,9	89,3	88,6	88,6	88,8	89,0
População ativa taxa de participação	Total	Porcentagem	74,5	69,5	66,8	65,6	66,5	66,4	66,0	65,7	65,5
	Mulheres	Porcentagem	67,2	61,7	60,4	59,3	60,5	60,3	59,9	59,5	59,3
	Homens	Porcentagem	81,7	77,2	73,0	71,8	72,4	72,5	72,1	71,8	71,6
	Jovens	Porcentagem	64,6	55,4	49,2	46,4	48,2	48,0	47,9	47,7	47,6
Emprego	Total	Milhões	822,0	861,5	874,6	858,5	878,3	878,0	876,9	876,8	877,6
	Mulheres	Milhões	370,3	382,5	395,9	388,4	399,8	398,7	398,1	397,7	397,9
	Homens	Milhões	451,7	478,9	478,7	470,1	478,5	479,3	478,8	479,1	479,8
	Jovens	Milhões	141,6	125,8	83,8	76,4	78,8	76,4	75,6	75,8	75,9
Taxa de emprego em termos do total da população	Total	Porcentagem	72,0	66,3	63,9	62,4	63,6	63,3	62,9	62,6	62,4
	Mulheres	Porcentagem	65,2	59,2	58,1	56,8	58,2	57,8	57,4	57,1	56,9
	Homens	Porcentagem	78,7	73,3	69,6	68,0	69,0	68,8	68,4	68,1	67,9
	Jovens	Porcentagem	60,0	50,0	44,2	40,9	42,5	41,3	40,9	40,7	40,6
Desemprego	Total	Milhões	29,0	40,8	39,5	42,9	40,1	43,1	42,9	43,0	43,1
	Mulheres	Milhões	11,4	15,7	15,6	16,9	16,0	17,1	17,0	17,0	17,0
	Homens	Milhões	17,6	25,1	23,9	26,0	24,2	26,0	25,9	26,0	26,1
	Jovens	Milhões	10,7	13,6	9,5	10,4	10,5	12,2	13,0	13,0	13,1
Taxa de desemprego	Total	Porcentagem	3,4	4,5	4,3	4,8	4,4	4,7	4,7	4,7	4,7
	Mulheres	Porcentagem	3,0	3,9	3,8	4,2	3,8	4,1	4,1	4,1	4,1
	Homens	Porcentagem	3,8	5,0	4,8	5,2	4,8	5,2	5,1	5,2	5,2
	Jovens	Porcentagem	7,0	9,8	10,2	12,0	11,7	13,8	14,7	14,7	14,7
Défice de postos de trabalho	Total	Milhões		87,5	76,8	83,0	77,4	79,7	78,8		
	Mulheres	Milhões		41,8	36,4	40,3	36,6	37,6	36,9		
	Homens	Milhões		45,8	40,4	42,8	40,8	42,2	41,9		
Taxa do défice de postos de trabalho	Total	Porcentagem		9,2	8,1	8,8	8,1	8,3	8,2		
	Mulheres	Porcentagem		9,8	8,4	9,4	8,4	8,6	8,5		
	Homens	Porcentagem		8,7	7,8	8,3	7,9	8,1	8,1		

Quadro C9. Ásia Oriental (cont.)

Indicador	Grupo	Unidade	2000	2010	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
Horas semanais trabalhadas por trabalhador por conta de outrem	Total	Horas		43,1	42,0	40,3	41,1	41,3	41,2	41,1	
	Mulheres	Horas		39,1	38,1	36,5	37,3	37,6	37,3	37,2	
	Homens	Horas		45,6	44,6	42,8	43,6	43,7	43,8	43,7	
Jovens que não estudam, não trabalham nem frequentam formação (NEET, <i>not in employment, education or training</i>)	Total	Milhões		40,1	21,2	23,7	21,0	21,8	22,4	22,6	22,8
	Mulheres	Milhões		23,0	11,7	12,6	11,2	11,5	11,6	11,7	11,8
	Homens	Milhões		17,2	9,6	11,1	9,8	10,3	10,7	10,9	11,0
Taxa de jovens NEET	Total	Porcentagem		15,9	11,2	12,7	11,3	11,8	12,1	12,2	12,2
	Mulheres	Porcentagem		19,2	13,2	14,4	13,0	13,4	13,6	13,6	13,7
	Homens	Porcentagem		13,0	9,5	11,1	9,9	10,4	10,8	10,9	11,0
Emprego informal	Total	Milhões		467,8	426,9	415,9	431,6	415,6	410,2	405,5	
	Mulheres	Milhões		203,3	189,6	180,8	190,2	183,9	181,3	179,1	
	Homens	Milhões		264,5	237,2	235,1	241,4	231,7	228,8	226,4	
Taxa de informalidade	Total	Porcentagem		54,3	48,8	48,4	49,1	47,3	46,8	46,2	
	Mulheres	Porcentagem		53,1	47,9	46,6	47,6	46,1	45,6	45,0	
	Homens	Porcentagem		55,2	49,6	50,0	50,4	48,3	47,8	47,3	
Trabalhadores assalariados e remunerados	Total	Milhões	352,3	443,6	498,1	488,5	502,2	505,7			
Trabalhadores por conta própria	Total	Milhões	469,8	417,9	376,4	370,0	376,1	372,4			
Porcentagem de trabalhadores assalariados e remunerados	Total	Porcentagem	42,9	51,5	57,0	56,9	57,2	57,6			
Porcentagem de trabalhadores por conta própria	Total	Porcentagem	57,1	48,5	43,0	43,1	42,8	42,4			
Pobreza extrema no trabalho (<2,15 USD PPC por dia)	Total	Milhões	296,8	120,5	3,3	3,0	2,8	3,1	3,1		
Porcentagem da pobreza extrema no trabalho (<2,15 USD PPC por dia)	Total	Porcentagem	36,1	14,0	0,4	0,3	0,3	0,4	0,4		

Nota: “Jovens” = idades entre os 15 e 24 anos. Os termos “mulheres” e “homens” referem-se a pessoas de 15 anos ou mais.

Quadro C10. Sudeste Asiático

Indicador	Grupo	Unidade	2000	2010	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
População ativa	Total	Milhões	246,4	294,0	333,5	330,2	330,1	338,9	344,4	348,2	351,1
	Mulheres	Milhões	103,1	121,8	139,3	137,5	138,1	141,2	143,8	145,2	146,3
	Homens	Milhões	143,3	172,2	194,1	192,8	192,1	197,7	200,6	202,9	204,8
	Jovens	Milhões	54,9	53,1	49,6	47,2	45,2	45,8	46,7	47,0	47,1
População ativa taxa de participação	Total	Porcentagem	68,5	67,7	67,2	65,7	64,9	65,9	66,2	66,1	65,9
	Mulheres	Porcentagem	56,6	55,6	55,7	54,3	53,9	54,5	54,8	54,7	54,5
	Homens	Porcentagem	80,6	79,9	78,9	77,3	76,2	77,6	77,8	77,7	77,5
	Jovens	Porcentagem	53,9	49,4	46,0	43,8	42,0	42,5	43,2	43,3	43,3
Emprego	Total	Milhões	236,8	284,4	325,4	320,4	319,6	330,2	335,8	339,6	342,5
	Mulheres	Milhões	99,0	117,7	136,1	133,5	134,0	137,8	140,3	141,8	142,9
	Homens	Milhões	137,8	166,7	189,3	186,8	185,6	192,5	195,5	197,8	199,6
	Jovens	Milhões	48,8	47,9	45,2	42,4	40,4	41,2	42,2	42,5	42,6
Taxa de emprego em termos do total da população	Total	Porcentagem	65,8	65,4	65,6	63,8	62,9	64,2	64,5	64,5	64,3
	Mulheres	Porcentagem	54,3	53,7	54,4	52,7	52,3	53,2	53,5	53,4	53,2
	Homens	Porcentagem	77,6	77,4	76,9	75,0	73,6	75,5	75,8	75,7	75,5
	Jovens	Porcentagem	47,9	44,6	42,0	39,4	37,5	38,2	39,0	39,2	39,2
Desemprego	Total	Milhões	9,6	9,6	8,0	9,9	10,5	8,7	8,6	8,6	8,6
	Mulheres	Milhões	4,1	4,1	3,2	3,9	4,0	3,5	3,4	3,4	3,4
	Homens	Milhões	5,5	5,4	4,8	5,9	6,4	5,3	5,1	5,1	5,2
	Jovens	Milhões	6,1	5,2	4,4	4,8	4,8	4,6	4,5	4,5	4,5
Taxa de desemprego	Total	Porcentagem	3,9	3,3	2,4	3,0	3,2	2,6	2,5	2,5	2,4
	Mulheres	Porcentagem	4,0	3,4	2,3	2,9	2,9	2,5	2,4	2,4	2,3
	Homens	Porcentagem	3,8	3,2	2,5	3,1	3,4	2,7	2,6	2,5	2,5
	Jovens	Porcentagem	11,0	9,8	8,8	10,1	10,6	10,1	9,7	9,6	9,5
Défice de postos de trabalho	Total	Milhões		26,5	22,4	26,7	32,1	24,0	22,6		
	Mulheres	Milhões		15,3	12,3	13,4	16,5	12,0	11,3		
	Homens	Milhões		11,2	10,2	13,3	15,5	12,0	11,3		
Taxa do défice de postos de trabalho	Total	Porcentagem		8,5	6,5	7,7	9,1	6,8	6,3		
	Mulheres	Porcentagem		11,5	8,3	9,1	11,0	8,0	7,4		
	Homens	Porcentagem		6,3	5,1	6,6	7,7	5,9	5,5		

Quadro C10. Sudeste Asiático (cont.)

Indicador	Grupo	Unidade	2000	2010	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
Horas semanais trabalhadas por trabalhador por conta de outrem	Total	Horas		43,1	42,0	40,3	41,1	41,3	41,2	41,1	
	Mulheres	Horas		39,1	38,1	36,5	37,3	37,6	37,3	37,2	
	Homens	Horas		45,6	44,6	42,8	43,6	43,7	43,8	43,7	
Jovens que não estudam, não trabalham nem frequentam formação (NEET, <i>not in employment, education or training</i>)	Total	Milhões		21,9	18,8	20,3	20,0	19,2	19,0	19,0	19,0
	Mulheres	Milhões		14,0	11,6	12,0	11,5	11,3	11,2	11,3	11,3
	Homens	Milhões		7,9	7,2	8,3	8,6	7,9	7,8	7,7	7,7
Taxa de jovens NEET	Total	Porcentagem		20,3	17,5	18,8	18,6	17,8	17,6	17,5	17,5
	Mulheres	Porcentagem		26,5	22,1	22,8	21,8	21,5	21,3	21,3	21,4
	Homens	Porcentagem		14,4	13,0	15,0	15,5	14,3	14,0	13,9	13,9
Emprego informal	Total	Milhões		225,7	229,1	225,1	228,5	231,2	234,3	235,5	
	Mulheres	Milhões		93,5	95,8	92,4	95,2	96,3	97,5	97,9	
	Homens	Milhões		132,2	133,3	132,7	133,3	134,9	136,8	137,5	
Taxa de informalidade	Total	Porcentagem		79,4	70,4	70,3	71,5	70,0	69,8	69,3	
	Mulheres	Porcentagem		79,5	70,4	69,2	71,0	69,9	69,5	69,1	
	Homens	Porcentagem		79,3	70,4	71,0	71,8	70,1	70,0	69,5	
Trabalhadores assalariados e remunerados	Total	Milhões	79,6	119,0	163,9	158,9	159,3	165,4			
Trabalhadores por conta própria	Total	Milhões	157,2	165,4	161,5	161,5	160,4	164,8			
Porcentagem de trabalhadores assalariados e remunerados	Total	Porcentagem	33,6	41,8	50,4	49,6	49,8	50,1			
Porcentagem de trabalhadores por conta própria	Total	Porcentagem	66,4	58,2	49,6	50,4	50,2	49,9			
Pobreza extrema no trabalho (<2,15 USD PPC por dia)	Total	Milhões	75,9	30,1	10,4	9,5	9,3	8,0	7,4		
Porcentagem da pobreza extrema no trabalho (<2,15 USD PPC por dia)	Total	Porcentagem	32,0	10,6	3,2	3,0	2,9	2,4	2,2		

Nota: “Jovens” = idades entre os 15 e 24 anos. Os termos “mulheres” e “homens” referem-se a pessoas de 15 anos ou mais.

Quadro C11. Sul da Ásia

Indicador	Grupo	Unidade	2000	2010	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
População ativa	Total	Milhões	523,2	632,3	717,6	718,6	739,4	762,4	806,0	810,3	825,6
	Mulheres	Milhões	127,8	158,3	183,0	182,1	190,2	197,7	225,5	220,9	223,9
	Homens	Milhões	395,4	474,0	534,6	536,5	549,2	564,6	580,5	589,4	601,7
	Jovens	Milhões	125,2	126,6	114,5	113,4	114,3	115,6	119,3	116,7	117,8
População ativa taxa de participação	Total	Porcentagem	55,7	53,6	51,3	50,5	51,2	52,0	54,2	53,6	53,8
	Mulheres	Porcentagem	28,0	27,4	26,6	26,1	26,8	27,5	30,8	29,7	29,6
	Homens	Porcentagem	81,9	78,6	75,1	74,1	74,7	75,8	76,7	76,7	77,1
	Jovens	Porcentagem	43,4	37,4	31,8	31,3	31,4	31,6	32,6	31,8	32,1
Emprego	Total	Milhões	486,6	586,0	671,8	664,1	691,4	722,8	765,0	768,9	783,2
	Mulheres	Milhões	118,2	145,9	170,7	168,6	177,7	186,6	214,1	209,8	212,4
	Homens	Milhões	368,4	440,2	501,1	495,5	513,7	536,2	550,9	559,1	570,9
	Jovens	Milhões	109,5	107,0	92,3	89,8	93,3	97,1	99,9	96,9	97,2
Taxa de emprego em termos do total da população	Total	Porcentagem	51,8	49,7	48,0	46,7	47,8	49,3	51,4	50,9	51,0
	Mulheres	Porcentagem	25,8	25,3	24,9	24,1	25,0	25,9	29,3	28,2	28,1
	Homens	Porcentagem	76,3	73,0	70,4	68,4	69,9	71,9	72,8	72,7	73,1
	Jovens	Porcentagem	38,0	31,6	25,6	24,8	25,6	26,6	27,3	26,4	26,5
Desemprego	Total	Milhões	36,6	46,2	45,8	54,5	48,1	39,6	41,0	41,4	42,3
	Mulheres	Milhões	9,6	12,4	12,3	13,5	12,5	11,2	11,4	11,1	11,5
	Homens	Milhões	26,9	33,8	33,5	41,0	35,6	28,4	29,6	30,3	30,9
	Jovens	Milhões	15,7	19,7	22,2	23,5	21,0	18,5	19,4	19,7	20,6
Taxa de desemprego	Total	Porcentagem	7,0	7,3	6,4	7,6	6,5	5,2	5,1	5,1	5,1
	Mulheres	Porcentagem	7,5	7,9	6,7	7,4	6,6	5,6	5,1	5,0	5,1
	Homens	Porcentagem	6,8	7,1	6,3	7,6	6,5	5,0	5,1	5,1	5,1
	Jovens	Porcentagem	12,5	15,5	19,4	20,8	18,3	16,0	16,2	16,9	17,5
Défice de postos de trabalho	Total	Milhões		89,2	82,6	93,9	83,7	75,3	78,6		
	Mulheres	Milhões		31,8	29,7	31,4	29,3	28,5	31,3		
	Homens	Milhões		57,5	52,9	62,5	54,4	46,7	47,3		
Taxa do défice de postos de trabalho	Total	Porcentagem		13,2	11,0	12,4	10,8	9,4	9,3		
	Mulheres	Porcentagem		17,9	14,8	15,7	14,2	13,3	12,8		
	Homens	Porcentagem		11,5	9,6	11,2	9,6	8,0	7,9		

Quadro C11. Sul da Ásia (cont.)

Indicador	Grupo	Unidade	2000	2010	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
Horas semanais trabalhadas por trabalhador por conta de outrem	Total	Horas		43,1	42,0	40,3	41,1	41,3	41,2	41,1	
	Mulheres	Horas		39,1	38,1	36,5	37,3	37,6	37,3	37,2	
	Homens	Horas		45,6	44,6	42,8	43,6	43,7	43,8	43,7	
Jovens que não estudam, não trabalham nem frequentam formação (NEET, <i>not in employment, education or training</i>)	Total	Milhões		100,5	111,1	114,1	107,1	101,8	101,8	102,8	103,2
	Mulheres	Milhões		81,5	83,6	82,3	80,4	78,7	78,3	78,7	78,9
	Homens	Milhões		19,0	27,5	31,8	26,7	23,1	23,5	24,1	24,3
Taxa de jovens NEET	Total	Porcentagem		29,7	30,8	31,5	29,4	27,9	27,8	28,0	28,1
	Mulheres	Porcentagem		49,8	48,3	47,3	46,0	44,9	44,5	44,7	44,7
	Homens	Porcentagem		10,9	14,7	16,9	14,1	12,2	12,3	12,6	12,7
Emprego informal	Total	Milhões		504,9	584,0	586,0	605,7	628,3	667,2	666,2	
	Mulheres	Milhões		131,8	153,2	153,3	161,1	167,7	194,2	188,9	
	Homens	Milhões		373,0	430,8	432,7	444,6	460,7	473,0	477,2	
Taxa de informalidade	Total	Porcentagem		86,1	86,9	88,2	87,6	86,9	87,2	86,6	
	Mulheres	Porcentagem		90,4	89,7	90,9	90,7	89,9	90,7	90,1	
	Homens	Porcentagem		84,7	86,0	87,3	86,5	85,9	85,9	85,4	
Trabalhadores assalariados e remunerados	Total	Milhões	100,6	131,8	203,0	186,5	198,2	206,0			
Trabalhadores por conta própria	Total	Milhões	385,9	454,3	468,9	477,6	493,1	516,8			
Porcentagem de trabalhadores assalariados e remunerados	Total	Porcentagem	20,7	22,5	30,2	28,1	28,7	28,5			
Porcentagem de trabalhadores por conta própria	Total	Porcentagem	79,3	77,5	69,8	71,9	71,3	71,5			
Pobreza extrema no trabalho (<2,15 USD PPC por dia)	Total	Milhões	178,7	133,3	63,9	76,9	68,5	63,4	60,9		
Porcentagem da pobreza extrema no trabalho (<2,15 USD PPC por dia)	Total	Porcentagem	36,7	22,8	9,5	11,6	9,9	8,8	8,0		

Nota: “Jovens” = idades entre os 15 e 24 anos. Os termos “mulheres” e “homens” referem-se a pessoas de 15 anos ou mais.

Quadro C12. Pacífico

Indicador	Grupo	Unidade	2000	2010	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
População ativa	Total	Milhões	14,8	17,5	20,6	20,7	21,2	21,7	22,1	22,3	22,6
	Mulheres	Milhões	6,6	8,0	9,7	9,7	10,0	10,2	10,4	10,4	10,5
	Homens	Milhões	8,3	9,5	11,0	11,0	11,2	11,5	11,7	11,9	12,0
	Jovens	Milhões	3,0	3,3	3,5	3,4	3,5	3,5	3,6	3,5	3,6
População ativa taxa de participação	Total	Porcentagem	64,9	62,8	62,9	62,1	62,6	63,0	63,2	62,9	62,8
	Mulheres	Porcentagem	57,0	57,0	58,5	57,8	58,5	58,8	59,0	58,6	58,4
	Homens	Porcentagem	72,8	68,7	67,3	66,5	66,7	67,3	67,5	67,4	67,2
	Jovens	Porcentagem	64,7	57,3	56,1	54,8	55,8	55,9	55,7	55,0	54,6
Emprego	Total	Milhões	14,0	16,6	19,7	19,6	20,2	20,9	21,3	21,5	21,7
	Mulheres	Milhões	6,2	7,6	9,2	9,2	9,5	9,8	10,0	10,1	10,2
	Homens	Milhões	7,8	9,0	10,5	10,4	10,7	11,1	11,3	11,4	11,5
	Jovens	Milhões	2,7	2,9	3,1	3,0	3,2	3,3	3,3	3,2	3,2
Taxa de emprego em termos do total da população	Total	Porcentagem	61,1	59,7	60,0	58,6	59,7	60,8	60,9	60,6	60,4
	Mulheres	Porcentagem	53,9	54,1	55,9	54,6	55,9	56,8	56,9	56,5	56,3
	Homens	Porcentagem	68,4	65,3	64,1	62,6	63,4	64,8	65,0	64,7	64,6
	Jovens	Porcentagem	57,6	51,1	50,2	48,0	50,2	51,4	51,1	50,3	49,8
Desemprego	Total	Milhões	0,9	0,9	1,0	1,2	1,0	0,8	0,8	0,8	0,9
	Mulheres	Milhões	0,4	0,4	0,4	0,5	0,4	0,4	0,4	0,4	0,4
	Homens	Milhões	0,5	0,5	0,5	0,6	0,6	0,4	0,4	0,5	0,5
	Jovens	Milhões	0,3	0,4	0,4	0,4	0,4	0,3	0,3	0,3	0,3
Taxa de desemprego	Total	Porcentagem	5,8	5,0	4,7	5,7	4,7	3,6	3,6	3,7	3,8
	Mulheres	Porcentagem	5,5	5,1	4,5	5,5	4,4	3,5	3,4	3,6	3,7
	Homens	Porcentagem	6,1	4,9	4,8	5,8	4,9	3,8	3,8	3,9	4,0
	Jovens	Porcentagem	11,0	10,9	10,4	12,3	10,2	8,1	8,3	8,6	8,8
Défice de postos de trabalho	Total	Milhões		1,6	1,8	2,1	1,8	1,6	1,5		
	Mulheres	Milhões		0,8	0,8	0,9	0,9	0,8	0,8		
	Homens	Milhões		0,8	0,9	1,1	0,9	0,8	0,8		
Taxa do défice de postos de trabalho	Total	Porcentagem		8,8	8,3	9,5	8,0	6,9	6,7		
	Mulheres	Porcentagem		9,5	8,4	9,3	8,3	7,3	7,0		
	Homens	Porcentagem		8,3	8,2	9,7	7,7	6,5	6,3		

Quadro C12. Pacífico (cont.)

Indicador	Grupo	Unidade	2000	2010	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
Horas semanais trabalhadas por trabalhador por conta de outrem	Total	Horas		43,1	42,0	40,3	41,1	41,3	41,2	41,1	
	Mulheres	Horas		39,1	38,1	36,5	37,3	37,6	37,3	37,2	
	Homens	Horas		45,6	44,6	42,8	43,6	43,7	43,8	43,7	
Jovens que não estudam, não trabalham nem frequentam formação (NEET, <i>not in employment, education or training</i>)	Total	Milhões		1,1	1,1	1,2	1,2	1,2	1,2	1,2	1,2
	Mulheres	Milhões		0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6
	Homens	Milhões		0,5	0,5	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6
Taxa de jovens NEET	Total	Porcentagem		18,9	18,0	19,4	18,8	18,3	18,5	18,7	18,9
	Mulheres	Porcentagem		20,8	19,5	20,8	20,2	19,8	20,0	20,2	20,4
	Homens	Porcentagem		17,1	16,6	18,1	17,5	17,0	17,1	17,3	17,4
Emprego informal	Total	Milhões		5,9	6,8	6,7	7,0	7,3	7,4	7,4	
	Mulheres	Milhões		2,8	3,3	3,2	3,3	3,4	3,5	3,5	
	Homens	Milhões		3,2	3,6	3,5	3,7	3,9	3,9	3,9	
Taxa de informalidade	Total	Porcentagem		35,9	34,7	34,4	34,6	34,9	34,7	34,7	
	Mulheres	Porcentagem		36,9	35,4	35,1	34,9	34,9	34,8	34,8	
	Homens	Porcentagem		35,0	34,2	33,7	34,4	34,8	34,7	34,6	
Trabalhadores assalariados e remunerados	Total	Milhões	9,8	12,2	14,6	14,4	15,0	15,1			
Trabalhadores por conta própria	Total	Milhões	4,2	4,3	5,1	5,1	5,3	5,8			
Porcentagem de trabalhadores assalariados e remunerados	Total	Porcentagem	70,0	73,8	74,2	73,8	74,0	72,4			
Porcentagem de trabalhadores por conta própria	Total	Porcentagem	30,0	26,2	25,8	26,2	26,0	27,6			
Pobreza extrema no trabalho (<2,15 USD PPC por dia)	Total	Milhões	0,9	0,9	1,0	1,0	1,0	1,1	0,9		
Porcentagem da pobreza extrema no trabalho (<2,15 USD PPC por dia)	Total	Porcentagem	5,3	4,4	5,0	5,0	5,0	4,9	5,3		

Nota: “Jovens” = idades entre os 15 e 24 anos. Os termos “mulheres” e “homens” referem-se a pessoas de 15 anos ou mais.

Quadro C13. Europa do Norte, do Sul e Ocidental

Indicador	Grupo	Unidade	2000	2010	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
População ativa	Total	Milhões	197,6	214,2	223,6	220,9	222,9	225,1	226,6	226,6	226,6
	Mulheres	Milhões	85,9	97,4	104,0	102,8	104,2	105,3	106,0	105,8	105,7
	Homens	Milhões	111,7	116,8	119,6	118,1	118,7	119,8	120,5	120,8	120,9
	Jovens	Milhões	25,3	23,4	21,6	20,8	21,1	21,9	22,3	22,1	21,8
População ativa taxa de participação	Total	Porcentagem	56,4	57,7	58,5	57,6	58,0	58,5	58,7	58,6	58,5
	Mulheres	Porcentagem	47,4	50,9	52,9	52,2	52,8	53,3	53,5	53,3	53,2
	Homens	Porcentagem	66,2	65,0	64,4	63,3	63,5	64,0	64,2	64,1	64,0
	Jovens	Porcentagem	47,5	45,0	43,6	42,1	42,9	44,5	45,5	45,1	44,6
Emprego	Total	Milhões	180,2	193,0	208,1	204,7	206,6	210,9	212,6	212,3	212,3
	Mulheres	Milhões	77,2	87,8	96,5	95,1	96,3	98,3	99,2	98,9	98,8
	Homens	Milhões	103,1	105,2	111,6	109,6	110,3	112,6	113,3	113,4	113,5
	Jovens	Milhões	21,0	18,5	18,4	17,3	17,7	18,8	19,2	18,9	18,7
Taxa de emprego em termos do total da população	Total	Porcentagem	51,5	52,0	54,4	53,4	53,8	54,8	55,1	54,9	54,8
	Mulheres	Porcentagem	42,5	45,8	49,1	48,3	48,8	49,7	50,1	49,8	49,7
	Homens	Porcentagem	61,1	58,6	60,0	58,8	59,0	60,1	60,4	60,2	60,1
	Jovens	Porcentagem	39,5	35,5	37,1	35,1	35,8	38,2	39,2	38,6	38,1
Desemprego	Total	Milhões	17,4	21,2	15,5	16,2	16,3	14,2	14,0	14,3	14,3
	Mulheres	Milhões	8,8	9,6	7,5	7,7	7,9	7,0	6,8	6,9	6,9
	Homens	Milhões	8,6	11,5	8,0	8,4	8,4	7,2	7,2	7,4	7,4
	Jovens	Milhões	4,3	4,9	3,2	3,5	3,5	3,1	3,1	3,2	3,2
Taxa de desemprego	Total	Porcentagem	8,8	9,9	6,9	7,3	7,3	6,3	6,2	6,3	6,3
	Mulheres	Porcentagem	10,2	9,9	7,2	7,5	7,6	6,6	6,4	6,5	6,5
	Homens	Porcentagem	7,7	9,9	6,7	7,2	7,1	6,0	6,0	6,1	6,1
	Jovens	Porcentagem	16,9	21,1	14,9	16,6	16,4	14,1	13,9	14,4	14,5
Défice de postos de trabalho	Total	Milhões		35,8	30,1	34,1	32,9	29,6	28,3		
	Mulheres	Milhões		18,5	16,0	17,9	17,4	15,8	15,0		
	Homens	Milhões		17,3	14,1	16,1	15,5	13,8	13,3		
Taxa do défice de postos de trabalho	Total	Porcentagem		15,6	12,6	14,3	13,7	12,3	11,8		
	Mulheres	Porcentagem		17,4	14,2	15,9	15,3	13,9	13,1		
	Homens	Porcentagem		14,1	11,2	12,8	12,3	10,9	10,5		

Quadro C13. Europa do Norte, do Sul e Ocidental (cont.)

Indicador	Grupo	Unidade	2000	2010	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
Horas semanais trabalhadas por trabalhador por conta de outrem	Total	Horas		43,1	42,0	40,3	41,1	41,3	41,2	41,1	
	Mulheres	Horas		39,1	38,1	36,5	37,3	37,6	37,3	37,2	
	Homens	Horas		45,6	44,6	42,8	43,6	43,7	43,8	43,7	
Jovens que não estudam, não trabalham nem frequentam formação (NEET, <i>not in employment, education or training</i>)	Total	Milhões		6,9	5,3	5,8	5,4	4,9	4,9	5,0	5,0
	Mulheres	Milhões		3,4	2,5	2,7	2,5	2,3	2,3	2,3	2,3
	Homens	Milhões		3,4	2,8	3,1	2,9	2,6	2,6	2,6	2,6
Taxa de jovens NEET	Total	Porcentagem		13,2	10,8	11,8	11,0	10,0	10,0	10,1	10,1
	Mulheres	Porcentagem		13,5	10,6	11,4	10,6	9,7	9,6	9,7	9,7
	Homens	Porcentagem		12,9	10,9	12,1	11,3	10,3	10,3	10,5	10,5
Emprego informal	Total	Milhões		16,1	19,6	18,6	19,0	19,0	18,7	18,2	
	Mulheres	Milhões		7,5	9,1	8,5	8,8	8,7	8,6	8,4	
	Homens	Milhões		8,6	10,5	10,0	10,3	10,3	10,1	9,8	
Taxa de informalidade	Total	Porcentagem		8,4	9,4	9,1	9,2	9,0	8,8	8,6	
	Mulheres	Porcentagem		8,6	9,5	9,0	9,1	8,9	8,7	8,5	
	Homens	Porcentagem		8,2	9,4	9,1	9,3	9,1	8,9	8,6	
Trabalhadores assalariados e remunerados	Total	Milhões	149,9	162,0	177,0	174,3	176,0	179,5			
Trabalhadores por conta própria	Total	Milhões	30,3	31,0	31,1	30,5	30,5	31,3			
Porcentagem de trabalhadores assalariados e remunerados	Total	Porcentagem	83,2	84,0	85,1	85,1	85,2	85,1			
Porcentagem de trabalhadores por conta própria	Total	Porcentagem	16,8	16,0	14,9	14,9	14,8	14,9			
Pobreza extrema no trabalho (<2,15 USD PPC por dia)	Total	Milhões	0,1	0	0	0	0	0	0		
Porcentagem da pobreza extrema no trabalho (<2,15 USD PPC por dia)	Total	Porcentagem	0,1	0	0	0	0	0	0		

Nota: “Jovens” = idades entre os 15 e 24 anos. Os termos “mulheres” e “homens” referem-se a pessoas de 15 anos ou mais.

Quadro C14. Europa de Leste

Indicador	Grupo	Unidade	2000	2010	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
População ativa	Total	Milhões	147,8	148,7	146,2	144,8	144,7	143,8	141,9	140,5	139,4
	Mulheres	Milhões	71,1	71,3	69,2	68,5	68,6	68,4	67,5	66,7	66,1
	Homens	Milhões	76,7	77,4	77,0	76,3	76,0	75,3	74,4	73,8	73,2
	Jovens	Milhões	19,6	15,7	9,7	9,1	8,9	8,5	8,5	8,8	9,0
População ativa taxa de participação	Total	Porcentagem	59,4	59,4	59,7	59,3	59,5	59,5	58,9	58,4	58,0
	Mulheres	Porcentagem	53,2	52,9	52,5	52,1	52,5	52,6	52,1	51,5	51,1
	Homens	Porcentagem	66,5	66,9	68,1	67,6	67,7	67,6	67,0	66,4	65,9
	Jovens	Porcentagem	40,9	37,8	33,6	31,9	31,0	29,5	29,1	29,4	29,6
Emprego	Total	Milhões	131,1	136,9	139,3	136,8	137,1	137,4	136,2	134,8	133,9
	Mulheres	Milhões	63,1	66,1	66,0	64,8	65,0	65,2	64,6	63,9	63,4
	Homens	Milhões	68,0	70,8	73,3	72,0	72,1	72,2	71,5	71,0	70,5
	Jovens	Milhões	15,2	12,8	8,4	7,7	7,5	7,3	7,4	7,6	7,8
Taxa de emprego em termos do total da população	Total	Porcentagem	52,7	54,7	56,9	56,0	56,4	56,9	56,6	56,1	55,7
	Mulheres	Porcentagem	47,2	49,0	50,1	49,3	49,7	50,1	49,9	49,3	49,0
	Homens	Porcentagem	59,0	61,3	64,8	63,8	64,3	64,7	64,4	63,9	63,4
	Jovens	Porcentagem	31,7	30,9	29,0	26,9	26,1	25,4	25,3	25,5	25,8
Desemprego	Total	Milhões	16,7	11,8	6,8	8,0	7,5	6,4	5,7	5,7	5,5
	Mulheres	Milhões	7,9	5,3	3,1	3,7	3,6	3,2	2,8	2,8	2,8
	Homens	Milhões	8,7	6,5	3,7	4,3	3,9	3,2	2,9	2,8	2,8
	Jovens	Milhões	4,4	2,9	1,3	1,4	1,4	1,2	1,1	1,2	1,2
Taxa de desemprego	Total	Porcentagem	11,3	7,9	4,7	5,5	5,2	4,4	4,0	4,0	4,0
	Mulheres	Porcentagem	11,2	7,4	4,5	5,5	5,2	4,7	4,2	4,2	4,2
	Homens	Porcentagem	11,4	8,4	4,8	5,6	5,1	4,2	3,8	3,8	3,8
	Jovens	Porcentagem	22,5	18,4	13,7	15,7	15,6	14,0	13,2	13,2	12,8
Défice de postos de trabalho	Total	Milhões		21,7	14,3	15,7	14,1	13,4	12,0		
	Mulheres	Milhões		10,9	7,4	8,2	7,3	7,1	6,3		
	Homens	Milhões		10,8	6,9	7,5	6,7	6,3	5,7		
Taxa do défice de postos de trabalho	Total	Porcentagem		13,7	9,3	10,3	9,3	8,9	8,1		
	Mulheres	Porcentagem		14,2	10,1	11,2	10,1	9,8	8,9		
	Homens	Porcentagem		13,2	8,6	9,5	8,5	8,0	7,3		

Quadro C14. Europa de Leste (cont.)

Indicador	Grupo	Unidade	2000	2010	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
Horas semanais trabalhadas por trabalhador por conta de outrem	Total	Horas		43,1	42,0	40,3	41,1	41,3	41,2	41,1	
	Mulheres	Horas		39,1	38,1	36,5	37,3	37,6	37,3	37,2	
	Homens	Horas		45,6	44,6	42,8	43,6	43,7	43,8	43,7	
Jovens que não estudam, não trabalham nem frequentam formação (NEET, <i>not in employment, education or training</i>)	Total	Milhões		6,1	3,4	3,6	3,6	3,5	3,3	3,5	3,5
	Mulheres	Milhões		3,6	2,0	2,1	2,1	2,0	1,9	2,0	2,0
	Homens	Milhões		2,5	1,4	1,6	1,6	1,5	1,5	1,5	1,5
Taxa de jovens NEET	Total	Porcentagem		14,7	11,7	12,6	12,8	12,1	11,4	11,6	11,7
	Mulheres	Porcentagem		17,5	13,9	14,7	14,9	14,2	13,2	13,5	13,7
	Homens	Porcentagem		12,0	9,6	10,6	10,7	10,2	9,7	9,8	9,8
Emprego informal	Total	Milhões		28,8	28,8	27,9	28,5	26,7	26,1	25,6	
	Mulheres	Milhões		13,3	12,9	12,5	12,8	12,0	11,7	11,5	
	Homens	Milhões		15,5	15,9	15,4	15,7	14,7	14,4	14,1	
Taxa de informalidade	Total	Porcentagem		21,0	20,6	20,4	20,8	19,5	19,2	19,0	
	Mulheres	Porcentagem		20,1	19,6	19,3	19,6	18,4	18,2	18,0	
	Homens	Porcentagem		21,9	21,6	21,3	21,8	20,4	20,1	19,9	
Trabalhadores assalariados e remunerados	Total	Milhões	114,3	118,1	122,1	119,7	120,4	120,6			
Trabalhadores por conta própria	Total	Milhões	16,8	18,8	17,2	17,1	16,8	16,8			
Percentagem de trabalhadores assalariados e remunerados	Total	Porcentagem	87,2	86,3	87,6	87,5	87,8	87,8			
Percentagem de trabalhadores por conta própria	Total	Porcentagem	12,8	13,7	12,4	12,5	12,2	12,2			
Pobreza extrema no trabalho (<2,15 USD PPC por dia)	Total	Milhões	1,4	0	0	0	0	0	0		
Percentagem da pobreza extrema no trabalho (<2,15 USD PPC por dia)	Total	Porcentagem	1,0	0	0	0	0	0	0		

Nota: “Jovens” = idades entre os 15 e 24 anos. Os termos “mulheres” e “homens” referem-se a pessoas de 15 anos ou mais.

Quadro C15. Ásia Central e Ocidental

Indicador	Grupo	Unidade	2000	2010	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
População ativa	Total	Milhões	55,9	64,7	76,5	74,4	76,7	79,0	80,1	80,9	81,6
	Mulheres	Milhões	21,2	24,7	29,8	28,8	29,9	31,0	31,5	31,8	32,0
	Homens	Milhões	34,7	40,1	46,7	45,6	46,8	47,9	48,6	49,1	49,6
	Jovens	Milhões	12,1	12,0	11,7	10,8	11,1	11,4	11,4	11,5	11,6
População ativa taxa de participação	Total	Porcentagem	57,7	55,1	56,8	54,7	55,8	56,8	56,9	56,8	56,6
	Mulheres	Porcentagem	42,7	41,1	43,4	41,5	42,6	43,7	43,9	43,8	43,6
	Homens	Porcentagem	73,5	69,7	70,8	68,5	69,5	70,4	70,5	70,4	70,2
	Jovens	Porcentagem	44,5	39,1	41,1	38,2	39,5	40,5	40,6	40,5	40,3
Emprego	Total	Milhões	50,7	59,3	69,6	67,7	70,1	73,0	74,4	75,1	75,7
	Mulheres	Milhões	18,8	22,6	26,9	26,1	27,1	28,4	28,9	29,2	29,4
	Homens	Milhões	31,8	36,7	42,7	41,6	43,1	44,7	45,5	45,9	46,4
	Jovens	Milhões	10,0	10,2	9,7	8,9	9,2	9,7	9,8	9,9	9,9
Taxa de emprego em termos do total da população	Total	Porcentagem	52,3	50,5	51,7	49,8	51,0	52,5	52,9	52,7	52,5
	Mulheres	Porcentagem	37,9	37,6	39,2	37,6	38,6	40,0	40,3	40,2	39,9
	Homens	Porcentagem	67,3	63,9	64,7	62,5	63,9	65,6	66,0	65,8	65,6
	Jovens	Porcentagem	36,7	33,2	33,8	31,4	32,8	34,5	34,9	34,8	34,6
Desemprego	Total	Milhões	5,2	5,4	6,9	6,7	6,6	5,9	5,7	5,8	5,9
	Mulheres	Milhões	2,3	2,1	2,9	2,7	2,8	2,7	2,6	2,6	2,7
	Homens	Milhões	2,9	3,3	4,0	4,0	3,8	3,3	3,1	3,2	3,2
	Jovens	Milhões	2,1	1,8	2,1	1,9	1,9	1,7	1,6	1,6	1,6
Taxa de desemprego	Total	Porcentagem	9,4	8,3	9,0	9,0	8,6	7,5	7,1	7,2	7,3
	Mulheres	Porcentagem	11,0	8,4	9,6	9,4	9,4	8,6	8,2	8,3	8,3
	Homens	Porcentagem	8,4	8,3	8,6	8,7	8,0	6,8	6,4	6,5	6,6
	Jovens	Porcentagem	17,5	15,0	17,6	17,8	16,9	14,8	13,9	14,1	14,1
Défice de postos de trabalho	Total	Milhões		12,1	12,7	13,1	12,4	11,7	11,5		
	Mulheres	Milhões		5,7	6,2	6,3	6,1	6,0	6,0		
	Homens	Milhões		6,5	6,4	6,8	6,3	5,7	5,5		
Taxa do défice de postos de trabalho	Total	Porcentagem		17,0	15,4	16,2	15,0	13,8	13,4		
	Mulheres	Porcentagem		20,0	18,8	19,5	18,5	17,5	17,1		
	Homens	Porcentagem		15,0	13,1	14,0	12,7	11,3	10,8		

Quadro C15. Ásia Central e Ocidental (cont.)

Indicador	Grupo	Unidade	2000	2010	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
Horas semanais trabalhadas por trabalhador por conta de outrem	Total	Horas		43,1	42,0	40,3	41,1	41,3	41,2	41,1	
	Mulheres	Horas		39,1	38,1	36,5	37,3	37,6	37,3	37,2	
	Homens	Horas		45,6	44,6	42,8	43,6	43,7	43,8	43,7	
Jovens que não estudam, não trabalham nem frequentam formação (NEET, <i>not in employment, education or training</i>)	Total	Milhões		7,8	6,0	6,3	5,7	5,5	5,5	5,6	5,6
	Mulheres	Milhões		5,1	3,8	3,9	3,6	3,5	3,5	3,5	3,6
	Homens	Milhões		2,8	2,2	2,4	2,1	2,0	2,0	2,0	2,0
Taxa de jovens NEET	Total	Porcentagem		25,5	21,0	22,4	20,3	19,7	19,5	19,6	19,6
	Mulheres	Porcentagem		33,5	27,1	28,2	26,1	25,7	25,5	25,7	25,7
	Homens	Porcentagem		17,7	15,2	16,8	14,9	14,0	13,7	13,8	13,9
Emprego informal	Total	Milhões		27,6	27,7	25,9	26,5	26,6	26,8	26,9	
	Mulheres	Milhões		11,2	11,0	10,2	10,6	10,9	11,0	11,0	
	Homens	Milhões		16,4	16,7	15,7	15,9	15,8	15,9	15,9	
Taxa de informalidade	Total	Porcentagem		46,5	39,8	38,3	37,8	36,4	36,1	35,8	
	Mulheres	Porcentagem		49,4	41,0	39,1	39,1	38,3	37,9	37,6	
	Homens	Porcentagem		44,7	39,1	37,8	36,9	35,3	34,9	34,6	
Trabalhadores assalariados e remunerados	Total	Milhões	25,3	34,6	44,7	43,8	45,5	47,7			
Trabalhadores por conta própria	Total	Milhões	25,3	24,7	24,9	23,9	24,6	25,4			
Porcentagem de trabalhadores assalariados e remunerados	Total	Porcentagem	50,0	58,4	64,2	64,7	64,9	65,3			
Porcentagem de trabalhadores por conta própria	Total	Porcentagem	50,0	41,6	35,8	35,3	35,1	34,7			
Pobreza extrema no trabalho (<2,15 USD PPC por dia)	Total	Milhões	9,3	6,2	3,1	3,1	2,8	2,8	2,6		
Porcentagem da pobreza extrema no trabalho (<2,15 USD PPC por dia)	Total	Porcentagem	18,3	10,5	4,4	4,5	4,0	3,8	3,6		

Nota: “Jovens” = idades entre os 15 e 24 anos. Os termos “mulheres” e “homens” referem-se a pessoas de 15 anos ou mais.

Promover a justiça social e fomentar o trabalho digno

A Organização Internacional do Trabalho é a agência das Nações Unidas para o mundo do trabalho. Reunimos governos, empregadores e trabalhadores para promover uma abordagem do futuro do trabalho centrada no ser humano através da criação de emprego, dos direitos no trabalho, da proteção social e do diálogo social.

Num contexto de abrandamento do crescimento económico, os mercados de trabalho mundiais apresentaram ter resiliência em 2023. O desemprego mundial desceu para o nível mais baixo desde o começo da pandemia, e a participação da população ativa recuperou, na maioria das regiões. Apesar destes indicadores-chave positivos, as condições de trabalho caracterizaram-se por uma certa fragilidade, e o rápido aumento dos preços da energia e dos alimentos deu origem a uma crise do custo de vida. Prevê-se que o crescimento do emprego em 2024 diminua, ainda que o desemprego mundial se venha a manter praticamente inalterado. Nestas condições, deverão persistir importantes défices em matéria de trabalho digno, que, em grande medida, são anteriores à pandemia – especialmente as lacunas de participação de género, a pobreza no trabalho e a informalidade.

O relatório *Perspetivas Sociais e de Emprego no Mundo: Tendências* deste ano proporciona uma avaliação abrangente dos desequilíbrios laborais que surgiram com a recuperação da pandemia e que coexistem com os persistentes défices de trabalho digno. O relatório analisa padrões globais, diferenças regionais e resultados em grupos de trabalhadores. Apresenta igualmente projeções do mercado de trabalho para 2024 e 2025. Por último, apresenta as tendências da participação da população ativa, do número de horas trabalhadas e do crescimento do emprego e analisa os seus contributos para os desequilíbrios do mercado de trabalho.

ilo.org

Organização Internacional do Trabalho
Route des Morillons 4
1211 Genebra 22
Suíça

Tradução para português financiada por:



REPÚBLICA
PORTUGUESA

TRABALHO, SOLIDARIEDADE
E SEGURANÇA SOCIAL



Gabinete de Estratégia
e Planeamento

MINISTÉRIO DO TRABALHO, SOLIDARIEDADE E SEGURANÇA SOCIAL